



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



ELIZANGELA DE SOUSA FERREIRA

Ensinando a história de São Luís através da Igreja de Santo Antônio

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

JULHO / 2024

ELIZANGELA DE SOUSA FERREIRA

**ENSINANDO A HISTÓRIA DE SÃO LUÍS ATRAVÉS DA IGREJA DE
SANTO ANTÔNIO**

Dissertação apresentada ao Mestrado
Profissional em Ensino de História –
PROFHistória/UFMA, na Linha de Pesquisa
“Saberes Históricos em diferentes Espaços
de memória”, sob a orientação da Professora
Dra. Maria José dos Santos.

São Luís- Ma
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Ferreira, Elizangela de Sousa.

Ensinando a história de São Luís através da igreja de Santo Antônio /
Elizangela De Sousa Ferreira. - 2024.

125 f.

Orientador(a): Maria José Dos Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Rede -
Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do
Maranhão, São Luís, 2024.

1. Ensino de história. 2. História local. 3. Igreja de santo antônio.
4. Educação patrimonial. . I. Dos Santos, Maria José. II. Título.

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

ELIZANGELA DE SOUSA FERREIRA

**ENSINANDO A HISTÓRIA DE SÃO LUÍS ATRAVÉS DA IGREJA DE
SANTO ANTÔNIO**

Dissertação apresentada ao Mestrado
Profissional em Ensino de História –
PROFHistória/UFMA, na Linha de Pesquisa
“Saberes Históricos em diferentes Espaços
de memória”, sob a orientação da Professora
Dra. Maria José dos Santos.

São Luís, 04 de julho de 2024

Banca examinadora

Prof.^a Dra. Maria José dos Santos (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dra. Heloisa Reis Curvelo
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dra. Júlia Constança Pereira Camêlo
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me possibilitou o dom da vida e me abençoou com cada amanhecer e por ter me concedido a oportunidade de ingressar numa Universidade Federal como mestrandia e me sustentado durante a minha caminhada acadêmica.

Ao meu amado e tão desejado filho, Bernardo Miguel, que chegou em meio a este processo e desde então se tornou meu impulso e meu farol para seguir em frente nos momentos em que pensei na desistência.

Ao meu esposo Júlio César, que muito me incentivou e esteve comigo em todos os momentos dessa jornada. Obrigada por acreditar no meu sonho junto comigo e me apoiar no desenvolvimento desta pesquisa. Você se tornou essencial para mim.

À minha família que muito amo, principalmente aos meus pais, Evandro e Edna, que sempre estiveram presente durante toda a minha caminhada, a minha sogra Márcia Anárgila pelo carinho e apoio de sempre. E em especial à minha querida irmã Elis Cristina que sempre foi minha referência e minha maior incentivadora a quem eu devo a conclusão dessa dissertação.

À minha orientadora, professora Maria José, que com toda sua paciência e esperteza me orientou e me ensinou muito. Agradeço pela sua dedicação a mim e por ser uma pessoa maravilhosa que muito contribuiu para minha vida acadêmica. Sua inteligência, integridade e responsabilidade são atributos que desejo levar e seguir por toda minha vida. A senhora muito contribuiu para meu aprendizado e também para a realização desse trabalho. Ressalto ainda, que sem você como orientadora, não teria conseguido chegar até aqui. Obrigada pela paciência e por ser tão humana comigo.

Aos professores, Júlia Camêlo, Antônia Mota, Raimundo Inácio e Washington que tornaram essa experiência mais rica e prazerosa com suas aulas e ensinamentos.

À Universidade Federal do Maranhão que me proporcionou mais uma oportunidade de aprendizado e crescimento profissional.

Ao Programa de Pós-graduação PROFHISTÓRIA da UFMA que com professores incríveis alimentou ainda mais meu desejo de uma formação acadêmica para melhor ensinar meus alunos.

RESUMO

O presente trabalho emerge da reflexão sobre os inúmeros problemas vivenciados no ensino de História, principalmente da História de São Luís, pelo público discente e docente, quanto aos materiais didáticos e metodologias empregadas para ministrar as aulas, tornando a aplicabilidade da disciplina carente de conhecimentos importantes sobre a história regional e sua valorização, por isso seu objetivo é propor metodologias usando a Igreja de Santo Antônio enquanto patrimônio para o ensino da história de São Luís. Para isso, foi feita uma pesquisa de cunho qualitativo, com a intenção de levantar dados sobre a Igreja de Santo Antônio e assim torná-la uma ferramenta de estudo e ensino. Para desenvolvimento desta pesquisa, coletou-se trabalhos de autores e seus conceitos-chaves como, Ensino de História (Silveira, 2010; Magalhães, 2020; Barros, 2008), Ensino de História Local direcionado na formação da consciência histórica (Schmidt, 2007), Educação Patrimonial (Horta, 1999) e Memória (Pereira e Oriá, 2012). Inicialmente, foi feito um levantamento no Banco de Dissertações do programa PROFHISTÓRIA, direcionado ao Ensino de História e aos estudos relacionados ao patrimônio, à educação patrimonial, à memória e à história local. Feito isso, foram consultados artigos, livros e os mais variados autores em busca de contribuições para a elaboração da presente pesquisa. A partir das aulas introdutórias sobre o conteúdo, observou-se que os alunos do Ensino Médio têm pouco ou quase nenhum contato com sua história regional, em decorrência de alguns fatores, como a baixa abordagem nos livros didáticos e poucos recursos aos professores, e a pouca evidência em nossa cidade da adoção da Educação Patrimonial enquanto campo de atuação conscientizador da comunidade. Fatores esses que contribuem também para a pouca valorização local, desconhecimento do público geral sobre fontes históricas, como a Igreja, e de sua importância na construção da história da cidade, o que será explicado no decorrer da pesquisa. No entanto, constata-se que o ensino de História de São Luís, apesar de muitas vezes ser visto em segundo plano, possui ferramentas para seu estudo e ensino, esta é a proposta da pesquisa, a elaboração de um Guia pedagógico com aulas feitas a partir e com o objeto de estudo. O uso da Igreja, com o devido planejamento, pode deixar de ser vista apenas como local religioso, tornando-se um método facilitador para o ensino, ocasionando um maior interesse e valorização pela história regional.

Palavras-Chaves: Ensino de História, História Local, Igreja de Santo Antônio/São Luís, Educação Patrimonial.

ABSTRACT

The present work emerges from the reflection on the numerous problems experienced in the teaching of History, mainly the History of São Luís, by the student and teaching public, regarding the teaching materials and methodologies used to teach classes, making the applicability of the discipline lacking important knowledge about regional history and its appreciation, so its objective is to propose methodologies using the Church of Santo Antônio as a heritage for teaching the history of São Luís. To this end, qualitative research was carried out, with the intention of collecting data on the Church of Santo Antônio and thus make it a study and teaching tool. To develop this research, works by authors and their key concepts were collected, such as History Teaching (Silveira, 2010; Magalhães, 2020; Barros, 2008), Local History Teaching aimed at the formation of historical awareness (Schmidt, 2007), Heritage Education (Horta, 1999) and Memory (Pereira and Oriá, 2012). Initially, a survey was carried out in the Dissertation Bank of the PROFHISTÓRIA program, aimed at History Teaching and studies related to heritage, heritage education, memory and local history. Once this was done, articles, books and the most varied authors were consulted in search of contributions to the preparation of this research. From the introductory classes on the content, it was observed that high school students have little or almost no contact with their regional history, due to some factors, such as the low approach in textbooks and few resources for teachers, and the little evidence in our city of the adoption of Heritage Education as a field of action to raise awareness among the community. These factors also contribute to the lack of local appreciation, the general public's lack of knowledge about historical sources, such as the Church, and its importance in the construction of the city's history, which will be explained during the research. However, it appears that the teaching of the History of São Luís, despite often being seen in the background, has tools for its study and teaching, this is the research proposal, the elaboration of a Pedagogical Guide with classes carried out at from and with the object of study. The use of the Church, with due planning, can no longer be seen solely as a religious place, becoming a facilitating method for teaching, causing greater interest and appreciation for regional history.

Keywords: Teaching History, Local History, Church of Santo Antônio/ Saint Louis, Heritage Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Espaços e Igreja de Santo Antônio.....	39
Figura 2. Igreja de Santo Antônio.....	41
Figura 3. Seminário da Igreja de Santo Antônio.....	43
Figura 4. Capela Bom Jesus dos Navegantes	45
Figura 5. Largo da Igreja de Santo Antônio.....	49
Figura 6. Fachada da Igreja de Santo Antônio.....	50
Figura 7. Altar da Igreja de Santo Antônio com Estilo Neoclássico.....	50
Figura 8. Imagem presente na Capela Bom Jesus da Coluna.....	54
Figura 9. Alunos no largo da Igreja de Santo Antônio.....	59
Figura 10. Alunos na Capela Bom Jesus dos Navegantes.....	60
Figura 11. Altar da Igreja de Santo Antônio.....	61
Figura 12. Detalhes artísticos do altar da Igreja de Santo Antônio.....	62
Figura 13. Sala mórtuária	63
Figura 14. Epitáfios confeccionados pelos alunos.....	63
Figura 15. Jazido de Barão de Anajatuba	64
Figura 16. Jazido de Ana Jansen	64
Figura 17. Alunos na praça em frente ao seminário da Igreja de Santo Antônio	66

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	18
2.1 A Igreja como patrimônio local e histórico	25
2.1.1 Patrimônio e memória	28
2.2 Didática e o Ensino de História	30
2.3 História Local e Educação Patrimonial	32
3 A IGREJA DE SANTO ANTÔNIO	28
3.1 A Igreja de Santo Antônio como espaço de Educação Patrimonial	38
3.1.1 Seminário	42
3.1.2 Capela Bom Jesus dos Navegantes	45
3.1.3 Largo	48
3.1.4 A Igreja	49
3.1.5 Capela Bom Jesus da Coluna	53
3.2 A Igreja sob um olhar histórico	54
4 ENSINANDO A HISTÓRIA DE SÃO LUÍS ATRAVÉS DA IGREJA DE SANTO ANTÔNIO	56
5 CONCLUSÃO.....	67
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE	74

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como título: **“ENSINANDO A HISTÓRIA DE SÃO LUÍS ATRAVÉS DA IGREJA DE SANTO ANTÔNIO”**. Ela se insere na linha de pesquisa do PROFHISTÓRIA: “Saberes Históricos em diferentes Espaços de Memória”, e procura ampliar as possibilidades do ensino do município de São Luís, com a Educação Patrimonial e o ensino de História Local.

O presente trabalho retrata a importância da utilização de metodologias relacionadas ao patrimônio histórico existente em São Luís, em especial a Igreja de Santo Antônio, nas aulas de História, enfatizando o uso da Igreja enquanto patrimônio histórico como recurso didático utilizado pelo professor em sala de aula. Há uma grande necessidade de problematizar os conteúdos explanados, contextualizados e relacionados à vivência dos alunos, fazendo com que estes conteúdos sejam mais próximos, dando lugar ao seu contexto social, possibilitando a valorização dos seus conhecimentos prévios, tornando assim a aula de História mais interessante e eficaz permitindo, que o aluno atue como sujeito histórico por meio das problematizações e reflexões.

O aluno precisa se sentir pertencente ao meio, ver que o seu ambiente também é importante, possui história e valores, para isso, seu contexto social e sua realidade devem ocupar os espaços escolares. A utilização da Igreja como ferramenta de ensino e aprendizagem é um exemplo disto, pois é um ambiente público, de fácil acesso, além de ser palco de acontecimentos que ajudaram a construir a história da cidade e a sua identidade, no entanto, pouco se conhece sobre a historicidade da Igreja de Santo Antônio, importância e a forma que ela pode contribuir no processo ensino-aprendizagem.

A Igreja como meio de aprendizagem pode aprimorar o esforço educativo resultando na participação e interesse por parte dos alunos. Tendo-a como local a ser explorado, não somente de forma religiosa, mas também de forma social, traz aos alunos situações vivenciadas em seu cotidiano ou de seus antepassados. A escolha desta Igreja foi feita após muitas visitas ao local. Inicialmente, no decorrer de minha adolescência em meados de 2012 para as celebrações da missa, sempre carregadas de curiosidades sobre sua origem e o porquê de toda aquela arquitetura. O que me levou a buscar informações sobre esse local em 2019 já na faculdade e dando continuidade em 2022 ao ingressar no PROFHISTÓRIA, sendo uma tarefa um pouco mais difícil que o esperado, pois precisei ouvir alguns integrantes mais velhos, padres, seminaristas, ler documentos e livros que abordassem o assunto.

Ao descobrir a data de sua construção e um pouco sobre sua história, me

perguntei o motivo do desconhecimento que se tem sobre os locais históricos da cidade. Acredito que um trabalho de educação patrimonial com base nas propostas de Horta *et al* (1999), do IPHAN e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) possam transformar esse quadro, valorizar os monumentos históricos e promover uma educação cidadã, crítica e afetiva, que busca conhecer e valorizar nossa identidade.

Mas o fato é que, despertou em mim uma vontade imensa de pesquisar sobre a minha cidade - a Ilha de São Luís – e também me fez reconhecer que enquanto historiadora eu negligenciava não só a história do meu município, mas a minha própria história, pois aqui muito estive e por muito tempo só a vi como um lugar religioso até iniciar os estudos e pesquisas sobre sua historicidade. Agora, como professora, principalmente após adentrar o programa do Prohistória, procurei buscar e estudar meios de como usá-la como proposta e ferramenta nas aulas para tornar o ensino-aprendizagem da história de São Luís mais prazeroso e eficiente, para que desta forma, se conheça e valorize também os espaços e história local.

Tendo em vista, que na nossa cidade há mais de cinco Igrejas históricas¹ e centenárias podendo ser usadas também como proposta ao ensino, escolheu-se a Igreja de Santo Antônio para este estudo, por ter sido palco de acontecimentos históricos de aspectos sociais, culturais, religiosos e arquitetônicos como, local de onde partiu a revolta de Beckman (Marques, 1970); espaço onde ocorreu a primeira exposição de arte sacra no Maranhão (Zuccaratto, 2017); proclame de um dos mais importantes sermões do padre Antônio Vieira (Martins, 2010); dispor de vários jazigos, dentre eles de importantes nomes da sociedade maranhense; apresentar diferentes estilos artísticos em sua construção (Carvalho, 2015).

Dentro do Profhistoria, na disciplina de Educação Patrimonial, tive a oportunidade de reunir meus alunos em uma aula a campo realizada no dia 31 de Maio de 2022, onde participaram os alunos do Ensino Médio das turmas de 1º, 2º e 3º ano do Colégio Max localizado no Jardim de Fátima- Cohab. Alunos com faixa etária de 14 a 18 anos. Totalizando o número de 45 meninas e meninos, assim como alguns professores da instituição.

¹ Igreja da Sé (inaugurada em 30 de julho de 1699), Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (1719), Igreja do Carmo (1624), Igreja do Desterro (construída no século XVII).¹

Na primeira etapa foi feita a apresentação do conteúdo ainda em sala de aula buscando um diagnóstico dos alunos sobre os conteúdos prévios sobre patrimônio, história de São Luís e sobre os espaços religiosos da cidade. Perguntas como: O que é Patrimônio Histórico e qual a importância de se conhecer esses espaços da nossa cidade? O que você acha das aulas de História? Quais lugares/monumentos históricos da cidade você conhece?

Direcionando os debates apresentou-se o conceito de Patrimônio Material e Imaterial, o órgão responsável, a importância desses espaços para a história e uma lista de alguns patrimônios de São Luís, trazendo a historicidade da Igreja. Alguns alunos demonstraram saber mesmo que de forma rasa sobre o tema, como por exemplo o conceito de patrimônio mas não souberam apontar exemplos. Um exemplo de resposta foi que patrimônio é uma forma de guardar nossa história para as futuras gerações e um legado que o homem deixa e fica marcado na história. Porém ao pedir exemplos de patrimônio de São Luís poucos alunos souberam, e outros se limitaram a museus e ao Centro Histórico.

Diante de todas as respostas obtidas pelos alunos fica claro o papel do professor de história na mediação da educação patrimonial e sobre o ensino da história local. Para que os alunos não só saibam os conceitos básicos mas possuam o conhecimento de sua própria história para valorizar e sejam despertados para conhecer sua própria história.

Na segunda etapa foi feita a visita a Igreja de Santo Antônio, para isso foi elaborado um roteiro para explorar toda a Igreja e o modo como ela esta dividida nos seus 5 (cinco) espaços que compõem sua estrutura: **Largo de Santo Antônio, Capela Bom Jesus dos Navegantes, Igreja de Santo Antônio, Salas Mortuárias e Seminário de Santo Antônio.** Em cada parada foi guiada por aulas discursivas sobre a história de São Luís como: Jesuítas no Maranhão, Padre Antônio Vieira, Arte Sacra, Barroco, Rococó, Neogótico, Arte Neoclássica, Variação Linguística, Representações Póstumas em São Luís do séc. XVIII e XIX, Sociedade Maranhense do século XIX e XX, Movimentos nativista e Revolta de Beckman.

Nota-se que a Igreja enquanto patrimônio e usada como metodologia de ensino é uma forte ferramenta no desenvolvimento do ensino da história e aulas interdisciplinares, pois como vimos, sua aplicação adequada faz com que aluno e professor aproximem-se mais e estejam mais próximos de uma aprendizagem mais

significativa. Por ser um elemento didático, sendo também fonte histórica, o objeto de estudo, é uma ferramenta pedagógica que, devidamente usada, favorece um ensino regional e que o aluno possa se situar em uma realidade mais concreta e próximo ao seu ser/fazer no mundo.

Por fim, traz outras formas de se olhar uma Igreja para além daquelas com que está familiarizado, deixando de relacionar apenas à religiosidade. Buscando conhecer e valorizar nossa História e nosso Patrimônio trazendo possibilidades inovadoras e acessíveis para um melhor ensino-aprendizagem.

Sobre a História Local, o documento conhecido como Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a Lei nº 9394/1996, traz em seu artigo 26 orientações educacionais:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) (Brasil, 1996).

O documento abre caminhos para que se tenha um processo de educação mais democrático, inovador e facilitador, já que cria mecanismos para que se leve em consideração os conteúdos e propostas regionais e adequando-se às realidades culturais mais específicas. Logo, associando a Igreja e os acontecimentos nela ocorridos com as aulas de História de São Luís.

Empregar a educação patrimonial em diálogo com a história da Igreja de Santo Antônio como metodologia de ensino irá possibilitar ao professor uma experiência com a Educação Patrimonial e História Local, para ampliar as alternativas metodológicas em sala de aula usando uma fonte material local que ainda é acessível. Trazer para a sala de aula a importância de se conhecer e valorizar os fatos ocorridos na cidade de São Luís, que em 1997 foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) como Patrimônio Mundial da Humanidade. Assim também como uma forma de conhecer e valorizar este espaço da cidade, não mais com o olhar apenas religioso e exclusivamente Católico, mas histórico, crítico, e formativo.

A educação patrimonial está diretamente ligada ao conceito da memória. E essa relação poderá desencadear no reconhecimento de uma “luta pela cidadania” por grupos anteriormente ignorados pela sociedade, cujas vozes estiveram silenciadas, deixam de resgatar sentimentos que abrangem laços de pertencimento e de inserção em uma comunidade que conhece e protege sua própria história (Pereira e Oriá, 2012, p. 162).

Nesse contexto, pretende-se com o presente trabalho aprofundar o estudo da história da Igreja de Santo Antônio para reunir dados e aplicá-la para facilitar o ensino da história de São Luís, apontando novas metodologias com aulas a partir de sua historicidade. Com o objetivo de pesquisar sobre um melhor ensino-aprendizagem da história regional, usando espaços, obras, monumentos, acontecimentos e personagens por meio de um patrimônio histórico - a Igreja.

A disciplina de história é muitas vezes vista pelo corpo discente como uma disciplina decorativa, por trabalhar com narrativas, repetições, datas, e quando aborda a temporalidade dos acontecimentos, usa apenas o passado, geralmente não tem uma interferência prática. Vê-se que esta falta de interesse e estímulo pela disciplina é consequência de uma limitação nas metodologias de ensino. Para que este pensamento e senso comum que se construiu sejam desfeitos, é necessário que as formas de pensar e planejar as práticas pedagógicas sejam repensadas e que o professor tenha uma nova postura frente ao conteúdo e sua didática sendo ministrado de forma mais dinâmica e atrativa para facilitar o aprendizado.

Em ‘O que é História?’ Vavy Pacheco Borges (1993, p.11), sobre o significado do termo história diz o seguinte: "História' é uma palavra de origem grega, que significa investigação, informação", e está sempre se constituindo: o conhecimento que ela produz nunca é perfeito ou acabado. Sendo assim, ao ensiná-la deve-se estimular o pensamento crítico do aluno em constante formação. Faz-se necessário a transformação da sala de aula em um ambiente onde o aluno seja também construtor e se sinta um sujeito histórico. Para que isso ocorra, o professor necessita somar ao seu modelo de aula novas metodologias.

Quando se refere ao estudo e ensino da história regional, percebe-se que este tipo de abordagem está ainda mais longe do interesse dos alunos, e de acesso ao professor, que por sua vez não dispõe de materiais didáticos aprofundados. Por exemplo, nos livros do Ensino Médio da Editora Conquista Solução Educacional em sua nova coleção, usada no Colégio Max, onde leciono, os conteúdos abordados relacionados ao Ensino de São Luís seguem essa linha, sempre interligada à História Nacional e Geral. Deixando assim os alunos sem um material que aborde Educação Local mais aprofundada e as discussões sobre Educação Patrimonial e os patrimônios de nossa cidade são inexistentes, gerando falhas no processo de construção do saber histórico e desvalorização da historiografia local, deixando de abranger fatos importantes que ajudaram a construir a cidade e a sua identidade, como: a presença francesa desde sua fundação em 8 de setembro de 1612 e sua expulsão em 1614, a invasão holandesa em 1641, a Revolta de Beckman, ocorrida

entre 1684 e 1685, de caráter nativista, a Guerra dos Bem-te-vis, mais conhecida como Balaiada, que foi a mais longa e numerosa revolta popular ocorrida no Maranhão, entre os anos de 1838 e 1841, durante o período regencial, dentre outros.

Outro agravante é a adesão das Universidades, Centros e Institutos Federais de Educação ao Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) criado em 1998 durante a gestão do Ministro da Educação Paulo Renato Souza, no governo Fernando Henrique Cardoso, para avaliar os estudantes do ensino médio. A partir da sua segunda edição foi utilizado como modalidade de acesso alternativo ao vestibular de várias instituições. No Maranhão, o exame começou a ser aplicado em 2009 com o então presidente Luís Inácio Lula da Silva e o estado sob o governo de Roseana Sarney. Atualmente há vários programas que utilizam a nota do exame, como o Sistema de Seleção Unificada (SiSU), Universidade para Todos (ProUni), Financiamento Estudantil (FIES) que oferecem bolsas, financiamentos e acesso ao meio acadêmico.

O ENEM é uma proposta inovadora, pois oferece parâmetros para o prosseguimento dos estudos ou para o ingresso no mundo do trabalho. No entanto, de uma forma geral aborda conteúdos a nível nacional, gerando consequências, dentre elas, a pouca atenção voltada aos estudos regionais. Assim, a história de São Luís perde espaço no currículo escolar, por não ser um conteúdo obrigatório. O professor quando aborda a história local faz com que as aulas de história deem sentido à vida, à realidade e ao cotidiano do aluno. Por isso, torna-se fundamental abordar a historicidade regional além dos assuntos que são exigidos pelos vestibulares.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)- Lei nº 9.394/96 – no seu artigo 26, destaca que a parte diversificada dos currículos do ensino fundamental e médio deve observar as características regionais e locais da sociedade e da cultura o que abre espaço para a construção de uma proposta de ensino de História Local voltada para a divulgação dos valores, saberes e manifestações culturais dos municípios e estados. O artigo ressalta a importância em trazer para a sala de aula o ensino da história local como um meio construtor e valorativo da cultura e identidade do corpo discente.

A ausência dessas discussões em sala de aula, pode gerar nos alunos o sentimento de não se reconhecerem como sujeitos que constroem a história e, por consequência, não partilhar da responsabilidade social de valorizar o seu lugar, o seu patrimônio. Nesse sentido, como levar reflexões sobre o patrimônio para as aulas de história? E de que forma, os nossos alunos podem construir uma identidade com os patrimônios na medida em que respeitem e se apropriem dos espaços e lugares de memória bem como dos saberes e fazeres da comunidade onde vivem? (Paim, 2010).

Portanto, ao se trabalhar com o patrimônio tem como objetivo a possibilidade de construir um ensino, como reitera Paim: “[...] que possibilite aos alunos a compreensão de quem são, a afirmação da sua personalidade, situando-os no espaço, no tempo, na sociedade em que vivem como sujeitos ativos, capazes de compreender, construir e transformar a sociedade.” (Paim, 2010 p. 101).

É fundamental pensar na constituição dos sujeitos e na sua relação com o mundo, destacando a multiplicidade de significações que permeiam o contexto social. O trabalho com o patrimônio na sala de aula traz essa ideia de legitimidade do sujeito, pois nos coloca a pluralidade de significados produzidos em diferentes contextos sociais podendo se tornar questões importantes de reflexão na representação pela mediação simbólica.

Para isso, embora os elementos da Nova História tenham sido incorporados no currículo, o que, segundo Rüsen (2012) deveria levar a se pensar em novos modelos de escrita, as discussões sobre a composição dos textos didáticos não se mostraram tão frutíferas. Nesse contexto, cabe averiguar a estrutura das narrativas históricas e como os elementos que as compõem podem dificultar sua compreensão pelos estudantes.

Nesse contexto, o presente trabalho traz a proposta de uma metodologia para facilitar e valorizar o ensino da história de São Luís usando a historicidade da Igreja de Santo Antônio, que está intrinsecamente relacionada com a fundação e construção da cidade, no seu contexto social, religioso e econômico. Situada no centro de São Luís, fundada no século XVII por frades franceses, sendo ela palco de acontecimentos que se tornaram históricos. Assim também, contribuir na formação e atuação dos professores de história, apresentando novas perspectivas, possibilidades e recursos para o ensino em sala de aula.

Como produto desta dissertação, um Guia Pedagógico que propõem metodologias usando a Igreja de Santo Antônio enquanto patrimônio para o ensino da história de São Luís, sendo um lugar de memória da localidade, buscando valorizá-la mediante a educação patrimonial. Esse Guia Pedagógico, além dos planejamentos com textos e imagens do nosso objeto de estudo, a Igreja de Santo Antônio, tem sugestões de propostas educativas com base na metodologia de Educação Patrimonial para conteúdos presentes no currículo escolar. O Guia tem como referência a Igreja como patrimônio, com ênfase aos bens culturais, históricos, políticos e sociais da cidade de São Luís. Este material poderá ser utilizado para auxílio dos professores do Ensino Fundamental e Médio da disciplina de História fazendo uso da interdisciplinaridade com as disciplinas de Arte, Religião e Português.

A justificativa e relevância desse trabalho estão fundamentadas na ideia que, hoje, percebe-se que a sociedade tem despertado seu interesse na preservação do patrimônio cultural enquanto elemento formador de sua identidade. Logo, os processos de sensibilização devem começar desde cedo, na formação das crianças e adolescentes. Por isso, este trabalho busca levar ao desenvolvimento dos valores patrimoniais pois, um bem cultural é inseparável do meio onde está inserido e da história da qual é testemunho devendo ser relacionado com seu entorno, e em todos os seus contextos, abandonando a ideia de encará-lo como algo sem importância e isolado no espaço.

Esse trabalho foi dividido em três capítulos e na elaboração de um guia pedagógico como produto educacional, este foi estruturado em formato de Planos de Aulas. O primeiro capítulo discorre sobre o conceito de Patrimônio Cultural e sobre Educação Patrimonial e Memória. Abordando também as problemáticas sobre o Ensino de História.

No segundo capítulo será abordado a Igreja de Santo Antônio como patrimônio cultural e sua historicidade. E no terceiro capítulo será apresentado o Guia Pedagógico. Neste capítulo serão abordados os resultados da aplicação da prática pedagógica, elencando todas as etapas e resultados obtidos.

Os professores de história enfrenta dificuldades, desafios e limites metodológicos, encontradas em uma série de fatores, dentre eles: o sistema, a comunidade pedagógica e a sociedade, estes, pouco buscam compreensão na significância social e humana da disciplina. Silveira, em seu estudo sobre as dificuldades de ensino de História, afirma:

Para isso, ensinar História respeitando a diversidade cultural, as diferenças, dando voz e lugar aos diferentes sujeitos históricos desafia hoje, em pleno século XXI um modelo de ensino ideológico, homogeneizante e que ainda permanece no tradicionalismo tecnicista, vazio e de autoexclusão, aumentando assim, a responsabilidade e compromisso dos que lutam e sonham com uma História Social e Humana. Uma vez que a escola é um tempo de vida, é uma instituição social que se faz pelo trabalho das pessoas, e o desafio é justamente esse diante de tantas dificuldades apresentadas ao longo da história da disciplina. (Silveira, 2010).

Para que a disciplina cumpra com a tarefa de transformar e dar lugar ao aluno, fazendo com que ele se sinta sujeito histórico, é preciso desenvolver um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural. O ensino de história regional tem um maior agravante por seu conteúdo ser muitas vezes ausente nos livros didáticos, logo, para abordá-lo é necessário utilizar outros recursos.

A história local é um importante instrumento no sentido de perceber os

elementos de construção da identidade de uma coletividade, bem como os símbolos que representam tais sociedades, sejam eles de grupos dominantes ou dominados.

Utilizar o patrimônio histórico e cultural como ferramenta de ensino aprendizagem na sala de aula, contribui para o fortalecimento do sentido de pertencimento e é salutar para uma vivência consciente dos estudantes, pois transforma as aulas de história, dando lugar de fala à realidade dos alunos.

Diante do cenário de ausência do uso de História local e o Patrimônio Cultural como evidência histórica no ensino de História e elemento propulsor de ações educativas, o que se buscou investigar foi: De que maneira a historicidade da Igreja de Santo Antônio pode ser uma proposta metodológica para o ensino e valorização da história de São Luís?

2 ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

História é uma palavra utilizada diariamente, mas ao questionar seu significado, dificilmente se conseguirá chegar a uma definição única, muito se escuta que esta, é uma disciplina relacionada a fatos ocorridos a muito tempo, demonstrando assim, um desprestígio e desinformação sobre a disciplina. De acordo com Azevedo, a história enquanto narrativa surge com a necessidade de se explicar e entender a origem de algo, foi assim narrado por muito tempo pelos mitos, posteriormente a história se une à filosofia e a substituição por um melhor conhecimento baseado na erudição e razão gerando assim o seu progresso. Contudo, a história está sempre em construção, o conhecimento por ela produzido nunca é perfeito ou acabado.

É possível afirmar que a função da história consiste em fornecer explicações para as sociedades, sobre suas origens e as transformações pelas quais a humanidade passa. Tais explicações, por mais diferentes e até mesmo contraditórias que sejam, são feitas sempre sobre uma base comum - o tempo, a temporalidade. (Azevedo, 2010, p. 300).

A própria definição de História é algo que evolui ao longo do tempo, refletindo mudanças, revisões e construções contínuas. Por isso, a pergunta "O que é história?" não possui uma resposta fixa, sendo abordada por vários historiadores ao longo do tempo. É fundamental que todos os educadores também se empenhem em abordar essa questão, mesmo em contextos diversos.

A história não seria mais entendida como uma "ciência do passado", por isso esta é sempre reescrita. Bloch (2001) já dizia que história é a Ciência dos homens no tempo, pois o historiador não apenas pensa o humano isoladamente, onde afirma:

Diz-se algumas vezes: "A história é a ciência do passado." É [no meu modo de ver] falar errado. [Pois, em primeiro lugar,] a própria ideia de que o passado, enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda. Como, sem uma decantação prévia, poderíamos fazer de fenômenos que não têm outra característica comum a não ser não terem sido contemporâneos, matéria de um conhecimento racional? Será possível imaginar, em contrapartida, uma ciência total do Universo, em seu estado presente? (Bloch, 2001, p. 52).

Sendo assim, ao ensiná-la deve-se estimular o pensamento crítico do aluno em constante formação. Faz-se necessário a transformação da sala de aula em um ambiente onde o aluno seja também construtor e sujeito histórico, para que isso ocorra, o professor necessita somar ao seu modelo de aula, novos meios metodológicos.

A interpretação da História deve ser vista como um processo. Isso implica em compreendê-la como a interseção entre um contexto (um ambiente, uma comunidade,

uma ocupação, etc.), métodos de análise (uma abordagem disciplinar) e a elaboração de uma narrativa (uma forma de escrita).

Esse tipo de percepção é fundamental, pois comprova que a história faz parte da realidade da qual trata e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática". (Certeau, 2011, p. 47).

Para Certeau, portanto, "a operação histórica se refere à: combinação de um lugar social, determinadas práticas ou procedimentos técnicos e, por fim, a escrita. A análise desses elementos (dos quais o discurso não fala) permite ao autor dar contornos às leis que organizam o espaço produzido como texto".

Como afirma Rüsen (2006), História como uma matéria a ser ensinada e aprendida precisa passar por um exame didático referente a sua aplicabilidade de orientar para vida. Ela não pode ser separada das práticas do cotidiano, quem estará à frente de relacioná-la à vida prática é o professor.

A História como disciplina escolar no Brasil, em seu processo de construção, tem início na segunda metade do século XIX, cujo marco institucional fundador é o Regulamento de 1838 do Colégio D. Pedro II como afirma Nadai (1992), demonstrando que houve e continua havendo um processo histórico de constituição do código disciplinar da História, inserido no quadro de desenvolvimento dos próprios modos de educar da sociedade brasileira, com o objetivo de construir e consolidar um Estado Nacional, e da necessidade de definição de uma identidade.

A proclamação da República, em novembro de 1889, evidencia a importância da História, principalmente a História Nacional, para a formação de um determinado tipo de cidadão, consolida-se com a Revolução de 1930, com o código disciplinar da História, no contexto da sociedade brasileira pós-Revolução, o qual concretiza a institucionalização de alguns projetos de reformas educacionais. Até a década de 1960, o ensino de história era apenas uma área de formação e não como um objeto de pesquisa. Entre 1970 e 1980, passa a ser visto como um campo a ser analisado através de leis e propostas de currículos passando a ser alvo de reflexões mais detidas tanto dos acadêmicos quanto dos professores desse nível de ensino. Foi proporcionada uma mudança no foco dessas preocupações, a partir do desenvolvimento das pesquisas, que começaram a se direcionar para o que acontecia dentro da sala de aula, na forma como as metodologias eram propostas e utilizadas pelos professores.

No mundo contemporâneo, no qual as informações estão a um "click", ensinar história apenas a partir de narrativas, geralmente levadas aos alunos através de aulas expositivas, onde o saber histórico aparece sacralizado e registrado em um livro didático do qual o professor é sacerdote e guardião, faz com que esse

cenário torne o ensino de história no mínimo desestimulante. Por outro lado, trabalhar o ensino de história na perspectiva da Educação Histórica, utilizando o próprio método da pesquisa em história como estratégia de ensino, oportuniza aos estudantes o contato com uma espécie de letramento científico, através do qual compreenderão os paradigmas epistemológicos da própria ciência histórica, podendo ainda questionar narrativas históricas tradicionais e ser sujeito da construção de novos conhecimentos históricos. (Magalhães, 2020. p. 48)

Nesse sentido, é importante salientar o papel e função do historiador e como este, está abordando o próprio significado da disciplina. Para que a construção errônea do conceito história seja desfeito, o historiador precisa conhecer, e mais que isso, colocar em prática o fazer história.

No que se refere à dimensão pública do conhecimento histórico e de sua relação com o Ensino de História, compreendemos ser vital que o professor/historiador, durante suas atividades, seja no planejamento e/ou na mediação dos momentos didáticos, esteja sensível aos processos históricos que estão postos no cotidiano das relações com as quais seus alunos estabelecem relação cotidiana e às dinâmicas do mundo presente, para poder propor atividades que lancem luz sobre a historicidade desses temas e de suas vinculações históricas. (Magalhães, 2020. p. 40)

O professor não pode se distanciar da vivência e realidade vivida fora da sala aula, mecanizando sua prática de ensino.

A metodologia de instrução na sala de aula ainda é um problema importante. Aqui a concentração no currículo tem sido predominante. Combinada com a hipótese de que existe uma teoria geral da instrução escolar (Unterrichtslehre), o ensino de história em sala de aula tem tendido a se tornar uma atividade mecânica. Ainda não se resolveu como a peculiaridade da consciência histórica – aquelas estruturas mentais e processos que constituem uma forma específica de atividade cultural humana – pode ser integrada nesse padrão de educação. (Rusen, 2006, p. 13)

Essa falta de conexão surge porque as conversas sobre a consciência histórica e os elementos que formam o pensamento histórico não têm sido incorporadas efetivamente na prática de ensino e aprendizagem. O professor precisa evidenciar que o mundo à nossa volta, com toda sua complexa interação de aspectos socioculturais, econômicos, políticos, ambientais, entre outros, é como uma vasta oficina, um imenso campo de estudo sobre a humanidade, repleto de desafios profundamente instigantes a serem explorados e compreendidos.

A importância do ensino de História no ambiente escolar foi mencionada também por Carlos Henrique Farias de Barros (2013), ao destacar que ele atua na própria formação do aluno como indivíduo, não somente nas suas relações pessoais com o grupo no qual está inserido, mas em toda a coletividade, abrangendo até aspectos culturais e valores que foram vivenciados em tempos anteriores.

Não se aprende História apenas no cotidiano escolar e são muitas opções de

aprendizagem presentes no dia a dia do aluno, especialmente se levarmos em conta as inúmeras informações que recebem dos meios de comunicação. Silva e Rossato (2013, p. 67) observam que “aprendemos história o tempo todo, ela é componente inescapável da configuração de nossa existência no tempo e no lugar do mundo que habitamos e do qual nos identificamos como pertencentes”. E as memórias que conhecem podem ser aquelas que trazem das histórias de famílias, mas também de jornais, revistas, livros, filmes, músicas e de sua convivência com outras pessoas.

Os jovens sempre participam, a seu modo, desse trabalho da memória, que sempre recria e interpreta o tempo e a História. Apreendem impressões dos contrastes das técnicas, dos detalhes das construções, dos tratados das ruas, dos contornos das paisagens, dos desenhos moldados pelas plantações, do abandono das ruínas, da desordem dos entulhos, das intenções dos monumentos, que remetem ora para o antigo, ora para o novo, ora para a sobreposição dos tempos, instigando-os a intuir, adistinguir e a olhar o presente e o passado com os olhos da História. Apreendem que há lugares para guardar e preservação da memória, como museus, bibliotecas, arquivos, sítios arqueológicos (Brasil, 1998, p. 38).

O ensino de História, no contexto local/regional, não pode ser pensado e colocado em segundo plano, ela é como um “ponto de partida para a aprendizagem histórica”, e nesse sentido, o aluno estará mais próximo tanto de sua realidade, como também, fortalecerá as relações entre os sujeitos históricos que estão inseridos nessa perspectiva de ensino, ou seja, aproxima o aluno ao seu meio e da sociedade em que vive (Barros, 2013, p. 3). O corpo docente precisa compreender o significado e significância da história para que não ocorra o esquecimento e o silenciamento da memória e da história local. Partindo deste ponto de vista, espera-se que os discentes, através do ensino de História possam ser capazes também de:

Questionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação política e institucional e organizações coletivas da sociedade civil”. (PCN, 2001, p.33) Identificar as ascendências e descendências das pessoas que pertencem à sua localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes, contextualizando seus deslocamentos e confrontos culturais e étnicos, em diversos momentos históricos nacionais”. (BRASIL, 2001, p. 41)

Compreender que a História é, por conseguinte, uma ferramenta importante para a formação de indivíduos críticos e atuantes na sociedade da qual fazem parte, seja a nível global, regional e local é o passo inicial para que o professor aperfeiçoe sua metodologia de ensino.

“Fazer história” é mobilizar um conjunto de práticas. “Se é verdade que a historiografia está vinculada a um lugar e a um tempo, isso ocorre, inicialmente, por causa de suas técnicas de produção”. Em resumo, devemos perceber que “cada sociedade se pensa ‘historicamente’ com os instrumentos que lhe são próprios” (Certeau, 2011, p. 65).

A história é influenciada pela técnica, revelando uma ligação entre o discurso e as práticas que permitiram sua criação. Assim, é crucial entender como ela aborda os elementos "naturais", convertendo-os em artefatos "culturais", e como essas representações literárias promovem mudanças na relação de uma sociedade com seu ambiente natural.

É preciso transformar as aulas de história, empregando novas metodologias para facilitar o aprendizado. O que o professor de história poderá usar para que o aluno seja capaz de se colocar como sujeito histórico e participante ativo desta construção histórica? E quais são os métodos que os professores estão usando que levantam críticas e limitam o aprendizado?

As críticas sobre os métodos de ensino levaram os educadores, no fim dos anos 60 do século XX, a dar maior ênfase a esse aspecto, e a renovação do ensino recaiu assim nas questões metodológicas. A ênfase na necessidade de renovação metodológica favoreceu o surgimento de propostas que separavam os métodos de ensino dos conteúdos explícitos. Em várias propostas de renovação dos métodos, de alguns educadores que seguiam as tendências herdadas da Escola Nova, prevalecia a concepção de que o conteúdo das disciplinas escolares era apenas um meio para atingir determinado tipo de aprendizado. (Bittencourt, 2008, p. 225)

A autora traz a importância e a necessidade de uma nova metodologia de ensino, não está sendo posta uma ruptura da metodologia tradicional, pois esta, não necessariamente precisa ser abolida para que sejam introduzidos outros de natureza diversa. Ao pensar em metodologia tradicional, logo se remete à Pedagogia do Oprimido de Freire, que aponta a educação problematizadora e frisa o diálogo como o seu caminho em torno da construção de uma educação crítica e libertadora conforme descrito abaixo:

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado com o educando que, ao ser educado, também educa. (Freire, 2017, p. 95 -96).

O modelo educacional bancário, que visa manter os subjugados nessa condição, obscurecendo-lhes a percepção dessa realidade, ao mesmo tempo em que perpetua uma estrutura hierárquica e nega o diálogo, representa um método que precisa ser superado para alcançarmos uma sociedade verdadeiramente justa, menos desigual, mais crítica e livre. Essa liberdade engloba tanto a capacidade de pensar de forma autônoma, ou seja, ter discernimento e reflexão, quanto a liberdade de não estar vinculado a um grupo específico e de não ser dominado. Essas práticas educacionais, como a mera

repetição ou memorização e a ausência de crítica, carregam consigo influências do positivismo, que concebe o passado como algo estático, desvinculado e sem relevância para o presente.

O positivismo como filosofia surge ligado às transformações da sociedade europeia ocidental, na implantação de sua industrialização. Segundo essa forma de pensamento, cabe à história um levantamento “científico” dos fatos, sem procurar interpretá-los, deixando à sociologia sua interpretação. Para os historiadores positivistas, os fatos levantados se encadeiam como que mecânica e necessariamente, numa relação determinista de causas e consequências (ou seja, efeitos). A história por eles escrita é uma sucessão de acontecimentos isolados, relatando sobretudo os feitos políticos de grandes heróis, os problemas dinásticos, as batalhas, os tratados diplomáticos, etc. (Borges, 1993, p. 34)

O rompimento com o positivismo começa quando, em 1929 Lucien Febvre junto com Marc Bloch funda a Escola dos Annales, que teria papel fundamental na construção de um novo modelo de historiografia francesa e posteriormente, de todo o mundo. Seu objetivo era trazer uma visão mais crítica sobre a história, agora vista de baixo, conhecida hoje como Nova História.

O imaginário, as mentalidades, o cotidiano, a vida privada, sensibilidades passam a fazer parte do universo da História e permitem aos historiadores montar uma trama mais bela da vida dos povos e dos tempos passados. Também permite abandonar a velha história eurocêntrica e abordar a história dos povos africanos e indígenas, que outrora eram objetos de estudo quase exclusivos da Antropologia. (Pereira, 2008, p. 5).

Todas essas transformações proporcionam uma nova abordagem ao ensino de história, cabe ao professor utilizá-las com o objetivo de tornar as aulas mais interessantes aos alunos e facilitar o aprendizado. Para isso o professor pode fazer uso de novas metodologias e recursos deixando de lado uma concepção científica do conhecimento tida como algo neutro e objetivo.

Não apenas o ensino de História mudou, mas também a sociedade, as relações desta com o Estado e a importância de novas tecnologias de comunicação e, conseqüentemente, as novas gerações de estudantes. Hoje há vários meios informativos que prendem a atenção dos alunos, como livros, jornais, revistas, televisão, internet, entre outros. Esses dispositivos não podem ser desconsiderados pelo corpo docente, pois aprender e ensinar História não deve ser um ato restrito à sala de aula e nem a uma única forma. Logo, cabe ao professor relacionar essas informações novas com os variados conteúdos que se apresentam no currículo do Ensino. Essa mediação professor/conteúdo/aluno proporcionará aos estudantes aprender, relacionar e confrontar o mundo que o cerca.

Neste contexto a implantação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, traz para as escolas, os currículos, as redes e os professores uma diretriz que assegura os

direitos de aprendizagem e o desenvolvimento de todos os estudantes e define as aprendizagens essenciais em cada ano da Educação Básica.

Possibilitando assim que os professores de História tenham a oportunidade de reivindicar e transformar espaços educacionais. Por isso a BNCC afirma:

Retornando ao ambiente escolar, a BNCC pretende estimular ações nas quais professores e alunos sejam sujeitos do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, eles próprios devem assumir uma atitude historiadora diante dos conteúdos propostos no âmbito do Ensino. Cumpre destacar que os critérios de organização das habilidades na BNCC (com a explicitação dos objetos de conhecimento aos quais se relacionam e do agrupamento desses objetos em unidades temáticas) expressam um arranjo possível (dentre outros). Portanto, os agrupamentos propostos não devem ser tomados como modelo obrigatório para o desenho dos currículos. Considerando esses pressupostos, e em articulação com as competências gerais da Educação Básica e com as competências específicas da área de Ciências Humanas, o componente curricular de História deve garantir aos alunos o desenvolvimento de competências específicas. (Brasil, 2017 p. 401 – 402).

No ensino de História, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sugere a contextualização, a apreensão do conceito de tempo histórico e a percepção das continuidades e discontinuidades em processos que abrangem diversas experiências e escalas como fundamentos essenciais. De acordo com essa proposta, o documento espera que os alunos se identifiquem com as discussões apresentadas, promovendo assim o desenvolvimento da capacidade de reconhecer tanto a si mesmos quanto aos outros como identidades distintas. Isso envolve compreender eventos no contexto temporal e espacial, realizando a devida contextualização e identificando potenciais transformações nas esferas espaciais, sociais e culturais através da intervenção humana na natureza e na sociedade em que viveram e vivem.

A BNCC estabelece dez competências que devem ser desenvolvidas pelos estudantes ao longo dos anos da Educação Básica. O documento exerce o papel de uma ferramenta de referência nacional que buscam orientar a elaboração do currículo específico de cada escola. Algumas das competências dispostas na BNCC que destaca o Ensino Local e Patrimonial :

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural; 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, o respeito e a promoção dos direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global; (Brasil, 2017, p. 19).

O documento destaca a importância de temas contemporâneos no ensino:

[...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às

propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (Brasil, 2017, p. 19).

Os assuntos contemporâneos oferecem a oportunidade de integrar as várias disciplinas do currículo, além de estabelecer uma ligação com as experiências vividas pelos alunos em seus contextos, ajudando na compreensão do mundo e oferecendo oportunidades para explorar o tema dentro dos conteúdos e habilidades estabelecidos. A educação patrimonial pode ser incorporada ao currículo por meio de diversas áreas de estudo, abordando tanto o patrimônio cultural material quanto o imaterial, e pode promover uma abordagem interdisciplinar que une diferentes conteúdos e conceitos de forma coesa, contribuindo para uma função social mais sólida do conhecimento.

2.1 A Igreja como patrimônio local e histórico

Em um mundo caracterizado pelo desenvolvimento tecnológico, abundância de informações e globalização, observamos uma tendência de negligenciar os bens culturais em nossa sociedade e cidades. Portanto, o ensino em História desempenha um papel fundamental na eliminação das barreiras que restringem o diálogo e a valorização do patrimônio cultural. Essa discussão tem se destacado em meio às mudanças sociais e educacionais recentes, à medida que as pessoas têm um acesso cada vez maior a diversas fontes de informação, especialmente com a Internet e a expansão das tecnologias.

Além disso, é importante reconhecer o papel central do professor de História no contexto do ensino. Apesar dos desafios contemporâneos no ensino-aprendizagem e na relação entre professores e alunos, os professores desempenham um papel fundamental na criação de situações de aprendizado, na relação entre o que é estudado e a vida real. Isso requer compreensão crítica da realidade e o desenvolvimento de uma visão mais ampla da sociedade e de sua dinâmica.

O ensino de História proporciona aos alunos a capacidade de compreender a construção do conhecimento histórico e oferece habilidades e competências para a aprendizagem.

A apreensão das noções de tempo histórico em suas diversidades e complexidades pode favorecer a formação do estudante como cidadão, fazendo-o aprender a discernir os limites e possibilidades de sua atuação na permanência ou na transformação da realidade histórica em que vive. (Barros, 2008, p. 07)

Nesse contexto, o ensino de História Local facilita a compreensão do conhecimento histórico pelos alunos, aproximando-os de várias histórias e fortalecendo as experiências individuais e coletivas muitas vezes negligenciadas pelas narrativas

históricas predominantes.

Vários estudos têm se dedicado a fortalecer a abordagem do ensino de História a partir de uma perspectiva local, com o objetivo de compreender as realidades e identidades individuais, promovendo o respeito e a tolerância às diferentes culturas e ampliando horizontes dentro do contexto social. Consequentemente, o ensino de História deve possibilitar a compreensão da diversidade cultural, social e política em diferentes sociedades, o que é fundamental para o envolvimento dos sujeitos históricos como agentes sociais em seu ambiente, contribuindo para uma visão ampliada do mundo a partir de uma perspectiva histórica. Isso tem levado a reflexões sobre o ensino de História, tornando-o uma possibilidade de abordagem reflexiva e problematizadora, que auxilia na superação dos obstáculos à compreensão do conhecimento histórico e na promoção da preservação dos bens culturais.

A Educação Patrimonial se apresenta como uma metodologia adequada para estabelecer uma conexão entre o Ensino de História e o patrimônio cultural. Através de uma perspectiva patrimonial, é possível compreender e valorizar os elementos culturais e históricos em nosso entorno, contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento crítico e fortalecendo as identidades. Essa metodologia pode ser aplicada não apenas nas escolas, mas também em comunidades ou outros espaços onde haja evidências de manifestações culturais e materiais, como praças, museus, igrejas, ruas, memoriais, etc.

A Educação Patrimonial nos ajuda a entender o patrimônio cultural, que vai além de monumentos e edifícios antigos, incluindo todas as modificações na paisagem e as formas de expressão compartilhadas pela sociedade. É importante integrar essa perspectiva no ambiente escolar, onde se torna um recurso pedagógico valioso para sensibilizar os alunos em relação aos diversos elementos culturais que moldam a dinâmica social. Isso possibilita a construção de uma consciência histórica, promovendo o cuidado e a preservação do patrimônio cultural em todos os seus aspectos, não apenas os arquitetônicos.

Ao discutir a Educação Patrimonial, é relevante considerar o que é definido como patrimônio cultural e como determinados elementos se tornam patrimônio. A Educação Patrimonial envolve a compreensão de que o patrimônio vai além do valor monetário, abrangendo elementos sociais que representam a herança cultural transmitida de geração em geração e evidenciam as manifestações humanas ao longo do tempo.

Dessa forma, a Educação Patrimonial deve ser integrada ao ambiente escolar, onde se torna um caminho pedagógico valioso e uma prática educativa que se baseia nas experiências objetivas dos sujeitos históricos. Essa abordagem amplia a compreensão do

patrimônio cultural e ajuda a quebrar as barreiras do senso comum, sensibilizando as pessoas em relação aos diversos elementos sociais que moldam a dinâmica social.

Além disso, ao considerar a História Local, é importante entender o conceito de local em suas diversas formas. O local é um lugar de interações sociais marcado pela proximidade e pelas relações entre os sujeitos que moldam relações políticas, culturais e sociais. A História Local busca investigar como a sociedade se desenvolve em meio às relações de poder e na construção da identidade, reconhecendo seu valor pedagógico para a formação da consciência histórica.

O ensino de História Local com a Educação Patrimonial é uma metodologia que visa a construção da identidade, destacando as diferentes experiências dos sujeitos em seu ambiente e sua relação com as experiências coletivas. Schmidt (2007) em seu artigo sobre o ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica nos diz algo referente a importância do estudo da história local em relação a história ensinada:

No processo de globalização que se vive, é absolutamente indispensável que a formação da consciência histórica tenha marcos de referência relacionais e identitários, os quais devem ser conhecidos e situados em relação às identidades locais, nacionais, latino-americanas e mundiais. (Schmidt, 2007, p. 190)

Nesse sentido, a abordagem da história ensinada, com a possível inclusão da história local, nos conduzirá a entender a forma como a história é concebida e praticada, enfatizando a diversidade das identidades sociais existentes. Isso permite que a comunidade, especialmente a comunidade escolar, uma vez que se trata de um processo de ensino e aprendizado, reconheça sua própria história por meio da compreensão de uma narrativa histórica mais abrangente e menos uniforme, que não omita as particularidades dos indivíduos em suas diversas esferas de interação. Isso implica em respeitar os estilos de vida dos grupos sociais e suas distinções.

Os espaços religiosos desempenham um papel crucial na educação patrimonial, proporcionando uma rica oportunidade de compreender a história e em especial a História Local de uma sociedade. Preserva o patrimônio cultural pois abriga monumentos arquitetônicos e artefatos que são testemunhos vivos da história de uma religião e também de uma comunidade. Ao explorar um espaço religioso, os alunos podem mergulhar na história, permitindo que os estudantes compreendam as mudanças sociais, políticas e culturais ao longo do tempo e como essas mudanças influenciaram, além de desenvolver uma compreensão mais ampla do mundo.

Ao visitar espaços religiosos, os alunos são incentivados a fazer perguntas,

observar e analisar o que estão testemunhando. Isso promove o pensamento crítico, à medida que avaliam as informações que recebem e formam suas próprias conclusões, fazendo com que se sintam mais conectados com sua própria comunidade e entender como ela se encaixa em um contexto mais amplo. Proporcionando uma janela para o passado da história local, na preservação e interpretação da história em muitos níveis: arquitetura, arte, registros, cultura, tradições, preservação, educação e até para o turismo.

Templos e objetos religiosos “não só desempenham funções identitárias, expressando simbolicamente nossas identidades individuais e sociais, mas na verdade organizam (na medida em que são categorias materializadas) a percepção que temos de nós mesmos” (Gonçalves 2007:27).

O local de prática religiosa desempenha um papel tanto como agente quanto como receptor de vivências individuais e coletivas. É por isso que as políticas de preservação do patrimônio, tanto aquelas formuladas dentro das instituições religiosas quanto aquelas provenientes de fora, valorizam a participação ativa das comunidades religiosas nas conversas sobre conservação.

2.1.1 Patrimônio e memória

Refletir sobre o ensino de História na contemporaneidade é adentrar no caminho do conhecimento crítico, buscando uma ampla gama de perspectivas relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem em História. Isso envolve, sobretudo, a formação das identidades com base nas interações sociais que estão intrinsecamente ligadas à memória dos indivíduos em seus múltiplos aspectos, inseridos diretamente na dinâmica social. Portanto, é fundamental compreender que não se trata de uma história desvinculada de configurações e envolvimento na trama social. Pelo contrário, a história é moldada nesse percurso, que também é histórico e político.

Nesse contexto, a História e a Memória têm sido temas de reflexão com o propósito de entender as diferenças e relações que existem entre elas. Portanto, é crucial compreender esses conceitos para gerar reflexões sobre a formação das identidades e considerar a Educação Patrimonial como uma possibilidade no ensino de História. A análise dos objetos em seu contexto de produção é uma metodologia que possibilita a mediação entre memória, identidade e ensino de História, atuando como um esforço intelectual e político que contribui para a compreensão das relações sociais construídas em torno do conhecimento histórico.

Portanto, entendemos a memória como um processo de construção coletiva,

não como uma verdade absoluta, mas como múltiplas interpretações e representações do passado que impactam diretamente a vida social, política, econômica e cultural das pessoas no contexto de ação.

Essas questões têm sido cada vez mais estudadas e problematizadas no processo de construção do conhecimento histórico, pois a história ensinada e a história vivida têm características diferentes. Isso nos leva a questionar como essa construção é elaborada e como as narrativas são moldadas a partir da materialidade, conforme nos apresenta Ana Maria Monteiro (2004):

Neste processo de problematização do saber ensinado, e no caso da história ensinada, a relação entre ensino de história e memória, relação ainda pouco discutida no Brasil, me parece de extrema relevância se desejamos melhor compreender os processos e significados deste fazer. Cabe indagar: ao ensinar história, de que história estamos falando: da história vivida ou da história conhecimento? Ou das duas articuladas? Ou falamos da história enquanto saber escolar? (Monteiro, 2004, p. 03)

Portanto, é essencial pensar na relação entre a História ensinada e a História vivida, ou seja, entre a memória e a construção do ensino, a fim de compreender as várias manifestações, os pontos de vista e as vozes presentes na construção histórica e nas relações sociais.

Assim, é necessário considerar a ideia de que ao ensinar História, não estamos apenas transmitindo conhecimentos, mas também estamos criando e produzindo significados a partir do que é ensinado. O conhecimento histórico não ocorre de forma neutra, mas como um elemento social que é fortemente influenciado pelos saberes prévios, pelas relações sociais e pelas experiências dos alunos. Portanto, o ensino de História deve levar em consideração os vários elementos formativos presentes nas vivências e experiências, decorrentes de saberes prévios e relações sociais em diferentes campos de atuação.

O ensino de História deve valorizar os elementos que compõem o patrimônio cultural dos sujeitos históricos, levando em consideração a memória e sua relação intrínseca com a identidade. A memória é o que molda a identidade e gera representações e reconhecimento, deve nos levar a questionar como essa relação é construída e como diferentes perspectivas e vozes são consideradas na construção do conhecimento histórico.

A memória é uma força geradora de identidade, moldando a subjetividade e sendo modelada pela realidade histórico-social, incluindo elementos políticos, sociais e culturais. Portanto, é essencial pensar o ensino de História como um processo intrinsecamente ligado à memória, que influencia a formação das identidades e nos leva

a refletir sobre a valorização e a preservação dos bens culturais existentes. A Educação Patrimonial é uma ferramenta importante nesse processo, pois promove a sensibilização, a preservação e a valorização desses bens culturais em seus diversos contextos de construção.

2.2 Didática e o Ensino de História

Professores buscam na didática uma forma de somar um conjunto de habilidades, procedimentos e técnicas capazes de transformar as aulas de história, com o olhar de preocupação com a transmissão do conhecimento e orientando a produção do saber histórico.

A Didática da História se define como uma subdisciplina da própria ciência histórica, tal como a Teoria da História, que se propõe a estudar e compreender os vínculos estabelecidos entre a História produzida pelos historiadores e a vida das pessoas em sociedade. Em um sentido mais amplo, esse processo se dá para além dos espaços formais das escolas, pois a cada relação social estabelecida, a cada interação com os diversos constructos sociais, filmes, músicas, objetos da cultura material, discursos religiosos ou de grupos políticos, etc. os indivíduos estão se relacionando com narrativas históricas. (Magalhães, 2020, p. 51)

Em sua obra, Libâneo (2017) diz que sendo a Didática uma disciplina que estuda os objetivos, os conteúdos, os meios e as condições do processo de ensino tendo em vista finalidades educacionais, que são sempre sociais, ela se fundamenta na Pedagogia; é, assim, uma disciplina pedagógica, ao se referir ao que é didática, afirma:

O processo didático se explicita pela ação recíproca de três componentes – os conteúdos, o ensino e a aprendizagem – que operam em referência a objetivos que expressam determinadas exigências sociopolíticas e pedagógicas e sob um conjunto de condições de uma situação didática concreta (fatores sociais circundantes, organização escolar, recursos materiais e didáticos, nível socioeconômico dos alunos, seu nível de preparo e de desenvolvimento mental, relações professor-aluno etc.). (Libâneo, 2017, p. 98-99)

É necessário que entendamos o processo de ensino tendo como ponto de partida o nível de conhecimento dos alunos sendo um processo, por isto obedece a uma direção, que visa alcançar resultados como domínio de conhecimentos, hábitos, habilidades, atitudes, convicções e desenvolvimento das capacidades cognitivas, combinando as atividades do professor com as do aluno. Para isso, a relação professor-aluno, em sala de aula precisa ser conjunta para que esses resultados sejam construtivos. Contudo, são nítidas as dificuldades de execução da tarefa docente, mas, a didática contribui justamente para tentar resolver o distanciamento existente entre ensino e aprendizagem (Libâneo, 2017).

Com a reformulação de currículos na maioria dos estados brasileiros, no período de redemocratização política, ocorreram algumas mudanças significativas no ensino, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que é a legislação que regulamenta o sistema educacional público ou privado do Brasil desde a educação básica até o ensino superior. E os Parâmetros Curriculares Nacionais que representam as diretrizes elaboradas para orientar os educadores por meio da normatização de alguns aspectos fundamentais concernentes a cada disciplina podendo adaptá-los às peculiaridades locais.

Por isso a importância da Didática da História, pois esta, não é apenas um facilitador de aprendizagem. Os professores que trabalham com a cultura histórica, utilizam os conteúdos históricos em suas produções. E, essas produções estão presentes na maioria das vezes nas mãos dos próprios professores e são para o público discente como referências no processo de ensino.

"[...] a Didática da História como uma disciplina que tem por objeto de estudo todas as elaborações de História sem forma científica [...] não estuda apenas o ensino e a aprendizagem da História escolar, mas todas as expressões da cultura e da consciência históricas que circulam dentro e fora de escola" (Cardoso, 2008, p. 165-166).

A Didática da História tem como objetivo compreender a cultura e a consciência histórica na sociedade em geral, não apenas dentro do espaço escolar. Entende-se que as práticas educativas mediadas pelas didáticas possibilitam a ação do professor mediadora da compreensão dos estudantes na formação sobre o conhecimento histórico. A didática no ensino de história contribui como mais um fator de autonomia, buscando direcionar o corpo docente a um efetivo processo de ensino-aprendizado.

Com base nas tendências pedagógicas muitos professores buscam melhorar as aulas, trazendo novos recursos e metodologias objetivando a facilitação do ensino/aprendizagem da disciplina História, como por exemplo a dissertação de Costa (2016) intitulada: A cidade e o ensino de história: patrimônio, museus e história local, sua proposta faz uso do patrimônio histórico da cidade do Rio de Janeiro, seus museus e lugares de memória, como estratégia potente para o ensino de história.

As reflexões sobre esta estratégia incorporam a definição dos objetivos do ensino de história na Educação Básica, que devem ir além do repasse do conhecimento produzido pela historiografia para construir conhecimentos significativos capazes de servirem de referência e orientação no presente. Neste sentido, a pesquisa aborda os desafios de ensinar história na contemporaneidade buscando compreender as

características do tempo presente e as relações que se estabelecem no processo de aprendizagem, onde o contato direto do aluno com os vestígios do passado é entendido como capaz de envolvê-los afetivamente, e através deste contato com a história materializada construir a compreensão de sua própria historicidade. Como produto educacional, a referida dissertação apresenta sugestões de atividades envolvendo o uso da educação patrimonial para o ensino de história.

Uma outra dissertação que apresenta uma proposta de Ensino de História a partir de um trabalho de Educação Patrimonial, é de Valdinei (2020), com o título: Ensinar História na Cidade: Uma Proposta de Educação Patrimonial para Guaramirim-SC. Pautado em princípios dos Territórios Educativos e tem como objetivo o estudo da memória e da história local, com ênfase nas diversidades e sociabilidades, em diferentes temporalidades.

A investigação parte da análise, da crítica e do tensionamento de narrativas oficiais/tradicionais da história local, a partir de fontes históricas e historiográficas diversas, resultando na construção de um material pedagógico, voltado para alunos/as e professores/as da Educação Básica, que consiste em um conjunto de atividades de observação, análise e reflexão sobre espaços, narrativas e sujeitos históricos da cidade, por meio de estratégias didáticas variadas, como o trabalho com fontes e a realização de um percurso pela rua 28 de agosto, a partir de 8 pontos previamente definidos.

Propõe reflexões e interações com diferentes espaços da cidade que, relacionados com os personagens e as fontes, permitem a construção de conhecimentos sobre as histórias e memórias da cidade de Guaramirim, convidando professores/as e estudantes a experienciarem a cidade e aprenderem a partir dela e com ela, buscando a necessária aproximação entre escola e cidade.

Os trabalhos citados ajudam na construção desta pesquisa pois apontam novos olhares e perspectivas ao ensino de história, mostrando novas e eficazes ferramentas para tornar as aulas eficientes e prazerosas. São formas de trabalhar a História com ajuda da Educação Patrimonial, sendo pensado dentro da realidade dos alunos e do meio em que estão inseridos.

2.3 História Local e Educação Patrimonial

Quando se refere ao estudo e ensino da história regional, percebe-se que este tipo de abordagem, está ainda mais longe do interesse dos alunos, e de acesso ao professor. Nesse sentido, há muitas propostas que buscam facilitar o ensino local, muitas

reunidas em dissertações, aqui destaco algumas contribuições de autores preocupados com uma maior compreensão sobre a importância do ensino da história local e o resgate de sua identidade histórica e social, trabalhos esses que buscam também metodologias que favoreçam um ensino de História comprometida com a inserção da história local em sala de aula, valorizando o cotidiano dos alunos.

Na sua dissertação “Educação patrimonial, ação educativa em museu e ensino-aprendizagem em história”, Azevedo (2010) traz como proposta o uso da Educação Patrimonial, de forma mais específica, para a análise de objetos, o professor poderá usar o Guia Básico de Educação Patrimonial² que apresenta alternativas de roteiro de observação e análise para na Educação Básica, o professor poderá organizar suas atividades com base nas sugestões e questionamentos presentes no material.

Trabalhar com educação patrimonial significa lançar mão de um conjunto de ações metodológicas, tendo como fim a aprendizagem relativa aos bens culturais. Tais ações visam ainda à promoção de atitudes de preservação do patrimônio. Para tanto, busca-se no processo de aprendizagem a aplicação de práticas interativas com quem aprende, a fim de promover uma leitura eficaz e, portanto, uma compreensão consciente acerca dos bens patrimoniais. (Azevedo, 2010. p.307).

O estudo da História local insere-se na possibilidade de envolvimento do Ensino de História e Memória. São conceitos que se entrelaçam pois são práticas pedagógicas que buscam novos caminhos de se ensinar e aprender História em sala de aula, a partir da realidade do aluno, favorecendo sua aprendizagem cotidiana, buscando uma interação mais próxima de seu viver e do ensino escolar.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2013, página 110) faz referência a uma aprendizagem que valorize a história local, e que “estímule a leitura atenta da realidade local, regional e mundial, por meio da qual se podem perceber horizontes, tendências e possibilidades de desenvolvimento;” e, além disso, destaca que “cabe à escola, considerada sua identidade e a de seus sujeitos históricos, articular a formulação do projeto político-pedagógico com os planos de educação nacional, estadual, municipal, o plano da gestão, o contexto em que a escola se situa e as necessidades locais e as de seus estudantes”.

[...] exige da escola o conhecimento da realidade em que vivem os alunos, pois a compreensão do seu universo cultural é imprescindível para que a ação pedagógica seja pertinente. Inserida em contextos diferentes, a proposta político-pedagógica das escolas deve estar articulada à realidade do seu alunado para que a comunidade escolar venha a conhecer melhor e valorizar a cultura local (Brasil, 2013, p. 110).

² Guia elaborado para orientar as aulas e discussões sobre a História Local, apresentando conceitos e a aplicabilidade da Educação Patrimonial, assim como sugestões de atividades, oficinas e material de apoio a serem desenvolvidas em sala de aula.

Educadores têm buscado ensino diferenciado, para que o aluno pense historicamente, voltado, não só para seu ambiente escolar, mas também para sua coletividade. O estudante precisa reconhecer “[...] as diferentes experiências históricas das sociedades e, a partir desse entendimento, compreender as situações reais da sua vida cotidiana e do seu tempo”. É nesse intento, em que se procura um novo caminho para a História que surge a necessidade de se ensinar, mas também de aprender a História Local (Caimi, 2010, p. 60).

Outra sugestão ao ensino local que pode ser explorada pelos professores, é a proposta por Machado *et al* (2020), que insere os documentos da caixa pedagógica nas aulas, elaborando textos didáticos sobre a História da escravidão no Brasil e no Rio Grande do Sul, fazendo também exercícios de fixação dos conteúdos e produzindo as questões que orientaram os estudantes na leitura dos documentos analisados.

Este roteiro de análise dos documentos serviu para explorar temas da História da escravidão no Rio Grande do Sul que geralmente não são abordadas nos livros didáticos. Entre estes, destacamos as várias estratégias empregadas para alcançar a liberdade, as diferentes possibilidades de resistência à escravidão, os/as diversos/as personagens sociais envolvidos na História da escravidão no Rio Grande do Sul, as formas de castigo, a constituição de famílias de escravizados e a importância do Arquivo Público como um espaço de memória do Rio Grande do Sul. (Machado *et al.* 2020. p.286)

Essa experiência de ensino é uma proposta baseada em documentos sobre a escravidão no Rio Grande do Sul, realizada em turma de EJA do Ensino Médio, usando a caixa pedagógica AfricaNoArquivo, disponibilizada pelo Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERs). A caixa comporta fac-símiles de documentos oficiais sobre a escravidão e outros materiais pedagógicos que podem ser usados em sala de aula. Aplicar essa atividade, proporciona a análise sobre a História da escravidão no estado, e colocar os estudantes em contato com documentos históricos usando assim uma nova fonte no ensino, contribuindo para a compreensão e produção do conhecimento histórico.

Para tanto, é importante uma leitura atenta da realidade local e inserir o conhecimento e valorização do Patrimônio Cultural. Isto muitas vezes deixa de se realizar pois, por um lado, muitas são as exigências curriculares gerais e, por outro, a falta de formação em âmbitos específicos, como a Educação Patrimonial ou mesmo a inexistência de um material que aborde de forma mais pedagógica tais temáticas.

O professor quando aborda a história local faz com que as aulas de história deem sentido à vida, à realidade e ao cotidiano do aluno. Por isso, torna-se fundamental abordar a historicidade regional além dos assuntos que são exigidos pelos vestibulares. Como rege a LDB em sua Lei nº 9.394/96:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Brasil. 1996. Artigo 26)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação destaca que a parte diversificada dos currículos do ensino fundamental e médio deve observar as características regionais e locais da sociedade e da cultura, o que abre espaço para a construção de uma proposta de ensino de História Local voltada para a divulgação dos valores, saberes e manifestações culturais dos municípios e estados. O artigo ressalta a importância em trazer para a sala de aula o ensino da história local como um meio construtor e valorativo da cultura e identidade do corpo discente. Para tanto, o professor precisa buscar outros recursos didáticos para abordar essa temática em sala de aula. Sobre essa problemática:

Podemos inferir que os materiais didáticos referentes à História do Maranhão que foram e são utilizados nas aulas, precisam de reformulações em seus conteúdos e abordagens para colaborar na formação crítica dos alunos para que os mesmos sejam sujeitos ativos da sua própria história, e atuem de forma consciente em sua realidade histórica. (Mateus, 2017, p.10).

Os historiadores não podem ignorar a influência dos conhecimentos históricos presentes nos livros didáticos. Por essa razão, o autor argumenta a favor da importância de examinar a história desses manuais, já que ao longo da história do Brasil, eles têm evoluído de acordo com as mudanças que impactaram o cenário político, econômico e social, adquirindo assim um papel central no processo de ensino. Embora os livros didáticos sejam amplamente utilizados nas escolas, muitas vezes negligenciam a história regional. Portanto, é necessário que as estratégias adotadas pelos professores supram essa lacuna para garantir uma abordagem completa dessa disciplina.

Para isso, os espaços religiosos se apresentam também como uma proposta inovadora para o ensino de História fazendo uso da Educação Patrimonial, podendo contribuir sensivelmente para a valorização e conhecimento da história da cidade, assim como favorecer condições para um desenvolvimento positivo na educação e cultura, atraindo incentivos, ou divulgando e promovendo o patrimônio histórico-cultural.

Para que ocorra uma mudança de postura e para que os alunos percebam que seus bens materiais ou imateriais são também patrimônios culturais e têm, igualmente, a sua importância na construção da identidade do país assim como as Igrejas barrocas e outras edificações antigas, torna-se necessário além de domínio conceitual, o conhecimento e a sensibilidade do professor para perceber os seus alunos e o que está em torno destes para que assim possa ressaltar sua cultura e valorizar a sua memória. A garantia do direito de ter seus bens considerados como parte do patrimônio cultural do país foi materializada por meio da legislação. (Azevedo, 2010, p. 303).

O Ensino de História em diálogo com a Educação Patrimonial, contribui para a discussão sobre a sensibilidade de preservação, cuidado e sentimento de pertencimento a uma comunidade, pois, só podemos cuidar daquilo que conhecemos, o patrimônio não pode ser visto apenas como aquilo que é importante, ou aquilo que determinada sociedade constitui como importante atualmente, mas sim o que foi produzido e que deve ser interpretado e analisado dentro de seu contexto de ação.

É essencial considerar a relevância da Educação Patrimonial, que se integra ao ensino de História, com foco na compreensão do contexto local. Não se trata apenas de um apego emocional, mas sim de reconhecer que esse local, essa comunidade, essa estrutura social, são resultado de intervenções humanas, narrativas que moldaram sua existência. Estabelecer essa conexão entre o indivíduo e a História permite o desenvolvimento do sentimento de pertencimento, enriquecendo as experiências individuais em um determinado lugar e sua relação com o conjunto dessas vivências.

Dessa forma, precisamos perceber as possibilidades da história local na formação das subjetividades e construção das identidades, observando que ao propor o Ensino de História Local no diálogo com a Educação Patrimonial, não podemos esquecer o processo de globalização em curso, levando em consideração, nas consequências das subjetividades históricas tendo como referência as relações identitárias, colocando em destaque a perspectiva da diversidade e pluralidade das identidades existentes.

Cabe destacar que os Parâmetros Curriculares Nacionais direcionam em seus elementos discursivos a perspectiva dos conteúdos mínimos a serem trabalhados, e neste trajeto o modo como ocorre essa relação com o conjunto social.

As informações históricas locais relevantes a serem selecionadas expressam, assim, a intencionalidade de fornecer aos alunos a formação de um repertório intelectual e cultural, para que assim possam estabelecer identidades e diferenças com os outros indivíduos e com grupos sociais presentes na realidade vivida – no âmbito familiar; no convívio da escola, nas atividades de lazer, nas relações econômicas, políticas, artísticas, religiosas e culturais. E, simultaneamente, permitir a introdução dos alunos nas diversas formas de relações sociais e a perspectiva de que as histórias individuais se integram e fazem parte do que se denomina História nacional e de outros lugares (Brasil, 2000, p. 43).

Assim, inserir a história local é observar as possibilidades de diálogo e interação com as realidades mais próximas do estudante para poder reconhecer- se enquanto participante dessa construção do conhecimento e, assumir o protagonismo por meio da expressão das individualidades na formação do sujeito completo em seu contexto. Ou seja, pensar os objetos não como algo naturalizado, mas construído em meio as temporalidades em diálogo formativo com a história nacional, regional e local,

contemplando os estudos de minorias, antes esquecidas, ampliando fontes e objetos, saberes e fazeres no universo de representações do patrimônio cultural brasileiro.

3 A IGREJA DE SANTO ANTÔNIO

Sobre a importância dos espaços religiosos,

Entre as religiões que mais movimentam o setor turístico, o catolicismo, sem dúvida ganha maior destaque, e as igrejas católicas são elementos que além de manifestarem sentimentos de fé e religiosidade, são verdadeiros monumentos da arquitetura que trazem à tona símbolos e histórias que remontam o passado, tornando-se espaços de grande significado histórico-cultural. (Ferreira e Santos, 2010 p. 15)

Segundo o autor, esses espaços podem contribuir sensivelmente para a valorização e conhecimento da história da cidade, assim como favorecer condições para um desenvolvimento positivo na educação e cultura, atraindo incentivos, ou divulgando e promovendo o patrimônio histórico-cultural.

Localizada na Rua Santo Antônio, no Centro da cidade de São Luís Maranhão, a Igreja de Santo Antônio foi aberta aos fiéis em 20 de janeiro de 1867, ano de sua conclusão. À direita de quem entra no templo estão, como prolongamento no sentido transversal, as Capelas do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, e do Senhor Bom Jesus da Coluna, ambas de construção anterior e cujas primitivas fachadas se incorporaram à parede da Igreja. Junto com o Seminário de Santo Antonio constituem o primeiro Conjunto Franciscano de São Luís.

3.1 A Igreja de Santo Antônio como espaço de Educação Patrimonial

A identificação desse local que possui significado religioso evidencia que, uma vez planejados, podem se transformar em espaços com potencial para o desenvolvimento de atividades voltadas para a prática pedagógica, com base nos princípios da valorização da história regional, conhecer e apresentar a história da Igreja de Santo Antônio (figura 1) contribui para a difusão da cultura da nossa cidade e da preservação da nossa memória. Trabalhar com educação patrimonial significa encarar o desafio de buscar despertar nos alunos e na sociedade o senso de preservação da memória histórica e o conseqüente interesse pelo tema e a sua própria história.

Figura 1. Espaços e Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Instagram, 2024.

Observa-se com facilidade que artefatos, em se tratando de bens de natureza material, são constantemente destruídos em consequências próprias do decurso do tempo, do vandalismo, do esquecimento, entre tantas que poderíamos citar. Estas circunstâncias são ampliadas pela simultânea falta de afeto e de reconhecimento por parte da população em relação a tais artefatos como sendo seus, somadas às ingerências do Poder Público, tornando-se desafios à Educação Patrimonial (Funari, 2008).

A falta de recursos para produzir e divulgar obras sobre Educação Patrimonial causa o estreitamento da discussão apenas para pesquisadores da área resultando em discursos acadêmicos e técnicos que não são acessíveis ao público em geral. Isso limita a compreensão e a apreciação desse tema por uma parcela maior da população causando também a desvalorização e esquecimento de muitos patrimônios. Segundo Campos:

Por vezes, a ausência de meios para a produção/divulgação de obras dedicadas à Educação Patrimonial, conduz e segmenta os pesquisadores e entusiastas do tema ao caminho que, via de regra, é direcionado a um público muito específico: pesquisadores falando a pesquisadores, gestores à gestores. Esta situação torna os discursos, independente da mídia que utilizem, muito acadêmicos, muito tecnicistas para o entendimento e apreciação por uma parcela maior da população. (Campos et al, 2020 p. 333 e 334).

Produzir materiais pode destacar o valor de edificações para a sociedade em geral não apenas pelos seus materiais ou técnicas construtivas, mas pela relação emocional que estabelecem, pelas histórias vividas em seu interior e pelos valores que

transmitem através do tempo, como afirma Campos:

Ouvir antecipadamente os anseios de leitores e usuários de materiais a serem produzidos se mostra como importante recurso para implementar a afetividade em relação aos bens patrimoniados, podendo conduzir a resultados mais efetivos. Estes materiais podem enfatizar o valor das edificações, não apenas enfocando seus materiais ou técnicas construtivas, mas na relação afetiva estabelecida, nas histórias de vida ocorridas em seus interiores e como são capazes de nos ensinar valores que transcendem o tempo. (Campos et al, 2020 p.342 e 343).

A incorporação da Educação Patrimonial no ensino de História nas escolas desempenha um papel crucial, permitindo a valorização ou questionamento da memória e fornecendo a oportunidade de compreender como essas memórias são construídas e quais são seus objetivos, sejam eles tangíveis ou intangíveis. É fundamental que os professores tenham uma compreensão sólida do que constitui o Patrimônio Histórico e Cultural, para que possam aplicá-lo de maneira eficaz tanto dentro quanto fora da sala de aula, desafiando assim a narrativa eurocêntrica que muitas vezes domina os currículos, assim:

[...] o compromisso do setor educacional articula-se a uma educação patrimonial para as atuais e futuras gerações, centradas no pluralismo cultural. Educação que não visa apenas evocar fatos históricos “notáveis”, de consagração de determinados valores de setores sociais privilegiados, mas também concorrer com a rememoração e preservação daquilo que tem significado para as diversas comunidades locais, regionais e de caráter nacional. (Bittencourt, 2008, p.178).

Logo, nota-se a necessidade da contribuição dos educadores nas escolas, para a rememoração e significância da história local, regional e nacional. Assim não somente os alunos, mas a sociedade se sentirá parte desse processo histórico. Segundo o Guia Básico de Educação Patrimonial (1999), publicado pelo IPHAN, a Educação Patrimonial:

[...] busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (Horta, 1999, p.6).

Lugares como museus, teatros, igrejas, espaços culturais e urbanos tem como objetivo buscar no passado a nossa história. É como olhar para o nosso redor, como um lugar de registro, como se a cidade fosse uma fonte histórica que está ao nosso alcance e precisa ser estudada, entendida, compreendida e analisada em meio a um espaço público em diálogo como espaço escolar. Logo, a escola sendo esse espaço propício onde o aluno se vê e se percebe no meio em que está inserido, desperta no educando o sentimento de valorização do patrimônio cultural a partir de espaços que lhe são apresentados diariamente, mas que, muitas vezes, lhe passam despercebidos. Portanto,

O espaço escolar e os espaços de preservação da memória – museus, arquivos, bibliotecas, casa de cultura, entre outros – devem ser pensados de modo

conectado, já que são lugares precípuos de socialização da memória nas sociedades contemporâneas. A luta que se vem travando por parte de diferentes grupos sociais sobre o direito à memória, passa pelo acesso a esses importantes espaços de circulação e socialização de memória. A formação do professor e do historiador deve, então, problematizar – do ponto de vista da história – esses lugares, assim como os conteúdos da memória que neles circulam (Toledo e Costa, 2014, p. 23).

À direita de quem entra no templo estão, como prolongamento no sentido transversal, as Capelas do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, e do Senhor Bom Jesus da Coluna, ambas de construção anterior e cujas primitivas fachadas se incorporaram à parede da Igreja. Junto com o Seminário de Santo Antônio constituem o primeiro Conjunto Franciscano de São Luís. A Igreja de Santo Antônio, pertence a Diocese de São Luís do Maranhão, criada no dia 30 de agosto de 1677.

Figura 2. Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Instagram, 2024.

Com a historicidade da Igreja de Santo Antônio é evidente sua contribuição para com a história de São Luís. Sendo esta, um método facilitador e uma proposta para o ensino e de fácil acesso para a comunidade pedagógica. No entanto, deve ser ressaltada a importância de sua valorização, para que não haja uma perda religiosa e histórica em nossa cidade, esta, precisa ser vista pelo governo, pela comunidade, pelas escolas, e pelo clero como um local histórico e de importância singular na construção da história ludovicense.

Para uma melhor compreensão desse espaço e sua contribuição ao ensino de história, considera-se importante, a apresentação/descrição dos espaços que fazem parte do seu entorno, como um prolongamento da Igreja, os quais se encontram na construção do objeto deste estudo.

3.1.1 Seminário

O convento foi inaugurado em 1 de fevereiro de 1625 e Frei Antônio da Trindade foi nomeado seu guardião, este, informava, segundo Moraes (1995), por essa época a seu irmão Manuel de Faria que nessa terra, tinha ele feito um mosteiro com dois dormitórios e todas as oficinas necessárias, telhado, sobrado e paredes, porém de taipa feitas entre esteios de pau, rebocadas e caiadas. Mostrando assim as primícias do local.

O Convento de Santo Antônio (Figura 3) foi palco de inúmeros episódios de nossa história, sendo o primeiro deles a Revolta de Bequimão, onde ocorreram as primeiras reuniões, resultando com a concentração dos conjurados que de lá partiram, na noite de 23 de fevereiro de 1684 e destituíram o Capitão Mor Baltasar Fernandes de Sá. De acordo com Moraes (1995), em muitas ocasiões os frades de Santo Antônio ofereceram o abrigo de seus claustros a pessoas ameaçadas, como aconteceu com os ouvidores Vicente Leite Ripado (1720) e João Francisco Leal (1792), atingidos pelo arbítrio de governadores coloniais. Aqui foram realizadas as reuniões que antecederam as batalhas, o primeiro levante popular contra a coroa portuguesa no Brasil. Foi neste local que segundo o IBGE :

Em 1836, quando se deu a criação da atual Polícia Militar do Estado, com a denominação de Corpo de Polícia da Província do Maranhão, serviu o Convento de Santo Antônio de seu primeiro quartel. Mas logo se encontrou para o local ocupação mais condizente, o Seminário Episcopal de Santo Antônio, criado pelo Bispo D. Marcos Antônio de Sousa, e inaugurado a 17 de abril de 1838. (IBGE. 2020)

Figura 3. Seminário da Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Instagram, 2024.

Segundo dados do IBGE o Corpo de Polícia logo se deslocou para o local de ocupação mais adequada e o Seminário Episcopal de Santo Antônio, criado pelo Bispo D. Marcos Antônio de Sousa, 15º bispo do Maranhão que foi o grande idealizador e fundador do primeiro seminário do estado. Inaugurado em 17 de Abril de 1838, recebendo muitos alunos, o que tornou necessária a ampliação do espaço físico e a criação de novas cadeiras de humanidades, teologia e canto gregoriano. Antes, a formação dos sacerdotes maranhenses era feita no Colégio jesuíta de Nossa Senhora da Luz, que estava fechado desde 1759.

Havia um déficit na formação e instrução do clero, o que levou Dom Marcos a se preocupar com a instalação de um seminário diocesano. A primeira questão era onde iria instalar. A resposta estava em um dos velhos conventos que no início era repleto de frades e, àquela época, já quase vazios. Após diálogo com o guardião do velho convento dos capuchinhos portugueses, o Convento de Santo Antônio e Santa Margarida, foi cedido à diocese um espaço.

Posteriormente, em 1856, o convento entrou em declínio, de modo que não tinha nem frades nem recursos financeiros.

Nesse ano veio do Pará, como guardião, Frei Vicente de Jesus, responsável pela revitalização do convento e o início da construção da Igreja de Santo Antônio. Frei

Vicente, entretanto, morreu em 1862, não conseguindo ver concluída a Igreja que tanto trabalhou, recorrendo à ajuda dos fiéis e do poder Público. O novo guardião do convento, Frei Ricardo do Sepulcro, prosseguiu o trabalho de seu antecessor. Este conseguiu que a partir de 1864 o Governo da Província destinasse às obras uma subvenção anual e que o engenheiro Francisco César da Silva Amaral se encarregasse delas, por determinação governamental.

Filho (2016), em entrevista a Rádio Educadora relatou que o Seminário de Santo Antônio teve um de seus períodos áureos com a chegada dos padres lazaristas a convite de Dom Antônio Xisto Albano (1901-1906), 19º bispo do Maranhão. Os padres da Congregação da Missão, que já tinham assumido a formação de vários seminários Brasil afora, assumiram a direção do Santo Antônio em 14 de janeiro de 1904. Dom Francisco de Paula e Silva (1907-1918), saudoso sucessor de Dom Xisto, criou a Obra das Vocações Sacerdotais que deu novo impulso ao seminário. No início dos anos 60, o seminário sofre com a falta de vocações e em 1963, os lazaristas deixam a formação do seminário. O seminário passa um período fechado. Afirma:

Em 1977, o seminário foi transferido do velho prédio do Santo Antônio para o antigo sobrado do Barão de Grajaú, onde posteriormente funcionou também o Museu de Artes Sacras do Maranhão, cujo acervo pertence à Arquidiocese. O Seminário de Santo Antônio esteve no sobrado do Barão de Grajaú até o fim de 1984. Em 1985, retorna para o antigo convento como seminário interdiocesano, isto é, residem juntos os seminaristas de todas as dioceses do Maranhão. Com o tempo, percebe-se que o grande número de seminaristas dificulta o trabalho eficaz da formação para o sacerdócio que deve ser mais personalizada, de maneira que se torna necessária a formação de comunidades menores. O seminário interdiocesano se desfaz e cada diocese funda o seu seminário. O Seminário de Santo Antônio continua até que, em 2008, os seminaristas da Filosofia são transferidos para o antigo seminário menor no bairro Jardim das Margaridas, que passa a ser Seminário Arquidiocesano de Filosofia São João Maria Vianney e os seminaristas da Teologia são transferidos para a casa paroquial de São José e São Pantaleão, que passa a ser Seminário Arquidiocesano de Teologia de Santo Antônio. Por meio do trabalho incansável de nosso operoso Arcebispo, dom Belisário, coadjuvado pelo não menos operoso Reitor, padre Clemilton Moraes, e por todo Povo Fiel, o venerável prédio está sendo reformado e voltará a ser, *Deo Gratias*, a grande sementeira do clero ludovicense. (Filho, 2016).

O autor relata sobre a grande importância do local na formação do clero para a cidade de São Luís, local de onde foram e são preparados padres que atuam tanto dentro da Igreja Católica como no meio social.

Ainda sobre a origem do seminário,

Meireles afirma que a igreja do Desterro ainda não existia na ocasião da ocupação holandesa; a ermida que figurava no local era a de São Jorge e afirma ainda que o convento situado nos subúrbios era o de Santo Antônio, que pertencia aos franciscanos. Até o século XVIII, existiam quatro conventos na

cidade de São Luís: o de Nossa Senhora da Luz e Colégio dos Jesuítas no recinto amurado; o de Nossa Senhora do Carmo; o de Santo Antônio, à margem do rio Anil; e o de Nossa Senhora das Mercês, no bairro do Desterro. Os conventos balizavam o espaço da cidade, organizando o ambiente urbano pela atração que exerciam as igrejas, que provocavam a ocupação e os adensamentos. (Meireles, 2007 pág, 34)

3.1.2 Capela Bom Jesus dos Navegantes

A Capela dos Navegantes (Figura 4), de acordo com o site Ipatrimônio, é de propriedade da Arquidiocese de São Luís, tendo como responsável imediato Augusto Aranha e de proteção legal segundo o Decreto Estadual nº 7.933 (1980); inscrição 22 no Livro de Tombo (1981). Uma das primeiras edificações religiosas de São Luís remontando ao início da colonização francesa no Maranhão. Construída pelos Capuchinhos Franceses em 1613 ao lado do convento de São Francisco, a capela de São Francisco como era então chamada, embora de madeira e coberta de côlmo, foi o melhor dentre os então edificadas pelas suas proporções e seus ornatos.

Figura 4. Capela Bom Jesus dos Navegantes



Fonte: Instagram, 2024.

Após a expulsão dos Franceses, em 1616, foram abandonados convento e Capela, até 1624 quando Frei Cristóvão de Lisboa vindo de Pernambuco juntamente com outros 16 religiosos encontra as ruínas do antigo convento e Capela de São Francisco, verificando a grande necessidade, decide reedificá-los, instituindo como padroeiro da Capela Santa Margarida e do Convento Santo Antônio.

A capela é uma das mais belas e significativas, também pelo seu acervo de Arte Sacra. Nela foi armado o primeiro presépio da província pelos irmãos franciscanos

e abriga também sepulturas de várias famílias e de nomes maranhenses como Ana Jansen e José Maria Barreto o Barão de Anajatuba. Localizada na Praça de Santo Antônio, braço direito da Igreja de Santo Antônio e de notável mérito arquitetônico. A primeira capela tem seus complementos e reminiscências dos tempos jesuíticos e sua fachada interceptada com a construção da atual Igreja de Santo Antônio, de nave única separada da capela-mor convencionalmente pelo arco cruzeiro, possui teto em abóboda de berço e o piso original central da nave é de lousa com as laterais assoalhadas.

Possui dois altares uniformes, situados nos ângulos do arco cruzeiros, de feições neoclássicas, nicho em arco pleno ladeado por colunas de fuste canelado, sendo que um terço da base do fuste é liso e de capitel coríntio. A parte superior do altar é de serra talhada vazadas e voluntas decoradas com folhas de acanto. A capela-mor apresenta pisos assoalhados e próximo ao altar, degrau de cantaria e lousa. Com o altar-mor todo branco, neoclássico, o camarim com abertura de em arco de rachadura e trono com cinco degraus.

A separação entre os painéis é feita por colunas duplas, de capitel coríntio, e estriado com um terço da base lisa, sendo que duas colunas estão situadas nos extremos do retábulo, suportando o entablamento, coroa de jarros e frontão, ladeado por elementos marinhos vazados (característica Barroca), centrado por um medalhão talhado. Existem no corpo da nave dois altares de mármore descaracterizando completamente o conjunto.

Foi do púlpito dessa Capela que o Padre Antônio Vieira em 1654 diz seu célebre Sermão,

O sermão de Santo Antônio dos peixes com o objetivo tanto de louvar algumas virtudes humanas como e principalmente de censurar com severidade os vícios dos Colonos obteve do rei a lei de Abolição dos cativos indígenas em 9 de Abril de 1655 dando a tutela dos índios a companhia de Jesus ponto com base nesta lei propôs A Paz ao 7 caciques da Ilha do Marajó hortis aos portugueses e ligados pelo comércio e Mercadores holandeses e britânicos. (Martins,2010 p. 42)

Segundo o autor, Vieira usou tal recurso para rebater conhecidas figuras da terra, inclusive religiosos comprometidos com a exploração dos índios e com maus procedimentos que ele lutou contra. Para combater um justificável anacronismo em voga, o sermão dos peixes não foi proferido na atual Igreja de Santo Antônio que, conforme se sabe, a data remete a segunda metade do século XIX e sim em sua primeira construção.

A Irmandade de Bom Jesus dos Navegantes, responsável pela da Capela, surgiu entre os século XVIII para o XIX. No final dos setecentos por motivos que se desconhece, uma briga interna provocou o surgimento da Irmandade de Bom Jesus dos

Navegantes, fundada pelos descendentes da Irmandade dos Passos, que foram alojar-se na Igreja de Santa Margarida, dali mandaram buscar em Portugal todos os elementos necessários para a celebração dos rituais da Quaresma, exatamente iguais aos que existiam na Confraria dos Passos, com exceção da imagem do Padroeiro, o Bom Jesus dos Navegantes, uma câmara mortuária foi providenciada pela Irmandade dos Navegantes autorizada pela Câmara Municipal em 1829.

Mesmo desconhecendo a data exata da fundação da Irmandade dos Navegantes, um bom indício é o livro de atas da Irmandade de propriedade do senhor Augusto Aranha, cuja ata mais antiga é a de nº 25 datada do ano de 1825, supõem-se ter sido a Irmandade dos Navegantes fundada nos primeiros anos do século XIX.

Entre 1856 e 1867, houve uma reforma no convento de Santa Margarida e a construção da Igreja de Santo Antônio. Os frades franciscanos, que estavam à frente das obras tiveram o apoio da população, do Governo da província e da Irmandade de Bom Jesus dos Navegantes que receberam a posse legal da Capela, a qual foi anexada ao prédio da Igreja de Santo Antônio, configurando-se em Capela lateral no transepto da Igreja. A partir da década de 1930, com a decadência e extinção da Irmandade de Bom Jesus dos Passos, passou a ser responsável pelas procissões da Quaresma realizando ainda hoje com bastante participação da população.

A Capela atualmente, como cita Carvalho (2015), apresenta fachadas despojadas e cobertura em duas águas em telha de barro capa canal (com exceção do consistório que possui três águas), sustentada sobre estrutura de madeira com tesouras de linha suspensa, que possibilita forro em abóbada de berço arrematado por cimalha na nave e na capela-mor. As paredes internas e externas desta Capela são em alvenaria em pedra rebocada, apresentando trechos com a presença de tijolos de adobe, para formação dos arcos plenos, e tijolos cerâmicos em algumas vedações. A fachada sul é rebocada com barro sem pintura.

A fachada oeste que é rebocada e pintada com cal, apresenta janelas e portas de arco pleno com gradil interno contemporâneo. A fachada leste é rebocada com barro sem pintura.

Caracterizando este espaço,

A entrada principal ocorre pelo átrio e é feita pelo arco ogival, no lado sul da nave da Igreja de Santo Antônio. A Capela possui uma única nave, separada da capela-mor por arco-cruzeiro. O átrio é separado da nave por arco pleno que sustenta o coro. Ladeando o arco cruzeiro, dois altares de feições neoclássicas. Nas paredes laterais vãos de janelas em arco pleno com balcão entalado possibilitam a iluminação natural. No interior da capela, nas paredes laterais da nave, existe um altar de cada lado, confeccionados em alvenaria e mármore de estilo neoclássico tardio. (Carvalho, 2015, p. 79) .

Este ainda destaca que o retábulo-mor branco possui elementos decorativos em azul, de estilo também neoclássico, apresenta frontão ladeado de elementos marinhos vazados, característica barroca. No lado direito encontra-se a sacristia – com piso de lajotas de barro – e sobre esta o consistório que tem piso em tábuas corridas na cor escura, e está sem o forro, apenas com telha vã. Pela sacristia tem acesso ao retro-altar-mor por uma escada em madeira, que leva à parte superior do altar-mor e camarim. O retro altar também possui piso de ladrilho de barro, no pavimento superior encontra-se o coro com piso assoalhado e guarda corpo em gradil de ferro trabalhado no retilíneo, pintados na cor prateada. O átrio, a capela mor, a capela mortuária, alas laterais leste e oeste, incluindo o hall de escada oeste que dá acesso ao coro, abrigam quinhentos e setenta e cinco jazigos/lápides (piso e paredes), onde se encontram depositados os ossos de pessoas importantes, ligadas a burguesia do século XIX e XX, que fizeram parte da história do Maranhão.

Sobre sua construção,

Na nave, o piso é assoalhado em madeira escura, formando campas; contendo faixa central em pedra preta e branca, formando um tabuleiro de xadrez. Na capela-mor, além do piso assoalhado, pedras e lajotas de barro que também estão presente na sacristia, nas alas laterais e no hall da escada para o coro. Na ala lateral esquerda (oeste), há uma capela mortuária, que foi construída aproximadamente nos meados do século XIX. Apresenta jazigos parietais em todas as paredes que a compõe. O piso é revestido por lajota de barro e sobre ele há lápides em pedra. E na parede sul há um pequeno altar em madeira e vidro, pintado na cor branco com detalhes ornamentais em azuis. Na ala lateral direita (leste), há outra capela mortuária apresentando jazigos parietais nas paredes oeste e norte deste cômodo. (Carvalho, 2015, p. 79)

As últimas reformas feitas na capela resume-se a pintura, pequenos consertos e limpeza em geral. No governo Sarney foram feitos reparos no teto, e mais recente, foi restaurada especialmente o madeiramento. Sua construção resume-se a materiais como pedra, cal, madeira, pedra de cantaria, lajota de cerâmica, lousa preta e branca e ferro. O prédio apresenta perigos potenciais dos pontos de construção de pedra, rachaduras no suportes verticais, há a necessidade de substituição do ferro e apresenta falta de proteção de combate ao fogo.

3.1.3 Largo

O Largo de Santo Antônio situa-se entre o Beco do seminário e Rua de São João, (figura 5), recebe também o nome de Praça Antônio Lobo de acordo com a resolução Municipal de 24 de Abril de 1917. Popularmente é chamada de Praça de Santo Antônio, inaugurada em primeiro de fevereiro de 1625, em 1867 foi anexado a Igreja do mesmo nome. Conforme Martins (2010), ali existe um dos seis chafarizes instalados na

cidade pela Companhia das Águas do Rio Anil para serventia da população.

Figura 5. Largo da Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Instagram, 2024.

O busto erigido no centro do Largo, foi concluído em 20 de janeiro de 1867.

O busto erigido no centro do Largo, e homenagem a Antônio Lobo é de autoria do escultor maranhense Sérgio Celso Antônio de Menezes. Antônio Francisco Leal Lobo é filho de Policarpo José da Costa Lobo e Francisca Leal Lobo, nasceu em São Luís do Maranhão dia 4 de julho de 1871, além de professor jornalista ele foi escritor poeta e tradutor. Ocupou altos cargos junto ao governo do estado, exerceu o magistério na escola normal e seminário das Mercês, o diretor da biblioteca pública do Liceu maranhense e da instrução pública colaborou em muitos jornais da capital. (Martins, 2010, p.67)

O autor relata que além da política, crítica literária e ciência também dedicou-se aos temas ligados a sociologia e biologia. Juntamente com Ribeiro do Amaral, Corrêa de Araújo, Clodoaldo de Freitas, Armando Vieira da Silva, Alfredo de Assis, Godofredo Viana, Domingos Barbosa, Fran Paxeco, Barbosa de Godóis, Astolfo Marques e Inácio Xavier de Carvalho fundou a Academia Maranhense de letras em 10 de agosto de 1908 da qual ocupou a cadeira número 14, patrocinada por Nina Rodrigues. Vítima de muitas pressões e perseguições políticas em 24 de junho de 1916 enforcou-se com uma corrente em sua residência.

3.1.4 A Igreja

A Igreja foi construída em 1867 para completar a grandiosidade do Convento de Santo Antônio inaugurado em 1625. Esta Igreja (Figura 6) é tão importante quanto o próprio Convento, que tem sua história intrínseca a história de São Luís.

Figura 6. Fachada da Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Instagram,2024.

Em 1867 a Igreja de Santo Antônio é construída, incorporando a capela do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, doada pelos franciscanos para a Irmandade do Bom Jesus dos Navegantes. A Igreja ainda mantém o Altar-mor no estilo Neoclássico, como mostra a figura 7 abaixo.

Figura 7. Altar da Igreja de Santo antônio com Estilo Neoclássico.



Fonte: Instagram,2024.

Leite (2011) relata em entrevista a um blog um dos grandes acontecimentos do local:

No dia 14 de Outubro de 1991, o Papa João Paulo II visitava São Luís – Maranhão. O povo Maranhense ficou numa grande expectativa ante a chegada do Vigário de Cristo em sua terra. Nós, seminaristas, nem se fala, principalmente porque o Santo Padre seria hospedado no Centro Teológico do Maranhão, prédio ligado ao nosso Seminário, cuja pequeníssima separação era a nossa quadra de esporte. A Expectativa era geral. Estávamos todos envolvidos nos preparativos ante a grande festa que estava para acontecer. (Leite, 2011).

Segundo Carvalho (2015), a Igreja de Santo Antônio trata-se de um conjunto arquitetônico religioso significativo, deixado pela Ordem Franciscana no período da colonização portuguesa em terra ludovicense. Em 1705 foi criada a Real Província da Imaculada Conceição de Portugal, desmembrada da Província de Santo Antônio de Portugal, que administrava o convento de Santa Margarida. Esta nova província seguiu o modo capucho fazendo transparecer suas diferenças nos conventos reformados e nos novos conventos “construídos de raiz”, isto é, desde as fundações.

Esta afirmação nos permite entender melhor o conjunto franciscano, pois o mesmo, tendo sua construção iniciada, sob os estatutos da Província de Santo Antônio, mantém a linha do “modo capucho” seguindo-o nas alterações e acréscimos que, serão realizados até meados do século XIX. Um destes acréscimos foi a construção da Igreja de Santo Antônio.

Com aprovável ruína da pequena capela de Santa Margarida, tem-se início à construção de uma igreja condizente com as necessidades da missão.

Segundo o mesmo, acreditava-se até o momento que a Igreja de Santo Antônio só havia sido construída no século XIX, e que sua construção afetara a fachada norte da Capela de Santa Margarida, atual Capela do Bom Jesus dos Navegantes. Mas, o Livro dos Sepultamentos, indicado por Coe (2005) em sua tese sobre os sepultamentos nas igrejas em São Luís do Maranhão, faz referência a uma Igreja de Santo Antônio existente em 1838. Willeke (1978) afirma a existência de uma igreja conventual que foi reconstruída três vezes, e Amorim (2011) nos diz que “já em 1736, Frei Gonçalo de Jesus Maria, em nome do provincial da Conceição, pedia apoio para a compra do sino (de cinco arrobas) para a igreja de Santo Antônio em São Luís do Maranhão, ‘onde estudam os missionários’ ”.

Isto nos confirma a existência da igreja de Santo Antônio, provavelmente em fase de conclusão ou já concluída na primeira metade do século XVIII.

Sobre o costume dos sepultamentos nas igrejas, Carvalho (2015) assegura que:

Os sepultamentos nas igrejas dos conventos – tradição vinda de Portugal – foram determinados pela Província da Conceição em 27 de setembro de 1763. Os pisos não seriam mais de pedra e sim de tabuas, em formas de campas, para acolher as sepulturas. É muito provável que logo esta determinação tenha chegado ao convento e tenha sido acolhida, pois no século XIX a igreja vai se referenciar para os sepultamentos. (Carvalho, 2015, p. 65).

O ainda de acordo com o autor, o que se tem hoje sobre a ordem de construção, que coloca a Capela, depois o seminário e por último a Igreja, não está correto, em sua pesquisa arquitetônica mostra que o modo com que o seminário foi construído aponta para o estilo capucho de construção que estava em voga em Portugal. Frei Cristóvão de Lisboa inicia as obras nesse modelo, dando abrigo a 13 padres. Com isso a Igreja de Santo Antônio foi erguida primeira, junto com o seminário, depois que se constrói a Capela. A Igreja entra em estado de ruína, na primeira metade de 1800 se é feita uma nova construção.

Em 1705 a Igreja, após determinação, passa a se preparar para receber os bem-feitores mortos. Depois da segunda metade de 1800 há uma proibição de sepultar no piso da Igreja por questões sanitárias, e a Igreja passa a abrigar os restos mortais nas paredes, muitos hoje sem identificação. O estilo atual da Igreja segue o estilo Manuelino, estilo português que as Igrejas tem aparência de castelo, misturado um pouco com o gótico,

Sua singularidade está não só na distribuição espacial, mas, sobretudo na localização e implantação. Esta última sempre se fazia em locais afastados do meio urbano para conservação da privacidade – buscando o silêncio para estudos e orações – e sobre tudo do espírito de reclusão do mundo externo. O modo capucho não só organizava os espaços, como também determinava a orientação dos mesmos para receberem iluminação suficiente para as atividades, tanto religiosas (na igreja) como as humanas (estudo, cozinha, enfermaria e etc.). (Carvalho, 2015, p. 21)

Ainda de acordo com o autor, a Igreja de Santo Antônio que hoje conhecemos foi edificada no período do ecletismo, estilo muito difundido no século XIX, que inspirado nos estilos passados buscava a construção de edifícios que levavam aspectos destes estilos. Com esta construção obtém-se uma quebra e um distanciamento da feição estética da virada dos setecentos. Há um rompimento com as influências dos partidos adotados pelas igrejas e conventos do período colonial. A fachada principal, se beneficiando do logradouro público, implantou-se recuada formando uma espécie de adro aberto, de frente para a Praça Antônio Lobo. A Igreja de Santo Antônio exhibe uma estrutura arquitetônica, grande, maciça e austera.

A porta principal dá acesso ao átrio e à nave única retangular longa, pavimentada por painéis em ladrilho hidráulico decorado e policromado e paredes laterais decoradas por altares em alvenaria em estilo neogótico: altar de Santa Terezinha e de São Sebastião. Ao fundo, após o arco cruzeiro ladeado, também, por dois altares no mesmo estilo dos demais (Nossa Senhora da Conceição e São José), como assegura Carvalho (2015), está a capela-mor composta por presbitério e retábulo-mor em madeira policromada. No camarim estão as imagens do Sagrado Coração de Jesus, no alto, e mais abaixo Santo Antônio e nas mísulas laterais, as imagens de São Francisco das Chagas, São Vicente de Paula.

Ao longo da parede lateral da nave – lado sul – têm-se vãos de portas, guarnecidos de portões em ferro batido, que se abrem à Capela do Bom Jesus da Coluna, à Capela de Bom Jesus dos Navegantes e à Gruta de Nossa Senhora de Lourdes no transepto. As portas do lado direito – lado norte – se abrem à Capela e à sacristia que se liga ao antigo convento de Santo Antônio, atual seminário de Santo Antônio. Internamente, no pavimento superior têm-se o coro, circulação, ala lateral, torre sineira com escadaria em madeira que dá acesso aos sinos. (Carvalho, 2015)

3.1.5 Capela do Bom Jesus da Coluna

Esta capela foi edificada em 1869 num terreno doado pela Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, ano no qual a igreja já havia sido concluída (1867). O acesso à torre da igreja de Santo Antônio e a ala lateral sul, tornaram-se então o átrio e o coro da nova capela, respectivamente.

Esta Capela (figura 8) apresenta planta baixa de forma quadrangular contendo: átrio, nave, hall da escada de acesso ao coro, coro, depósitos e pátio. Esta :

Possui nave única de forma quadrangular, contendo altar-mor ao fundo em nível de piso mais elevado, este último revestido de pedra cariri. A nave se une ao átrio e, este ao hall da escada que dá acesso ao coro através de uma escada em madeira. Fora, o hall da escada foi revestido de pisocerâmico, a capela apresenta o ladrilho hidráulico. Em toda a capela existem várias urnas mortuárias, especialmente no hall da escada. (Carvalho, 2015, p. 80).

Figura 8. Imagem presente na Capela Bom Jesus da Coluna.



Fonte: Instagram, 2024.

A capela tem acesso principal através de um vão em arco ogival existente na nave da Igreja de Santo Antônio e, dois secundários por meio de portões laterais (direito e esquerdo), um que se abre, para um pátio que permite o acesso ao adro da Igreja Santo Antônio, e outro, para uma área livre onde foi construído um banheiro.

3.2 A Igreja sob um olhar histórico

Diante de tudo o que se abordou sobre as dificuldades e limitações do ensino de História, em especial da História Regional, o presente trabalho traz a proposta de uma metodologia para facilitar e valorizar o ensino da história de São Luís usando a historicidade da Igreja de Santo Antônio que está intrinsecamente relacionada com a fundação e construção da cidade, no seu contexto social, religioso e econômico.

Usar os espaços religiosos da cidade como propostas de ensino é uma prática inovadora e sendo bem elaboradas pode ser uma metodologia muito eficaz, haja vista a cidade possui Igrejas históricas construídas desde a sua fundação. Empregar a historicidade e o espaço da Igreja de Santo Antônio como uma proposta e metodologia de ensino irá possibilitar ao professor uma nova experiência, uma oportunidade de abordar a história local usando uma fonte material local que ainda é acessível. Trazer para a sala de aula a importância de se conhecer e valorizar os fatos ocorridos na cidade de São Luís, que em 1997 foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) como Patrimônio Mundial da Humanidade.

Assim, também como uma forma de conhecer e valorizar a segunda mais antiga igreja da cidade, não mais com o olhar apenas religioso e exclusivamente Católico, mas histórico, crítico, e formativo.

Perante o exposto da historicidade da Igreja de Santo Antônio, fica evidente sua contribuição para com a história de São Luís. Sendo esta, um método facilitador e uma proposta para o ensino e de fácil acesso para a comunidade pedagógica. No entanto, deve ser ressaltada a importância de sua valorização, para que não haja uma perda religiosa e histórica em nossa cidade, esta, precisa ser vista pelo governo, pela comunidade, pelas escolas, e pelo clero como um local histórico e de importância singular na construção da história ludovicense.

4 ENSINANDO A HISTÓRIA DE SÃO LUÍS ATRAVÉS DA IGREJA DE SANTO ANTÔNIO.

Este capítulo apresentará a experiência vivenciada com os alunos no desenvolvimento desta atividade, apontando as etapas e como estas foram realizadas dentro e fora de sala de aula. Aqui, o objetivo é demonstrar que de forma planejada é possível fazer uso desse espaço para tornar o ensino de história local e patrimonial mais prazeroso e eficaz. A primeira etapa, realizada em sala de aula com perguntas direcionadas para introduzir o conteúdo aos alunos e diagnosticar os conceitos, a segunda etapa, na igreja, foi estruturada com as paradas e os conteúdos a serem trabalhados.

Para esta atividade realizada no dia 31 de Maio de 2022 participaram os alunos do Ensino Médio das turmas de 1º, 2º e 3º ano do Colégio Max localizado no Jardim de Fátima- Cohab. Alunos com a faixa etária de 14 a 18 anos. Totalizando o número de 45 meninas e meninos. Assim como os seguintes professores da instituição: Pâmela Safira (Arte), Natasha Castro (Espanhol), Karliane Viana (Química), Danilo dos Santos (Física), e a coordenadora pedagógica (Roselane Dutra). E também 4 alunas do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão que acompanharam a visita e participaram do desenvolvimento do trabalho.

1ª Etapa: Aula Introdutória em Sala de aula

Aula 01- Apresentação do Conteúdo

Em sala de aula foi realizado com os alunos uma roda de conversa introdutória sobre o tema, fazendo assim um diagnóstico sobre os conteúdos prévios sobre patrimônio, história de São Luís e sobre os espaços religiosos da cidade.

Para esta aula foi necessário dois horários onde cada etapa foi dividida da seguinte forma:

- Foi perguntado aos alunos o que é Patrimônio Histórico e qual a importância de se conhecer esses espaços da nossa cidade.
- Em seguida foi levantado um breve debate sobre o que eles achavam das aulas de história e de que modo eles acreditam que possa melhorá-las.
- Por último pediu-se que os alunos rememorasse alguns lugares ou monumentos históricos que eles já visitaram em São Luís.

Após apresentar as perguntas aos alunos foi dado alguns minutos para que pudessem registrar suas respostas. Ao concluírem, iniciamos as discussões oralmente e eles puderam explanar suas ideias. O que se pôde perceber nesse momento de escuta é que para muitos a disciplina de História deixou de ser interessante pela forma como esta

lhe foi ensinada e que é claro e preocupante o déficit de conhecimento de história local.

Direcionando os debates apresentou-se o conceito de Patrimônio Material e Imaterial, o órgão responsável, a importância desses espaços para a história e uma lista de alguns patrimônios de São Luís. Em seguida, já com o levantamento bibliográfico sobre a historicidade da Igreja de Santo Antônio segundo (Zuccaratto, 2017), (Cardoso, 2008), (Marques, 1970) e (Martins, 2010) foi apresentado esse espaço aos alunos. Destacando informações como: fundação, arquitetura, responsáveis, local, atualidade, contexto histórico desde sua construção e alguns acontecimentos dos quais a Igreja foi palco.

Ao perguntar aos alunos sobre; O que é Patrimônio Histórico? Alguns responderam:

- [...] algo muito antigo, porém valioso, que pode ser utilizado como instrumento de pesquisa. (Aluno A. 3º ano)
- São monumentos ou espaços históricos que de alguma forma participaram de algum momento importante, cada um com seu significado. (Aluno B. 3º ano).
- [...] tem o objetivo de preservar um legado para as próximas gerações. (Aluno C.1º ano).
- É um bem de uma determinada sociedade. (Aluno D. 1º ano)

Ao questionar sobre a importância de conhecermos os locais históricos de nossa cidade, alguns alunos se mostraram cientes da necessidade de conhecer e preservar, alguns responderam:

- Para conhecermos a nossa cultura, arte e tradição. (Aluno E. 1º ano)
- Para saber do passado, como era a arquitetura, cultura e o jeito que as pessoas viviam. (Aluno F. 1º ano)
- Temos que conhecer os patrimônios para conhecer nossa própria história. (Aluno G. 1º ano)

Nessa discussão também foi abordado sobre o ensino de história, na visão dos alunos, perguntando a eles se acham sobre as aulas de história e o que poderia ser feito para que elas se tornem mais atrativas.

- Muitas se baseiam em decorar informações. Seria interessante usar algum método para nos conectar com o que aconteceu e se afastar dos dados, trazendo coisas como imagens para termos uma ideia visual dos acontecimentos, pode ser legal. (Aluno G. 1º ano).
- Poderia ser uma aula onde possa ser aplicada com o nosso dia a dia. (Aluno

H. 3º ano).

Para finalizar o questionário foi perguntado sobre quais os espaços/monumentos históricos de São Luís que os alunos conhecem, muitos destacaram o Centro Histórico (Reviver), alguns citaram os museus e teatros, mas muitos alunos responderam que não conheciam nenhum local histórico da cidade, destes, alguns após a conversa lembraram de algum patrimônio e outros descobriram que aquele lugar que já tinham ido várias vezes pertencia ao patrimônio da nossa cidade.

Fica claro o papel do professor de história na mediação da educação patrimonial e sobre o ensino da história local. Para que os alunos não só saibam os conceitos básicos mas que possuam o conhecimento de sua própria história para valorizar e sejam despertados para conhecer sua própria história.

2ª Etapa: Visita à Igreja de Santo Antônio

O ensino escolar, não busca apenas fazer com que o aluno domine o conjunto de conteúdos informativos. Seu objetivo, principal, é favorecer o desenvolvimento de habilidades e competências, por isso a intervenção pedagógica do professor é fundamental no ensino de história, planejando e conhecendo a teoria, mas fazendo na prática, com novas metodologias, aulas que possibilitem um melhor ensino-aprendizagem.

1ª parada: Largo de Santo Antônio

Aula 02- Companhia de Jesus no Maranhão

Habilidades e Competências: Identificar quais as contribuições e consequências deixadas pelos religiosos jesuítas no Maranhão, destacando o padre Antônio Vieira com seus principais feitos.

Conteúdos Históricos: Jesuítas no Maranhão e Padre Antônio Vieira.

Metodologia: Para iniciar a aula a campo os alunos se reuniram na frente da Igreja, no largo (figura 9), onde possui alguns bancos e um espaço grande, possibilitando uma primeira conversa sobre características do local e alguns dados. Localizado entre o Beco do seminário e Rua de São João recebe também o nome de Praça Antônio Lobo de acordo com a resolução Municipal de 24 de Abril de 1917. Popularmente é chamada de Praça de Santo Antônio, inaugurada em 1º de fevereiro de 1625, em 1867 foi anexado a Igreja do mesmo nome. Mostrando aos alunos um resumo biográfico sobre os dois personagens que ali se encontram representados, Padre Antônio Viera e Antônio Lobo.

Após esse primeiro momento foi exposto a data e os motivos da chegada dos

jesuítas ao Brasil, já direcionando o discurso à escravidão indígena fazendo também uma comparação com a escravidão africana. Foi exposto os feitos no estado pela Companhia de Jesus e quais vestígios ainda é possível encontrar desses religiosos mesmo após sua expulsão.

Figura 9. Alunos no largo da Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Autora, 2022

2ª Parada: Capela Bom Jesus dos Navegantes

Aula 03- História de estilos artísticos

Habilidades e Competências: Proporcionar a compreensão dos conceitos e linguagens artísticas como esculturas e imagens sacras. Oferecendo contato com a arte e a cultura, especialmente a cultura local presente no acervo de obras da Igreja de Santo Antônio e Capela dos Navegantes sendo esta uma referência para esse movimento artístico, pois sediou segundo Zuccaratto (2017) a primeira exposição de arte sacra do Estado do Maranhão, acontecida na década de 1960, através do uso da história regional, possibilitando uma nova discussão sobre obras de arte presentes na cidade. Buscando entender a origem e as características de algumas de suas obras possibilitando o contato entre a História e a Arte.

Identificar e relacionar as características dos dois estilos artísticos com o espaço apresentado, de modo que os alunos compreendam não apenas o conceito de cada um, mas saibam perceber onde estão presentes, não mais apenas em locais distantes de sua realidade como Minas Gerais e Ouro Preto, ou outros lugares sempre citados nos

livros, mas em sua cidade. Compreender o contexto histórico e a importância do Barroco, Rococó e Neogótico no Maranhão, problematizando a valorização desses estilos na cultura da cidade.

Conteúdos Históricos: Arte Sacra, Barroco, Rococó e Neogótico.

Metodologia: Nessa parada, os alunos foram guiados para dentro do espaço, na capela (Figura 10), construída pelos Capuchinhos Franceses em 1613 ao lado do convento de São Francisco, a capela de São Francisco como era então chamada, embora de madeira e coberta de côlmo, foi o melhor dentre os então edificadas pelas suas proporções e seus ornatos.

Aqui os alunos voltaram seus olhares às imagens e a construção do local. Após esse primeiro contato, a professora de Arte conceituou os termos Arte Sacra e Arte Religiosa, para que os alunos consigam distingui-los. Posteriormente foi questionado aos alunos quais as sensações emitidas pelas obras, qual o objetivo do autor ao retratá-la dessa maneira. Após ouvir os alunos foi informado a história, características de seus traços, e autores de algumas das imagens. Em seguida, foi conceituado os estilos artísticos presentes no local, fazendo com que os alunos relacionem teoria e prática, assim como a arte e história.

Figura 10. Alunos na Capela Bom Jesus dos Navegantes.



Fonte: Autora, 2022

3º Parada: Igreja de Santo Antônio

Aula 04- Neo Clacissismo

Habilidades e Competências: Entender o conceito de neoclássico, contextualizando-o e reconhecendo alguns artistas deste estilo.

Fazer leituras de imagens comparativas, identificando os traços desse estilo no local. Avaliar as condições de conservação do monumento de estilo neoclássico presente na cidade, buscando discussão sobre algumas medidas para sua valorização.

Conteúdos Históricos: Arte Neoclássica.

Metodologia: Dando continuidade ao conteúdo da segunda parada, os alunos seguiram para a Igreja (Figura 11), onde também puderam observar alguns traços artísticos (Figura 12) de sua construção. Junto com a professora de Arte, foi conceituado a arte neoclássica e sua chegada ao Brasil e posteriormente ao Maranhão. Introduzindo também a história da cidade de Pompeia e sua descoberta pelos pesquisadores. Problematicando o tema com o Barroco e o Rococó com suas características e traços semelhantes e distintos. Essa aula foi subseqüente a outra, para que os alunos percebam onde a construção feita posteriormente na Igreja modifica sua estrutura original, ou seja onde os traços do neoclassicismo deixados com a reforma se diferencia na decoração inicial do espaço. Fazer essas observações nesse espaço possibilitou aos alunos encontrar diferentes traços artísticos no mesmo lugar, problematizando como as reformas realizadas durante os anos modificaram os traços originais da Igreja do século XVI.

Após essa introdução, foi feita uma leitura de imagens identificando a presença desse estilo no local. Na sequência, os alunos falaram o que perceberam, sentiram e associaram com o conceito do estilo. Possibilitando uma relação da história com a arte.

Figura 11. Altar da Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Autora, 2022

Figura 12. Detalhes da artísticos do altar da Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Autora, 2022.

4º PARADA: Salas Mortuárias

Aula 05- Relação da história na Língua portuguesa

Variação linguística do Maranhão: Confronto da escrita atual com a do século XVIII.

Habilidades e Competências: Observar que o fenômeno da variação linguística no Maranhão, mais especificamente em São Luís se configura em decorrência do momento histórico em que a língua é usada, da situação comunicativa e de algumas características dos sujeitos. Partindo das representações póstumas presentes nas salas mortuárias da Igreja de Santo Antônio e Capela dos Navegantes, problematizando o uso da gramática oitocentista comparada com a fala e escrita atual.

Conteúdos Históricos: Variação Linguística, Representações Póstumas em São Luís do século XVIII e XIX.

Metodologia: Aula interdisciplinar com a professora de Espanhol. Para iniciar o estudo do conteúdo proposto foi distribuído aos alunos filipetas com expressões ditas na cidade, como: éguas, brocado, mermã, piqueno, banhar, gaiato, naaam, oxênte, ralado, saliença, dentre outras. Pedindo que os alunos falem sobre seus significados e suas origens e criem frases. Após, foi levantada as questões sobre a língua e sua variação na cidade, sobre o preconceito ainda existente com sotaques no Brasil, sobre os sujeitos que contribuíram para a construção da identidade lingüística de São Luís. Problematicando sobre como era a escrita do Maranhão nos séculos XVIII e XIX, e como podemos ter acesso sem uso de livros ou fontes escritas. Aqui foi introduzido as lápides e epitáfios

como ferramenta (Figura 13). Para isso os alunos tiveram alguns minutos para olharem o ambiente e tentar ler os jazigos.

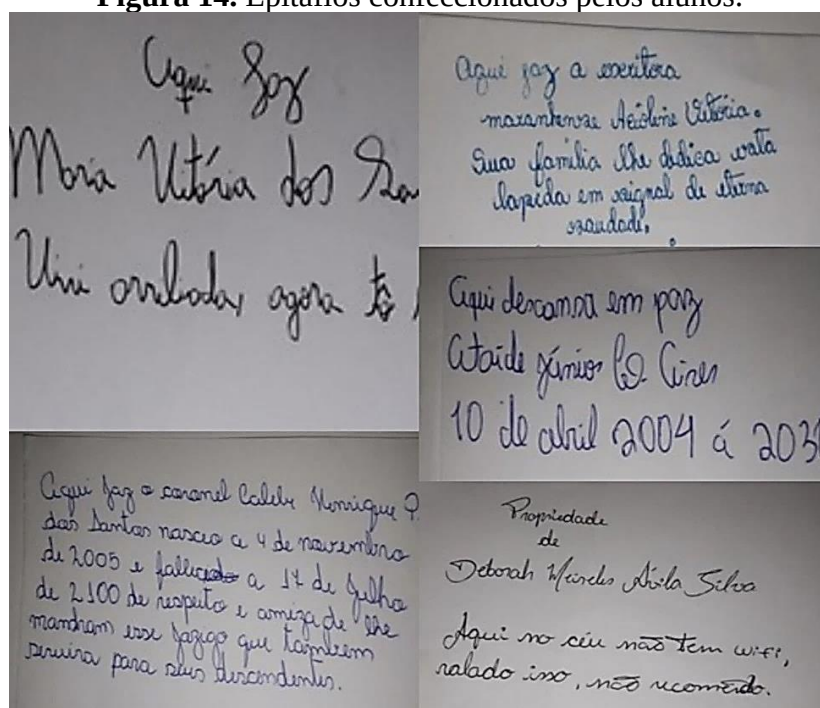
Figura 13. Sala mórtuaria.



Fonte: Autora, 2022.

Como atividade proposta para a aula, os alunos confeccionaram epitáfios para eles mesmos como mostra a figura 14, fazendo a junção da escrita dos séculos XVIII e XIX com a corrente. Alguns exemplos:

Figura 14. Epitáfios confeccionados pelos alunos.



Fonte: Autora, 2022.

4º PARADA: Salas Mortuárias

Aula 06- Sociedade maranhense do século XIX.

Habilidades e Competências: Conhecer alguns nomes da sociedade maranhense, compreendendo o contexto histórico em que viviam e seus principais feitos. Partindo dos jazigos (Figura 15 e 16) onde estão depositados seus restos mortais, problematizando quem são as pessoas presentes nesses espaços e a qual classe social pertencem. Contextualizar a elite maranhense dos séculos XIX e XX, assim como os costumes mortuários da sociedade do período.

Conteúdos Históricos: Sociedade Maranhense do século XIX e XX.

Metodologia: A aula foi iniciada apontando as principais características da sociedade maranhense do período proposto, dando destaque à elite, pois esta classe era a que possuía mais privilégios e chance de ter seus restos mortais em locais religiosos. Posteriormente, foi feita uma breve explanação sobre o costume de depositar restos mortais em igrejas, destacando os jazigos presentes na Igreja de Santo Antônio e na Capela dos Navegantes, onde estão os restos mortais dos dois personagens que serão destacados nesta aula.

Foi levantado a problematização a ausência de escravos, e pessoas de classe baixa no local, fazendo uma comparação aos que hoje são enterrados como indigentes. Após, foi trazido a biografia dos dois personagens, cada um próximo à sua lápide.

Figura 15. Jazido de Barão de Anajatuba



Fonte: Autora, 2022.

Figura 16. Jazido de Ana Jansen



Fonte: Autora, 2022.

5º PARADA: Seminário de Santo Antônio

Aula 07- Revolta de Beckman.

Habilidades e Competências: Compreender a revolta ocorrida na América portuguesa como expressão do choque de interesses entre as elites locais e Coroa portuguesa articulando as temáticas locais.

Conteúdos Históricos: Movimentos nativista. Revolta de Beckman.

Metodologia: Primeiramente foi levantando alguns questionamentos aos alunos, (qual a função da colônia? E da metrópole? Quais impactos das medidas tomadas pela metrópole para controlar o comércio colonial?), como meio de diagnosticar a turma sobre o conteúdo e iniciar uma problematização sobre os motivos do conflito. Foi explanado os antecedentes e causas da revolta e de modo sucinto sobre os líderes e colaboradores, assim questionando aos alunos quais os interesses dos participantes na Revolta de Beckman. Nessa mesma discussão, foi levantado a questão sobre a organização do motim, aqui foi usado o espaço do Seminário de Santo Antônio, por ser o lugar onde foi realizada as primeiras reuniões e partiram os revoltosos. Como o objetivo desta aula é entender a revolta a partir da Igreja, os alunos foram levados para uma praça que fica ao centro do seminário (Figura 17) para que se sintam integrantes das reuniões e organizações dos revoltosos que ali ocorreram. Nesse momento, os alunos listaram os motivos da revolta, orientando que eles, (agora como integrantes) destaquem as causas que os levariam sair das reuniões e partir para o motim.

Foi levantado o discurso sobre o espaço eclesial e sua importância no cenário local facilitando a compreensão e relação do Convento com a revolta. Dando continuidade à explanação do conteúdo, foi apontado agora as consequências da revolta para ambos os lados. E uma discussão sobre o corrupto regime político associado a um poder absoluto dos governadores, sobre a jurisdição inadequada, um clero dominante abusivo, disputas de mando, uma fiscalização repressiva e o sentimento de insatisfação da população, comparando o Maranhão do século XVII com o do século XXI.

De modo a enriquecer a aula, foi apresentado aos alunos o monumento da pirâmide de Beckman, localização Avenida Beira Mar. Como uma breve conversa sobre, demonstrando aos alunos a inscrição contida numa das faces “Aqui está enforcado o Bequimão, a 2 de novembro de 1685 ” trazendo a discordância do seu local de morte entre alguns pesquisadores. Foi questionado aos alunos se tinham conhecimento do monumento e sobre sua importância, assim como a relação do convento com os revoltosos.

Aproveitou-se o espaço para finalizar a aula, dando lugar às falas e dúvidas

dos alunos. Nesse momento as aulas do curso de História da UEMA conversaram de forma breve sobre Patrimônio e sobre a importância da preservação desse espaço.

Levando em consideração as atividades realizadas com a Educação Patrimonial, usando a Igreja de Santo Antônio, observou-se nos alunos um interesse ao Ensino Local e uma busca em conhecer sua identidade, em cada descoberta surgiam perguntas e questionamentos, nos que na ocasião visitaram pela primeira vez o local.

Figura 17. Alunos na praça em frente ao seminário da Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Autora, 2022.

5 CONCLUSÃO

Pesquisar, analisar e trazer as reflexões para a folha dessa dissertação me fez compreender que na educação não existe fórmula fixa, pois, se assim fosse, estaríamos inutilizando nossos esforços e o de nossos alunos. As cidades, assim como seus espaços de preservação da memória, são potencialmente ricas para a realização de trabalhos temáticos relacionados à educação patrimonial.

Foi necessário levantar a bandeira da conscientização para a preservação. Em face disso, nossa proposta visou, de forma criativa, dinâmica e coletiva, ampliar o entendimento dos vários aspectos patrimoniais explorando o ensino de História Local relacionando com a formação de cidadania, sentimento e vida cotidiana.

Assim, foi possível estimular um novo olhar para um espaço visto por muitos apenas como religioso, trazendo agora para a escola e a comunidade na qual ela está inserida também um olhar histórico.

O estudo que apresentamos nesta pesquisa é uma experiência desenvolvida com o intuito de construir ações educativas interligando as discussões entre educação Patrimonial, História Local e Ensino de História. Procuramos colaborar diretamente para a construção de sentimento cultural e saber local nos estudantes. Além disso, em se tratando de adolescentes, tentamos conectar essas demandas com a experiência da aula a campo e a interdisciplinaridade para que dessa forma seja ainda mais prazeroso.

Nosso referencial teórico buscou demonstrar não só a viabilidade como a necessidade da aproximação entre a Educação Patrimonial e o Ensino da História Local. Dessa maneira, foi essencial pensarmos a sala de aula como um espaço de interação social cuja possibilidade da aplicação de aulas de história se estendesse e pudesse ser aplicada em diferentes contextos educacionais e outros lugares como a Igreja.

Para que esse caminho pudesse ser percorrido, foi importante despertar o interesse e a sensibilização dos jovens para o patrimônio cultural. No decorrer do estudo, os dados alcançados revelaram que a Educação Patrimonial é um importante instrumento de auxílio para a educação e uma ferramenta que promoveu mudanças no discurso relacionado a História Local.

Assim, acreditamos que este Guia Pedagógico, que foi desenvolvido a partir da aula introdutória e aula a campo à Igreja de Santo Antônio com estudantes do Colégio Max, produza nos alunos sentimento de pertencimento cultural. Um grande desafio foi convidá-los a enxergar referências culturais e patrimoniais na própria comunidade. A recorrente depreciação e não conhecimento de espaços centenários e históricos da cidade,

sobretudo, como relatado por eles próprios, foi uma possibilidade para exercitarmos questionamentos sobre como eles chegaram a esse consenso e quais as possíveis formas de tornar essa discussão mais presente no ambiente escolar e nas aulas de história. Tais questionamentos forneceram, aos estudantes, novas possibilidades de reflexão que vão em direção oposta àquelas naturalizadas originalmente.

Apesar de o patrimônio estar se rendendo à exploração econômica através do turismo por exemplo, que muitas vezes não vem de forma sustentável, a Educação Patrimonial, aliada ao Ensino de História Local, viabiliza, também, que esses patrimônios já explorados economicamente sejam instrumentos de formação e conscientização cultural e histórica.

A abordagem da temática com a presença da interdisciplinaridade faz emergir um diálogo acerca da construção de sentimento de pertencimento cultural a partir do patrimônio material que nos rodeia.

Constatamos que a realização da aula introdutória em sala de aula apresentado é tão significativa quanto a aplicação propriamente da aula a campo. Assim como também é importante para os professores tanto conhecer a teoria e metodologia da criação quanto aplicar a ferramenta com seus discentes.

A partir da elaboração do roteiro demonstrado, contribuímos para a identificação dos bens patrimoniais e históricos, possibilitando desenvolvimento de um olhar para o sentimento de pertencimento cultural nos estudantes. Salientamos que esta pesquisa mostrou uma solução para o desafio que tínhamos em relação ao ensino de História Local tornando-a mais prazerosa e eficaz. Isso não significa que a estejamos encerrando, mas, bem ao contrário, estamos a renová-la, convictos da ideia de que começamos a indicar novos rumos e ferramentas a serem explorados nas aulas de História.

Analisando as respostas reunidas durante a aula introdutória, percebemos que houve, de fato, apropriação do conteúdo trabalhado, pois o que os alunos debateram na teoria pode-se comprovar na prática e dentro do seu ambiente local. Orientamos a reflexão sobre patrimônio; sobre história local; sobre preservação patrimonial; sobre a valorização da identidade e também o que os alunos não acharam tão interessante nas aulas diárias de história e quais as possíveis formas de melhorá-las.

A maioria deles respondeu que conhecem o conceito de Patrimônio e durante a visita souberam identificar na prática o que discutimos em sala, o que nos indica que o objetivo almejado de reconstruir o conhecimento histórico e utilizar o patrimônio local como fonte para o ensino de História é uma proposta viável e eficaz. Grande parte dos

estudantes também relatou que a visita a Igreja, um ambiente novo, foi responsável pela mudança na sua forma de enxergar os espaços históricos presentes na cidade.

A conclusão é que todo o processo de criação e implementação da ferramenta educativa contribuiu significativamente para a formação do conhecimento, integrando-se ao conteúdo de diversas áreas do saber e proporcionando aos estudantes uma sensibilidade positiva. Isso os leva a conhecer, valorizar e proteger seus bens patrimoniais, aprimorando o ensino e a aprendizagem da história local.

Nesse contexto, oferecemos uma alternativa viável de trabalho, baseada no diálogo constante entre os agentes culturais e sociais e na participação ativa das comunidades que detêm as referências culturais compartilhadas por todos nós. Dessa forma, esperamos que esta pesquisa tenha respondido às nossas preocupações sobre como usar a educação patrimonial no ensino da história de São Luís para despertar o interesse dos alunos pelo patrimônio histórico cultural e por sua própria história. As respostas obtidas ao longo da pesquisa devem gerar novas perspectivas e abrir novas oportunidades para continuarmos com este esforço a cada novo ano letivo.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. A. de F. B.. A missão franciscana no Estado do Grão-Pará e Maranhão (1622-1750): agentes, estruturas e dinâmica. Lisboa, 2011. 799f. (Tese de Doutorado), Faculdade de Lisboa, Lisboa, 2011.
- AZEVEDO, C. B. Educação patrimonial, ação educativa em museu e ensino-aprendizagem em história. *Akrópolis Umuarama*, v. 18, n. 4, p. 299-314, out./dez. 2010.
- BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, Memória e História Local. *Criar Educação. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – UNESCO*. v. 2, n. 2, 2013. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/1247>. Acesso em: 10 de julho de 2023.
- BARROS, J. D. (2008). *Ensino de História: Renovação e Perspectivas*. São Paulo: Contexto.
- BLOCH, M. **Apologia da História:** ou o ofício do historiador. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORGES, V. P.O que é história? *Coleção Primeiros passos*. 2 ed. Diamantina: Brasiliense, 1993.
- BRASIL. LDB – Leis de Diretrizes e Bases de Educação Nacional Lei nº 9.394/96 – art. 26. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia*. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular-Educação é a Base. Produção Editorial: Fundação Carlos Alberto Vanzolini Gestão de Tecnologias em Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18 de setembro de 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática*. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997
- BITTENCOURT, C.M.F. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CAIMI, Flávia Eloisa. **Meu lugar na História:** de onde eu vejo o mundo? In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coordenação). *História: ensino fundamental*.

Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CAMPOS, S. B.C; CATTANI, A.; PINTO, F. S..Educação Patrimonial em São Luís do Maranhão sob a percepção de pesquisadores de instituições de ensino formal e gestores de instituições de preservação.Patrimônio e Memória, Assis, SP, v. 16, n. 1, p. 319-347, jan./jun. 2020. Disponível em: pem.assis.unesp.br.

CARVALHO, R. R. Restauração e requalificação arquitetônica do conjunto franciscano de São Luís/MA. 177f. (Monografia) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade CEUMA, São Luís, 2015.

CARDOSO, O. Para uma definição de Didática da História. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, n. 55, 2008, pp. 153-170.

CERTEAU, M. A Escrita da História. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

COE, A. J. H. A morte e os mortos na sociedade ludovicense: (1820-1855). São Luís: 2005, 84 p. (Monografia). UEMA 2005.

COSTA, G. E. **A cidade e o ensino de história:** patrimônio, museus e história local. (Dissertação) Profhistória, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/584918> , Acesso em 11 de julho de 2023.

FERREIRA, E. M; SANTOS. S. R. Roteiro Turístico pelas Igrejas Católicas do Centro Histórico de São Luís - MA In: Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2010, Caxias do Sul. Anais... São Luís: UFMA, 2010. p. 15-17.

FILHO, J. D.R EDUCADORA. Seminário Santo Antônio: um brevíssimo histórico. São Luís: 01 jul. 2016. Disponível em : Acesso em: 30 jan. 2020.

FUNARI, P.P; FUNARI, R.D.S. Educação Patrimonial: teoria e prática. IN: SOARES; RAMOS, A.L; KLAMT, S.C. (Coord.). *Educação patrimonial: teoria e prática*. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria,2008,p. 11-21.

FREIRE, P. (2017). Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos:** coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN,2007.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. A instituição.

IBGE. Biblioteca Digital. Disponível em: . Acesso em: 29 janeiro 2020.

LEITE, L.P. Registro inédito da visita do Papa João Paulo II ao Maranhão: visita do papa João Paulo II à cidade de São Luís Maranhão, no dia 14 de outubro de 1991, São Luís, 20 mai. 2011. Disponível em : Acesso em: 23 jun.. 2020.

LIBÂNEO, J. C. Didática. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, J. C. (2017). Didática. São Paulo: Cortez.

MACHADO, V.; BOENAVIDES, D. M. **O ensino da História da escravidão no Rio Grande do Sul através de documentos: um relato de experiência.** Revista História Hoje, v. 9, no 18, p. 283-302 – 2020.

MAGALHÃES, A. V. B. **Hoje não vai ter aula: Educação Histórica e Aprendizagem ColaborATIVA a partir da experiência com a ONHB.** Natal-RN 2020.

MARQUES, César Augusto. Dicionário da Província do Maranhão. Rio de Janeiro: Seleta, 1970.

MARTINS, J.R. Antiga e Saudosa São Luís do Maranhão (uma viagem ao passado). São Luís: UniCEUMA, 2010.

MARTINS, S. R.; IMBROISI, M. H. Impressionismo.2018. Disponível em : < <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-barroca/rococo/> > Acesso em : 23 jun. 2020.

MATEUS, Y. G. A. S. **Ensino de História:** Materiais Didáticos sobre a História do Maranhão em variados contextos educativos. In. XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA. Anais, Brasília, 2017.

MEIRELES, M. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Cidades Históricas: Inventário e Pesquisa. Brasília: IPHAN, 2007.

MONTEIRO, A. M. (2004). **História e Ensino de História:** questões de saber escolar. Belo Horizonte: Autêntica.

MORAES, J. C. (1995). Os Capuchinhos no Brasil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

NADAI, E. **O ensino de história no Brasil:** trajetória e perspectiva. In: Revista Brasileira de História (Memória, História, Historiografia —Dossiê Ensino de História). São Paulo: Anpuh, Marco Zero, v.13, n.25/26, set. 1992/ago.1993, p.140-51.

PAIM, E. A. Lembrando, eu existo. COLEÇÃO EXPLORANDO O ENSINO. História. Volume 21, Ensino Fundamental: Brasília: MEC, 2010.

PEREIRA, J. S; ORIÁ, R. Desafios teórico-metodológicos da relação Educação e Patrimônio. Resgate, v. XX, nº.23, jan. jul. 2012. p. 161-171.

PEREIRA, N. M.. O que pode o Ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula. Revista Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008.

RÜSEN, J. **Aprendizagem histórica:** fundamentos e paradigmas. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

RÜSEN, J. **DIDÁTICA DA HISTÓRIA:** passado, presente e perspectivas a partir do

caso alemão. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006.

RÜSEN, J. (2006). *História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

São Luís- Capela Bom Jesus dos Navegantes. SPPHAP-MA,2024. Disponível em <<https://www.ipatrimonio.org/sao-luis-capela-bom-jesus-dos-navegantes/#!/map=38329&loc=-2.5221352447787226,-44.29236888885498,14>> acessado em 31 de jun. 2024.

SCHMIDT, M. A. (2007). *O Ensino de História e a Criação do Fato Histórico*. São Paulo: Contexto.

SILVA, C. B.; ROSSATO, L. A didática da história e o desafio de ensinar e aprender na formação docente inicial. *Revista História Hoje*, v. 2, nº 3, p. 65-85 – 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/307691571_A_didatica_da_historia_e_o_desafio_de_ensinar_e_aprender_na_formacao_docente_inicial>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

SILVEIRA, D. P. **O ensino de História: dificuldades e desafios**. Recanto das Letras: Barreiras: 2010.

SOUSA, L. K. P; SILVA, P.C; BEZERRA, M. Língua (portuguesa) e identidade: traços do falar maranhense. *USP*. São Paulo, n. 2 p. 295-308, jul./dez. 2015.

TOLEDO, M. A. F., & COSTA, M. H. (2014). Educação patrimonial, memória e história: diálogos possíveis. In: TOLEDO, M. A. F., & COSTA, M. H. (Orgs.). *Educação Patrimonial e História: Formação, Pesquisa e Práticas Pedagógicas*. Curitiba: Editora CRV.

VALDINEI,D. **Ensinar história na cidade: uma proposta de educação patrimonial para Guaramirim/SC**. PROFHISTORIA. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2020.

WILLEKE, V. (frei). *Franciscanos no Maranhão e Piauí – 1600/1878 – 1952/1977*. Bacabal: 1978, 146 p.

ZUCCARATTO, J. **Cidade de São Luís: uma riqueza quase inesgotável de capelas e igrejas centenárias**. Turismoria. São Luís: 2017.

APÊNDICE

PLANO DE AULA	
Instituição: Colégio Max	
Endereço completo da escola: Jardim de Fátima- Cohab	
Disciplina: História	Série: 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio
Nome do professor regente: Elizangela de Sousa Ferreira	
Nome dos professores auxiliares: Pâmela Safira (Arte), Natasha Castro (Espanhol), Karliane Viana (Química), Danilo dos Santos (Física), e a coordenadora pedagógica (Roselane Dutra).	
Data da aplicação da regência: 31 de Maio de 2022	Números de aulas: 5 horas/aulas.
Área do conhecimento: Ciências Humanas e Sociais aplicadas.	
Competências específicas: Identificar marcos históricos do local onde se vive. Conhecer o conceito de Patrimônio e relacionar com os espaços físicos presentes na cidade. Visitar e observar um espaço religioso com olhar histórico para entender sua importância na formação da sociedade local. Estudar a história local fazendo uso da Educação Patrimonial.	
Tema: Explorando a história através da Igreja de Santo Antônio.	
Habilidades da Base Nacional Comum Curricular: EF01HI02/ EF09HI05/ EF03HI04 / EF03HI05/ EF03HI06/ EF03HI08/ EF05HI10	
Descrição da Habilidade: ➤ Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade. ➤ Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive. ➤ Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados. ➤ Identificar os marcos históricos do lugar em que vive e compreender seus significados. ➤ Identificar os registros de memória na cidade (nomes de ruas, monumentos, edifícios etc.), discutindo os critérios que explicam a escolha desses nomes. ➤ Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado. ➤ Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.	
Metodologia: Parte 1: Aula Introdutória Em sala de aula será realizado com os alunos uma roda de conversa introdutória sobre o tema, fazendo assim um diagnóstico sobre os conteúdos prévios sobre patrimônio, história de São Luís e sobre os espaços religiosos da cidade. Para esta primeira etapa será necessários dois horários onde cada etapa foi	

dividida da seguinte forma:

- Será perguntado aos alunos o que é Patrimônio Histórico e qual a importância de se conhecer esses espaços da nossa cidade.
- Em seguida será levantado um breve debate sobre o que eles acham das aulas de história e de que modo eles acreditam que possa melhorá-las.
- Por último será pedido que os alunos rememorem alguns lugares ou monumentos históricos que eles já visitaram em São Luís.

Após apresentar as perguntas aos alunos será dado alguns minutos para que possam registrar suas respostas. Ao concluírem, iniciar as discussões oralmente para que eles possam explicar suas ideias.

Direcionando os debates, apresentar o conceito de Patrimônio Material e Imaterial, o órgão responsável, a importância desses espaços para a história e uma lista de alguns patrimônios de São Luís. Em seguida, já com o levantamento bibliográfico sobre a historicidade da Igreja de Santo Antônio será apresentado esse espaço aos alunos. Destacando informações como: fundação, arquitetura, responsáveis, local, atualidade, contexto histórico desde sua construção e alguns acontecimentos dos quais a Igreja foi palco.

Perguntas:

- O que é Patrimônio Histórico?
- Qual a importância de conhecermos os locais históricos de nossa cidade?
- O que você acha das aulas de história e o que poderia ser feito para que elas se tornem mais atrativas?
- Quais os espaços/monumentos históricos de São Luís que os que você conhece?

Parte 2: Visita à Igreja De Santo Antônio

A visita para explorar toda a Igreja será feita nos seus 5 (cinco) espaços que compõem sua estrutura: **Largo de Santo Antônio, Capela Bom Jesus dos Navegantes, Igreja de Santo Antônio, Salas Mortuárias e Seminário de Santo Antônio.** Em cada parada será guiada por aulas discursivas sobre a história de São Luís, com os temas: Jesuítas no Maranhão, Padre Antônio Vieira, Arte Sacra, Barroco, Rococó, Neogótico, Arte Neoclássica, Variação Linguística, Representações Póstumas em São Luís do séc. XVIII e XIX, Sociedade Maranhense do século XIX e XX, Movimentos nativista e Revolta de Beckman.

Em cada parada direcionar os temas ao local, permitindo sempre que os alunos explorem o ambiente e observem ao seu redor para que façam a relação do que está sendo abordado com o espaço físico da Igreja.

Avaliação: Os alunos confeccionarão epitáfios para eles mesmos, fazendo a junção da escrita dos séculos XVIII e XIX com a corrente em papel A4, para isso será dado alguns minutos para a realização da atividade. Após a conclusão eles irão expor para toda a turma.

Recursos: Papel, caneta, quadro e pincel.

Referências:

CARDOSO, O. Para uma definição de Didática da História. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, n. 55, 2008, pp. 153-170.

MARQUES, César Augusto. Dicionário da Província do Maranhão. Rio de Janeiro: Seleta, 1970.

MARTINS, J.R. Antiga e Saudosa São Luís do Maranhão (uma viagem ao passado). São Luís: UniCEUMA, 2010.

ZUCCARATTO, J. **Cidade de São Luís:** uma riqueza quase inesgotável de capelas e igrejas centenárias. Turismoria. São Luís: 2017.

The background of the cover is a photograph of the Igreja de Santo Antônio, a church with two prominent towers and a central gabled entrance. The church is light-colored with some visible wear and tear. In the foreground, there is a cemetery with several tombstones and a decorative floral pattern in the lower half of the image. The text is overlaid on the church facade.

GUIA PEDAGÓGICO:
EXPLORANDO A
HISTÓRIA ATRAVÉS DA
IGREJA DE SANTO
ANTÔNIO

ELIZANGELA DE SOUSA FERREIRA
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

AUTORA DO PRODUTO EDUCACIONAL

ELIZANGELA DE SOUSA FERREIRA

ORIENTADORA DO PRODUTO EDUCACIONAL

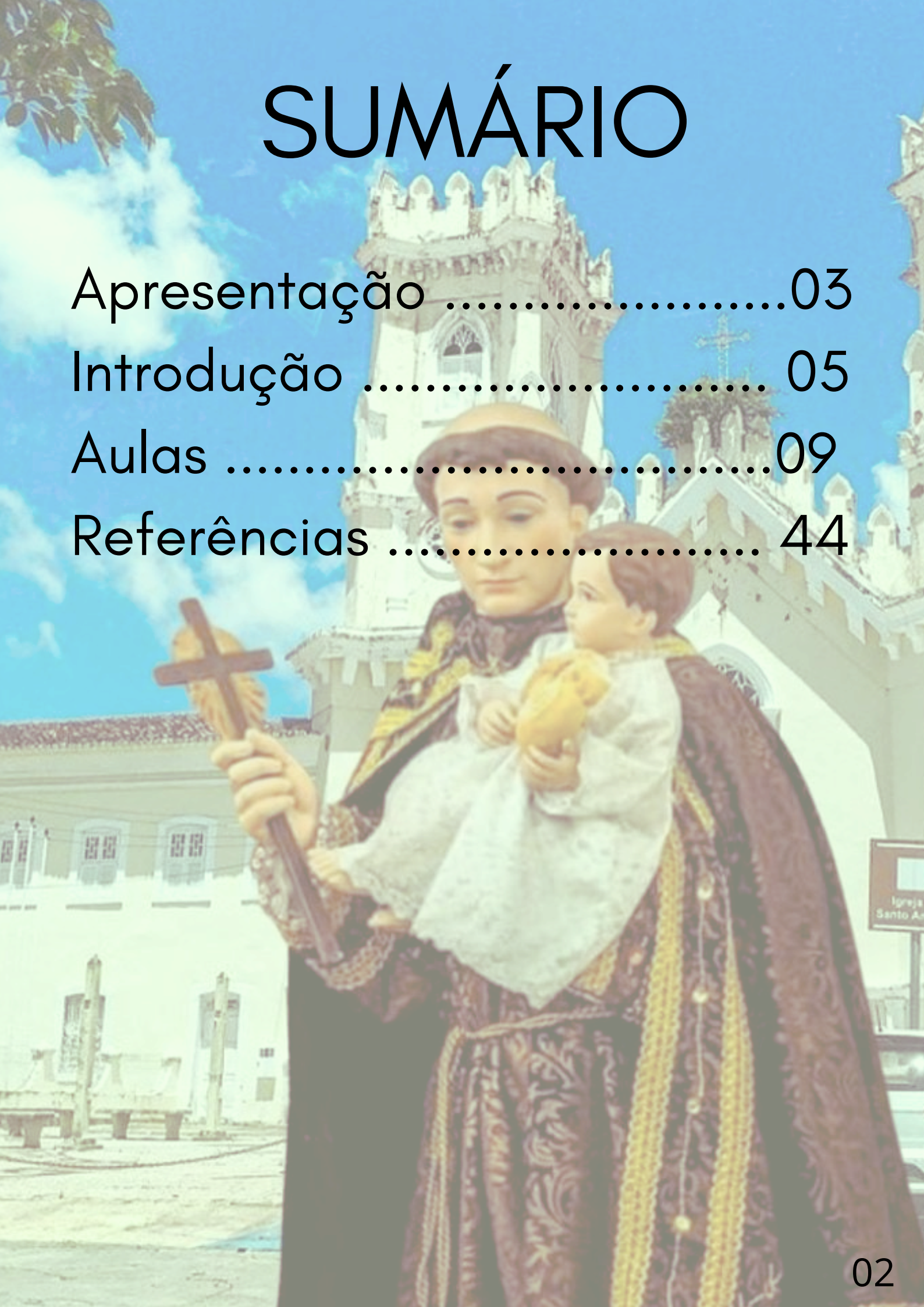
PROF.^a DR.^a M^a JOSÉ



Figura 1. Fachada da Igreja de Santo Antônio.

SUMÁRIO

Apresentação	03
Introdução	05
Aulas	09
Referências	44



APRESENTAÇÃO



Figura 2 . Altar da Capela de Bom Jesus dos Navegantes

Bem-vindos ao Guia Pedagógico que irá explorar a história ensinada no ensino médio através de uma igreja histórica para alunos do Ensino Médio. Este guia, objetifica o auxilio de professores para a ministração de aulas criativas e atraentes utilizando a Igreja de Santo Antônio como história local como ponto inicial, abordando também a história arquitetônica, cultural e religiosa da Igreja, fazendo com que os alunos possam estudar e presenciar esse espaço como forma de apreciação mais profunda das aulas.

Este guia pedagógico conta com sete aulas, das quais envolvem temas multidisciplinares podendo ser ministradas com a presença de professores de outras disciplinas, como, Arte, Espanhol e Português, sendo estas aulas por toda a estrutura da Igreja de Santo Antônio.

Ao utilizar este guia, os professores poderão transformar suas aulas em momentos históricos na vida dos alunos, tornando essa visita à Igreja em uma experiência educativa enriquecedora, capacitando os alunos a explorarem o passado e a conhecer melhor a história de São Luís.

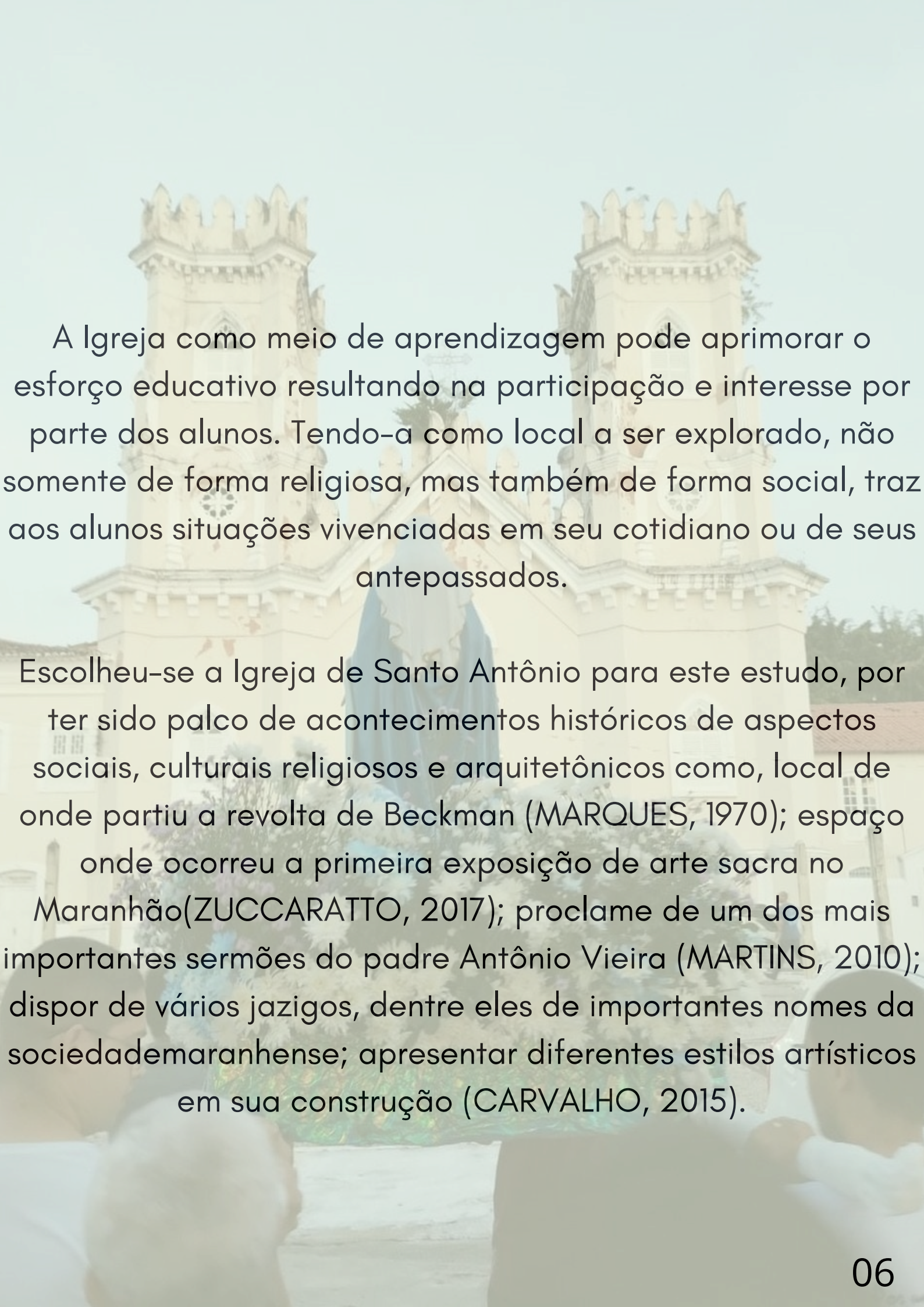


INTRODUÇÃO

Este guia pedagógico tem como principal objetivo utilizar a Igreja de Santo Antônio, nas aulas de História, enfatizando o uso da Igreja enquanto patrimônio histórico como recurso didático utilizado pelo professor em sala de aula. Há uma grande necessidade de problematizar os conteúdos explanados, contextualizados e relacionados à vivência dos alunos, fazendo com que estes conteúdos sejam mais próximos, dando lugar ao seu contexto social, possibilitando a valorização dos seus conhecimentos prévios, tornando assim a aula de História mais interessante e eficaz permitindo, que o aluno atue como sujeito histórico por meio das problematizações e reflexões.

Figura 3 .Capela dos Navegantes.





A Igreja como meio de aprendizagem pode aprimorar o esforço educativo resultando na participação e interesse por parte dos alunos. Tendo-a como local a ser explorado, não somente de forma religiosa, mas também de forma social, traz aos alunos situações vivenciadas em seu cotidiano ou de seus antepassados.

Escolheu-se a Igreja de Santo Antônio para este estudo, por ter sido palco de acontecimentos históricos de aspectos sociais, culturais religiosos e arquitetônicos como, local de onde partiu a revolta de Beckman (MARQUES, 1970); espaço onde ocorreu a primeira exposição de arte sacra no Maranhão (ZUCCARATTO, 2017); proclame de um dos mais importantes sermões do padre Antônio Vieira (MARTINS, 2010); dispor de vários jazigos, dentre eles de importantes nomes da sociedade maranhense; apresentar diferentes estilos artísticos em sua construção (CARVALHO, 2015).

Observando-se a Igreja enquanto patrimônio e como metodologia de ensino é uma forte ferramenta no desenvolvimento do ensino da história e aulas interdisciplinares, pois sua aplicação adequada faz com que aluno e professor aproximem-se mais e estejam mais próximos de uma aprendizagem mais significativa e enriquecedora.

Por ser um elemento didático, sendo também fonte histórica, o objeto de estudo, é uma ferramenta pedagógica que, devidamente usada, favorece um ensino regional e que o aluno possa se situar em uma realidade mais concreta e próxima ao seu ser/fazer no mundo.

Por fim, traz outras formas de se olhar uma Igreja para além daquelas com que está familiarizado, deixando de relacionar apenas à religiosidade. Buscando conhecer e valorizar nossa História e nosso Patrimônio trazendo possibilidades inovadoras e acessíveis para um melhor ensino-aprendizagem.

Por fim, traz outras formas de se olhar uma Igreja para além daquelas com que está familiarizado, deixando de relacionar apenas à religiosidade.

Buscando conhecer e valorizar nossa História e nosso Patrimônio trazendo possibilidades inovadoras e acessíveis para um melhor ensino-aprendizagem.



Figura 4 . Sala Mortuária.

AULA INTRODUTÓRIA/PRÉVIA

Na primeira etapa é feita uma apresentação do conteúdo ainda em sala de aula buscando um diagnóstico dos alunos sobre os conteúdos prévios sobre patrimônio, história de São Luís e sobre os espaços religiosos da cidade. Perguntas como:

O que é Patrimônio Histórico e qual a importância de se conhecer esses espaços da nossa cidade? O que você acha das aulas de História? Quais lugares/ monumentos históricos da cidade você conhece?

Direcionando os debates apresenta--se o conceito de Patrimônio Material e Imaterial, o órgão responsável, a importância desses espaços para a história e uma lista de alguns patrimônios de São Luís, fazendo a historicidade da Igreja. Diante das respostas obtidas pelos alunos fica claro o papel do professor de história na mediação da educação patrimonial e sobre o ensino da história local. Para que os alunos não só saibam os conceitos básicos mas que possuam o conhecimento de sua própria história para valorizar e sejam despertados para conhecer sua própria história.

Na segunda etapa foi feita a visita a Igreja de Santo Antônio, para isso foi elaborado um roteiro para explorar os 5 (cinco) espaços: Largo de Santo Antônio, Capela Bom Jesus dos Navegantes, Igreja de Santo Antônio, Salas Mortuárias e Seminário de Santo Antônio. Em cada parada foi guiada por aulas discursivas sobre a história de São Luís como: Jesuítas no Maranhão, Trabalho indígena, Padre Antônio Vieira, Arte Sacra, Barroco, Rococó, Neogótico, Arte Neoclássica, Variação Linguística, Representações Póstumas em São Luís do séc. XVIII e XIX, Sociedade Maranhense do século XIX e XX, Movimentos nativista e Revolta de Beckman.



Figura 5 . Aula no largo da Igreja de Santo Antônio.

AULA 1

JESUÍTAS NO MARANHÃO

Os jesuítas chegaram ao Brasil em 1549 com o Governador Geral Tomé de Souza, autorizados pelo rei para atividades missionárias exclusivas. No Maranhão, sua presença começou mais tarde, em 1607, quando Francisco Pinto e Luís Figueira tentaram evangelizar tribos indígenas, mas apenas Figueira sobreviveu.

Em 1615, após a expulsão dos franceses de São Luís, Manuel Gomes e Diogo Nunes começaram trabalhos de evangelização.

Em 1622, Luís Figueira e Benedito Amodei encontraram resistência dos colonos ao se estabelecer em São Luís, garantida pelo apoio do capitão-mor Antônio Moniz Barreiros.

O projeto de missões jesuíticas no Maranhão foi adiado em 1643, sendo retomado em 1652, quando o padre Antônio Vieira recebeu ordens para embarcar. Vieira, nascido em Lisboa em 1608, foi um diplomata, sacerdote e escritor de mais de 200 sermões, atuando fortemente contra a escravidão indígena.

Após retornar a Portugal em 1641, ele veio para o Maranhão em 1652, onde defendeu os índios contra os colonos escravocratas. Em 1654, proferiu o sermão de Santo Antônio dos Peixes na Capela Bom Jesus dos Navegantes, criticando os vícios dos colonos.

Em 1655, obteve do rei a lei de Abolição dos cativeiros indígenas, sendo posteriormente expulso da colônia e falecendo em Salvador em 1697.

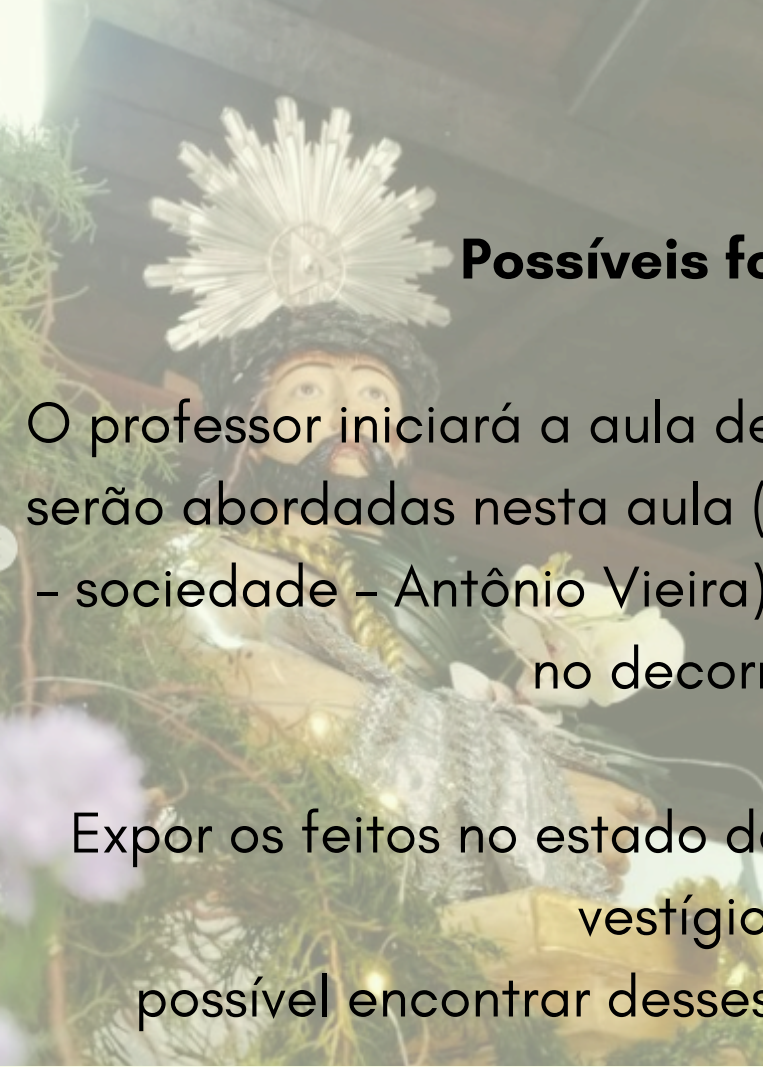
Conteúdos Históricos: Jesuítas no Maranhão, Padre Antônio Vieira

Sugestões de uso: Capela dos Navegantes, Largo de Santo Antônio.

Esta aula é direcionada aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental.



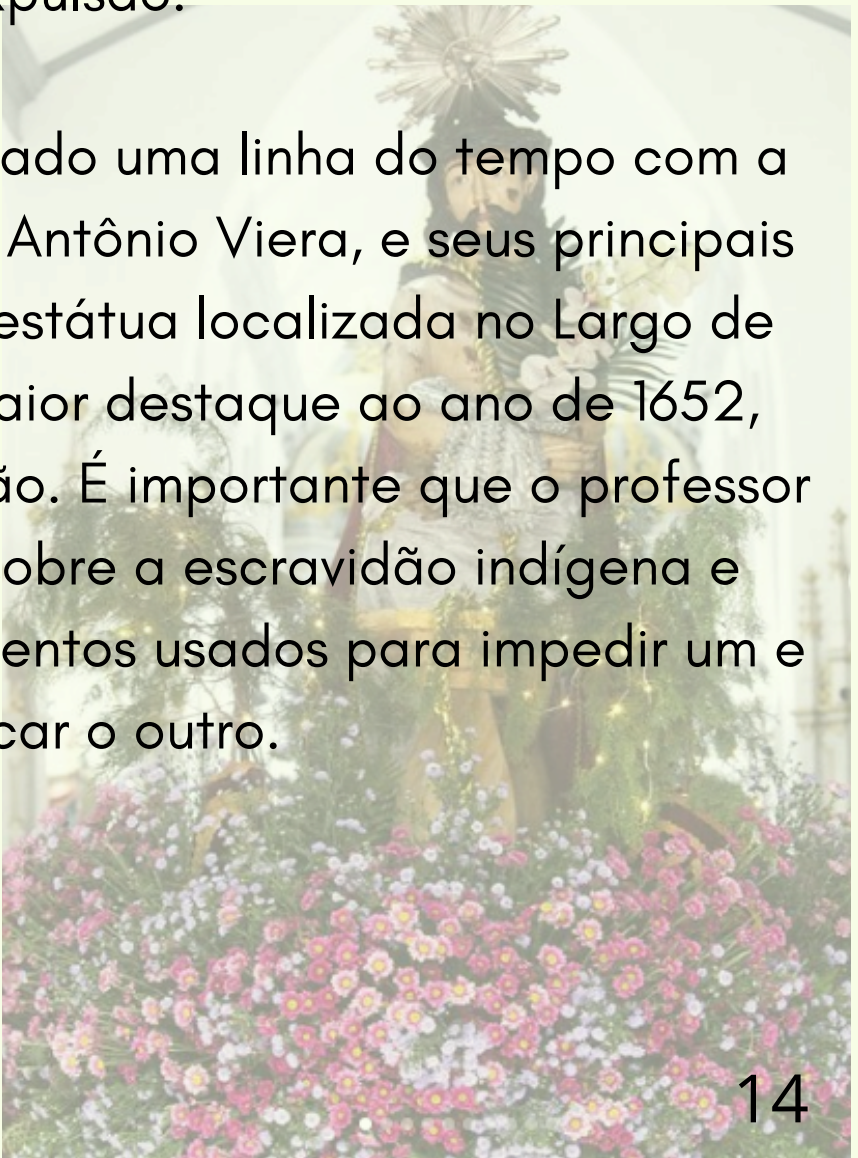
Figura 6 .Capela dos Navegantes



Possíveis formas de Uso:

O professor iniciará a aula destacando palavras-chaves que serão abordadas nesta aula (jesuítas – indígenas – escravidão – sociedade – Antônio Vieira) para que os alunos relacionem no decorrer da aula.

Expor os feitos no estado da Companhia de Jesus e quais vestígios ainda é possível encontrar desses religiosos mesmo após sua expulsão.



Em seguida será apresentado uma linha do tempo com a trajetória e vida do padre Antônio Viera, e seus principais feitos, mostrando as sua estátua localizada no Largo de Santo Antônio. Dando maior destaque ao ano de 1652, quando esteve no Maranhão. É importante que o professor levante uma discussão sobre a escravidão indígena e africana, e quais os argumentos usados para impedir um e justificar o outro.

É necessário que o professor tenha conhecimento de um dos sermões de Vieira que mais se destaca e atacava a escravização do indígena, Sermão aos Peixes, proferido por ele na Capela dos Navegantes, para apresentar seus principais pontos, assim como pode ser feito uma explanação sobre o Caso das Formigas, apontando como uma curiosidade.

Após essa discussão poderá ser exibido um vídeo (Reportagem do G1 MA) possibilitando melhor entendimento ou repassá-lo como um completo para casa.

Concluída a explanação do conteúdo, e levantada as discussões sobre o tema, a atividade sugerida para esta aula é que após ouvir trechos do sermão os alunos destaquem as crítica feitas por Vieira.

AULA 2

A arte sacra abrange uma variedade de expressões artísticas relacionadas à religiosidade e ao sagrado, incluindo arquitetura de igrejas, esculturas, pinturas, gravuras, entre outros.

No Brasil colonial, destacou-se a figura de Aleijadinho no contexto do barroco mineiro. A arte sacra, diferente da arte religiosa, está diretamente ligada aos rituais e cultos religiosos, ornando os espaços onde ocorrem.

Em São Luís, a presença da igreja permeou a vida cotidiana, evidenciada pelo acervo da Igreja de Santo Antônio, Capela dos Navegantes e Museu de Arte Sacra do Maranhão.

Destacam-se as imagens de santos, especialmente os "santos de roca", utilizados em procissões desde o início do século XVII, com trajes luxuosos e detalhes realistas.

Conteúdos Históricos: Arte Sacra.

Sugestões de uso: Igreja de Santo Antônio e Capela dos Navegantes.

Esta aula é direcionada aos alunos do 3º ano do Ensino Médio.



Figura 7.Artes sacras presente na Igreja de Santo Antônio.

Possíveis formas de Uso:

Para esta proposta é recomendado que seja organizada uma aula interdisciplinar com o professor de Arte. Juntos iniciarão conceituando os termos Arte Sacra e Arte Religiosa, para que os alunos consigam distingui-los.

Posteriormente será apresentado o acervo presente na igreja, permitindo que o aluno circule pelo ambiente e olhe as imagens.

O professor pode questionar quais as sensações emitidas pelas obras, qual o objetivo do autor ao retratá-la dessa maneira. Após ouvir os alunos será informado a história, características de seus traços, seus autores.

AULA 03

Estilos artísticos em São Luís: Barroco, Rococó e Neogótico

O Barroco, estilo dominante na Europa do século XVII segundo Reis (2019), permeou arquitetura, pintura, literatura e música, refletindo os costumes e valores da época. Surgindo após o Renascimento, caracterizava-se pela ostentação e extravagância, especialmente entre os beneficiados pela colonização. O Concílio de Trento, de 1545 a 1563, promoveu reformas no Catolicismo em resposta à Reforma Protestante, reafirmando a autoridade da Igreja de Roma. A Companhia de Jesus, influente no ensino, difundiu o pensamento católico, enquanto a Inquisição reprimia o pensamento livre.

No contexto de repressão, floresceu o Barroco, propagando a fé católica através de uma proliferação de igrejas, estátuas e monumentos. A arquitetura barroca, inicialmente religiosa, expandiu-se para palácios, enfatizando a exuberância e o poder. Suas características incluem detalhismo, dualismo e sensualidade.

No Brasil, o Barroco foi introduzido pelos jesuítas no século XVI e difundiu-se nos centros açucareiros do século XVII, evidente na Igreja de Santo Antônio. O Rococó, surgido na Europa no século XVIII, marcou a transição do Barroco para o Arcadismo, destacando-se pela ornamentação leve e delicada. No Brasil, refletiu influências religiosas, contrastando com a representação profana europeia.

O Século das Luzes, marcado por eventos como a Revolução Americana e Francesa, testemunhou a ascensão do Neoclassicismo após o Rococó. Na França, durante o reinado de Luís XIV, a arte assumiu uma feição clássica, posteriormente influenciada pelos homens de negócios em Paris. O Rococó refletia uma sociedade hedonista, retratando temas eróticos e cortesãos.

O Neogótico, revivalista do estilo medieval, ressurgiu no século XIX, especialmente na arquitetura, inclusive no Brasil. Características como verticalismo, arcos ogivais e vitrais foram revividas. No Maranhão, exemplos desses estilos coexistem, como na Capela Bom Jesus dos Navegantes e na Igreja de Santo Antônio, que apresentam elementos barrocos, rococós e neogóticos.

Conteúdos Históricos: Barroco, Rococó e Neogótico.
Sugestões de uso: Capela Bom Jesus dos Navegantes.

Esta aula é direcionada aos alunos do 2º ano do Ensino Médio.



Figura 8. Capela dos Navegantes

Possíveis formas de Uso:

- Iniciar a aula conceituando os estilos artísticos e fazer uma diagnose na turma sobre o tema. Após fazer explanação sobre o contexto histórico global e a chegada dos estilos no Brasil.
- Apresentar aos alunos a Capela dos Navegantes e da Igreja de Santo Antônio questionando quais os traços que o local tem dos estilo artísticos. É interessante também que seja abordado outros lugares da cidade que possuem essas características.

Contudo, serão usadas nessa aula esta Igreja e Capela, pois assim, os alunos terão contato com os dois espaços, sendo um construído em volta do outro, porém com estilos e características singulares.

Figura 9. Capela Jesus da Coluna



Figura10. Igreja de Santo Antônio



AULA 04

Neoclassicismo

O Neoclassicismo, movimento cultural do final do século XVIII, resgatou os valores estéticos da Antiguidade Clássica, como destacado por Ramos (2020). Caracterizado pela valorização dos temas clássicos, influenciado pelo Iluminismo, buscava simplicidade e pureza estética. Surgiu num contexto de ascensão da burguesia após a Revolução Francesa, refletindo os ideais de razão e lógica.

As descobertas arqueológicas em cidades como Pompeia e Herculano impulsionaram o Neoclassicismo, revelando o classicismo romano. As escavações dessas cidades, iniciadas no século XVIII, emocionaram a Europa, influenciando a arquitetura e a arte neoclássica.

No Brasil, o Neoclassicismo foi introduzido pela Missão Artística Francesa, convidada por dom João VI para estabelecer a Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro.

No Maranhão, a Capela Bom Jesus dos Navegantes exemplifica esse estilo, com uma única nave e altares neoclássicos, conforme descreve Carvalho (2015).

Conteúdos Históricos: Arte Neoclássica

Sugestões de uso: Capela Bom Jesus dos Navegantes.

Esta aula é direcionada aos alunos do 2º ano do Ensino Médio.



Figura 11. Altar da Capela do Bom Jesus dos Navegantes

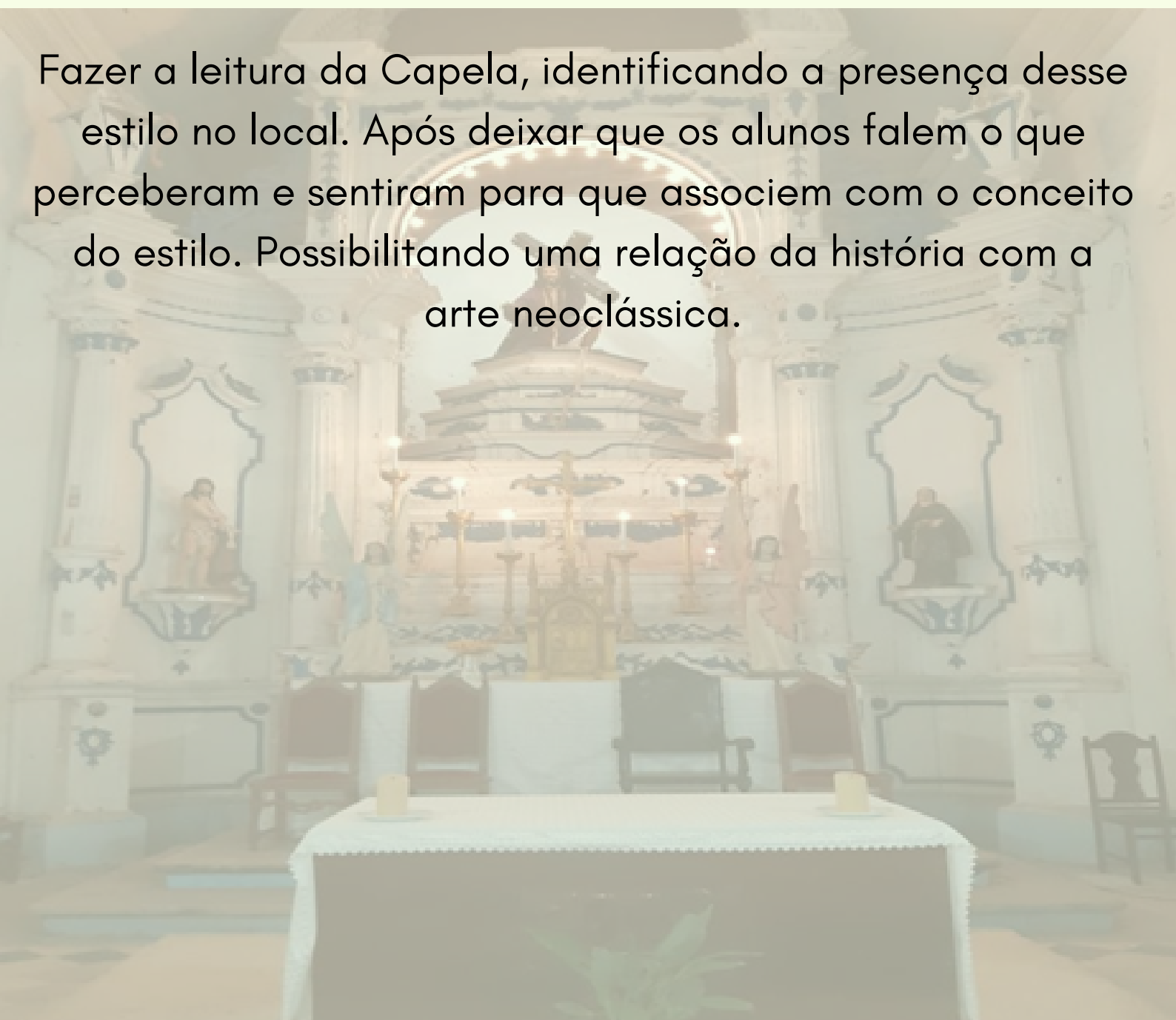
Possíveis formas de Uso

Dando continuidade a aula anterior, o professor conceituará a arte neoclássica e sua chegada ao Brasil e posteriormente ao Maranhão. Introduzindo também a história da cidade de Pompeia e sua descoberta pelos pesquisadores. Problematicando o tema com o Barroco e o Rococó suas características e traços semelhantes e distintos.

É importante que esta aula seja subsequente a outra, para que os alunos percebam onde a construção feita posteriormente na Igreja modifica sua estrutura original, ou seja, onde os traços do neoclassicismo deixados com a reforma se diferencia na decoração inicial do espaço.

Desenvolver essa aula no espaço sugerido irá possibilitar que o aluno encontre diferentes traços artísticos no mesmo lugar, problematizando como as reformas realizadas durante os anos modificaram os traços originais da Capela do século XVI.

Fazer a leitura da Capela, identificando a presença desse estilo no local. Após deixar que os alunos falem o que perceberam e sentiram para que associem com o conceito do estilo. Possibilitando uma relação da história com a arte neoclássica.

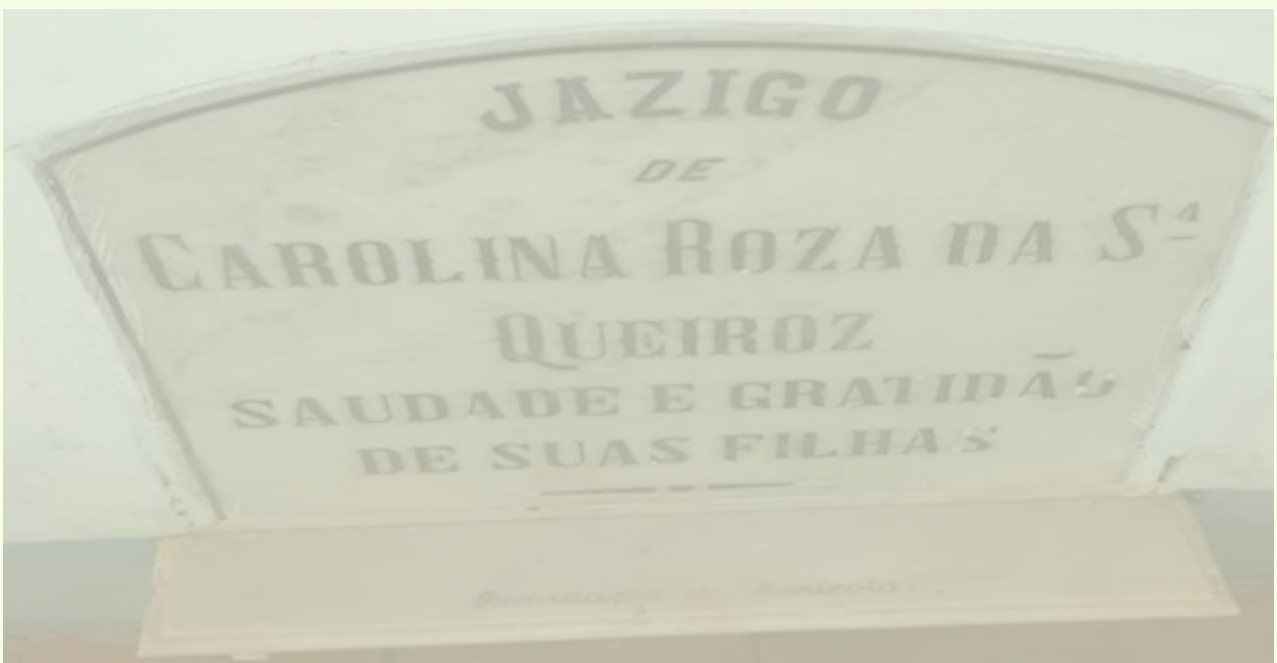


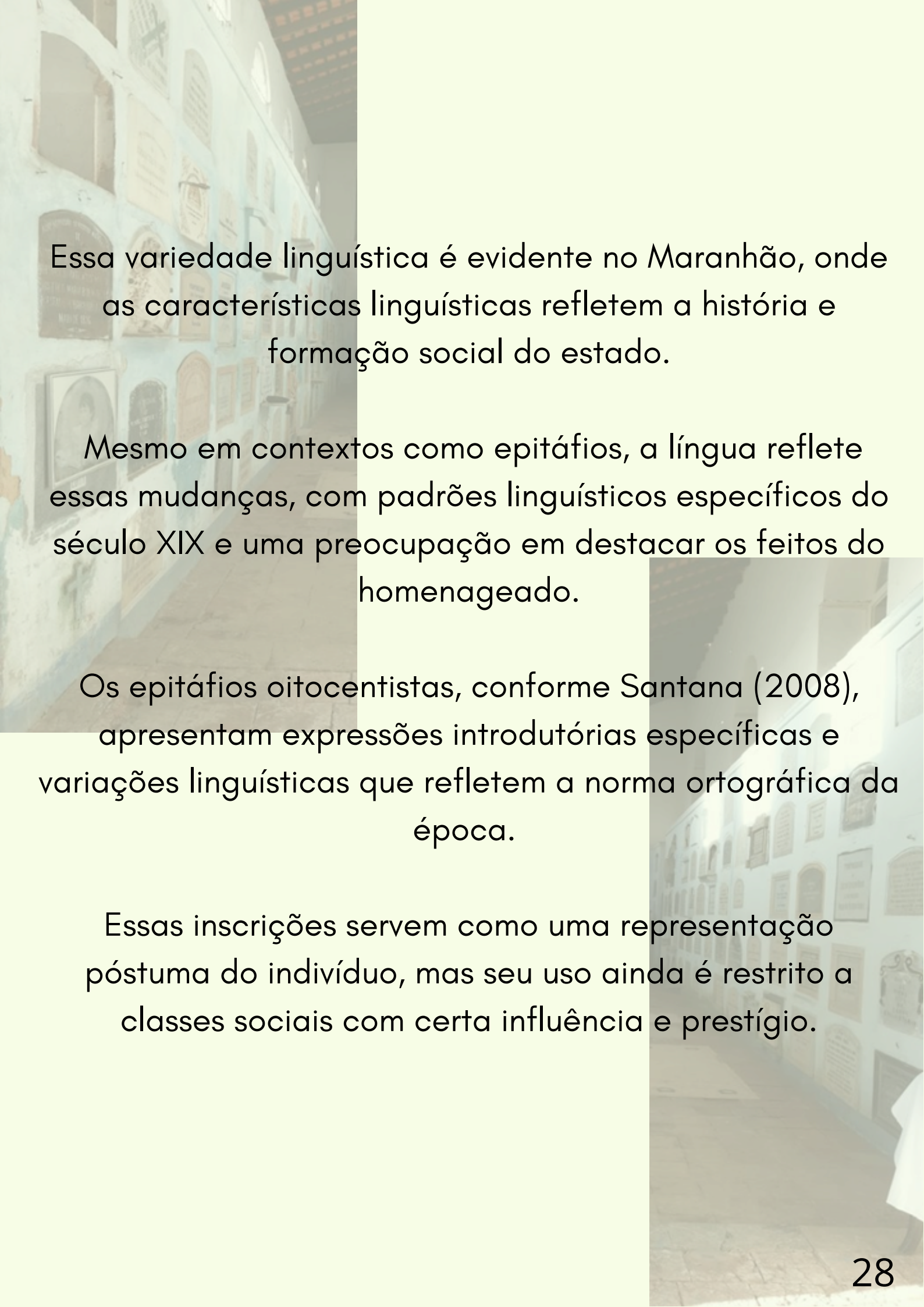
AULA 05

Variação linguística do Maranhão: Confronto com a escrita atual com a do sec. XVIII e XIX

Segundo Sousa, Silva e Bezerra (2015), a língua portuguesa no Brasil passou por mudanças ao longo dos séculos, influenciada pela colonização e pela imigração.

O português brasileiro é marcado por uma diversidade linguística, refletindo as diferentes regiões do país e a contribuição de grupos étnicos como negros africanos e indígenas. A língua não se limita apenas à escrita e fala, mas também está ligada a contextos históricos e sociais.





Essa variedade linguística é evidente no Maranhão, onde as características linguísticas refletem a história e formação social do estado.

Mesmo em contextos como epitáfios, a língua reflete essas mudanças, com padrões linguísticos específicos do século XIX e uma preocupação em destacar os feitos do homenageado.

Os epitáfios oitocentistas, conforme Santana (2008), apresentam expressões introdutórias específicas e variações linguísticas que refletem a norma ortográfica da época.

Essas inscrições servem como uma representação póstuma do indivíduo, mas seu uso ainda é restrito a classes sociais com certa influência e prestígio.

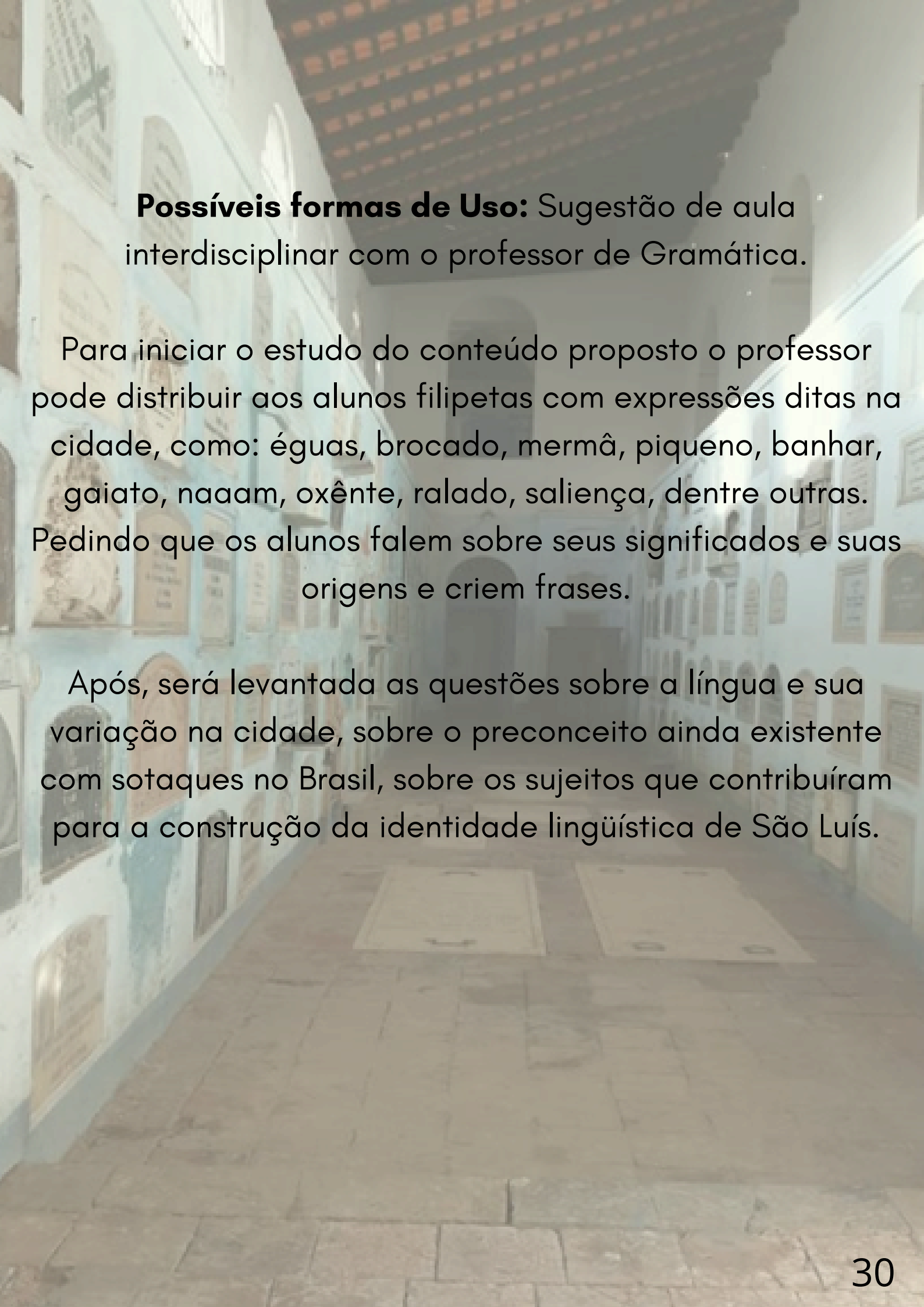
Conteúdos: Variação Linguística, Representações Póstumas em São Luís do séc. XVIII e XIX.

Sugestões de uso: Salas Mortuárias da Igreja de Santo Antônio e Capela dos Navegantes.

Esta aula é direcionada aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.



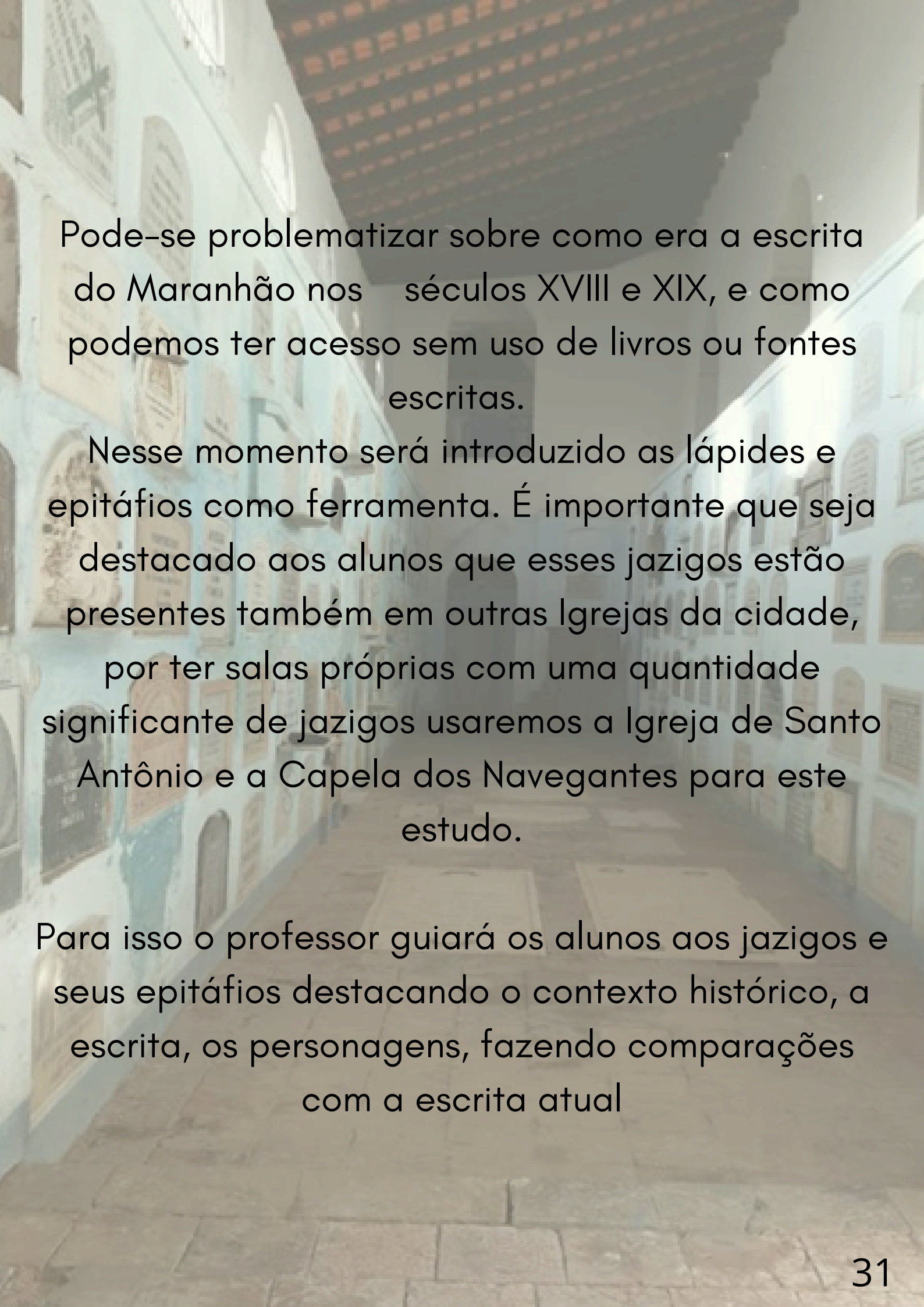
Figura 12. Jazigo de Carolina Queiroz



Possíveis formas de Uso: Sugestão de aula interdisciplinar com o professor de Gramática.

Para iniciar o estudo do conteúdo proposto o professor pode distribuir aos alunos filipetas com expressões ditas na cidade, como: éguas, brocado, mermã, piqueno, banhar, gaiato, naaam, oxênte, ralado, saliença, dentre outras. Pedindo que os alunos falem sobre seus significados e suas origens e criem frases.

Após, será levantada as questões sobre a língua e sua variação na cidade, sobre o preconceito ainda existente com sotaques no Brasil, sobre os sujeitos que contribuíram para a construção da identidade lingüística de São Luís.



Pode-se problematizar sobre como era a escrita do Maranhão nos séculos XVIII e XIX, e como podemos ter acesso sem uso de livros ou fontes escritas.

Nesse momento será introduzido as lápides e epitáfios como ferramenta. É importante que seja destacado aos alunos que esses jazigos estão presentes também em outras Igrejas da cidade, por ter salas próprias com uma quantidade significativa de jazigos usaremos a Igreja de Santo Antônio e a Capela dos Navegantes para este estudo.

Para isso o professor guiará os alunos aos jazigos e seus epitáfios destacando o contexto histórico, a escrita, os personagens, fazendo comparações com a escrita atual

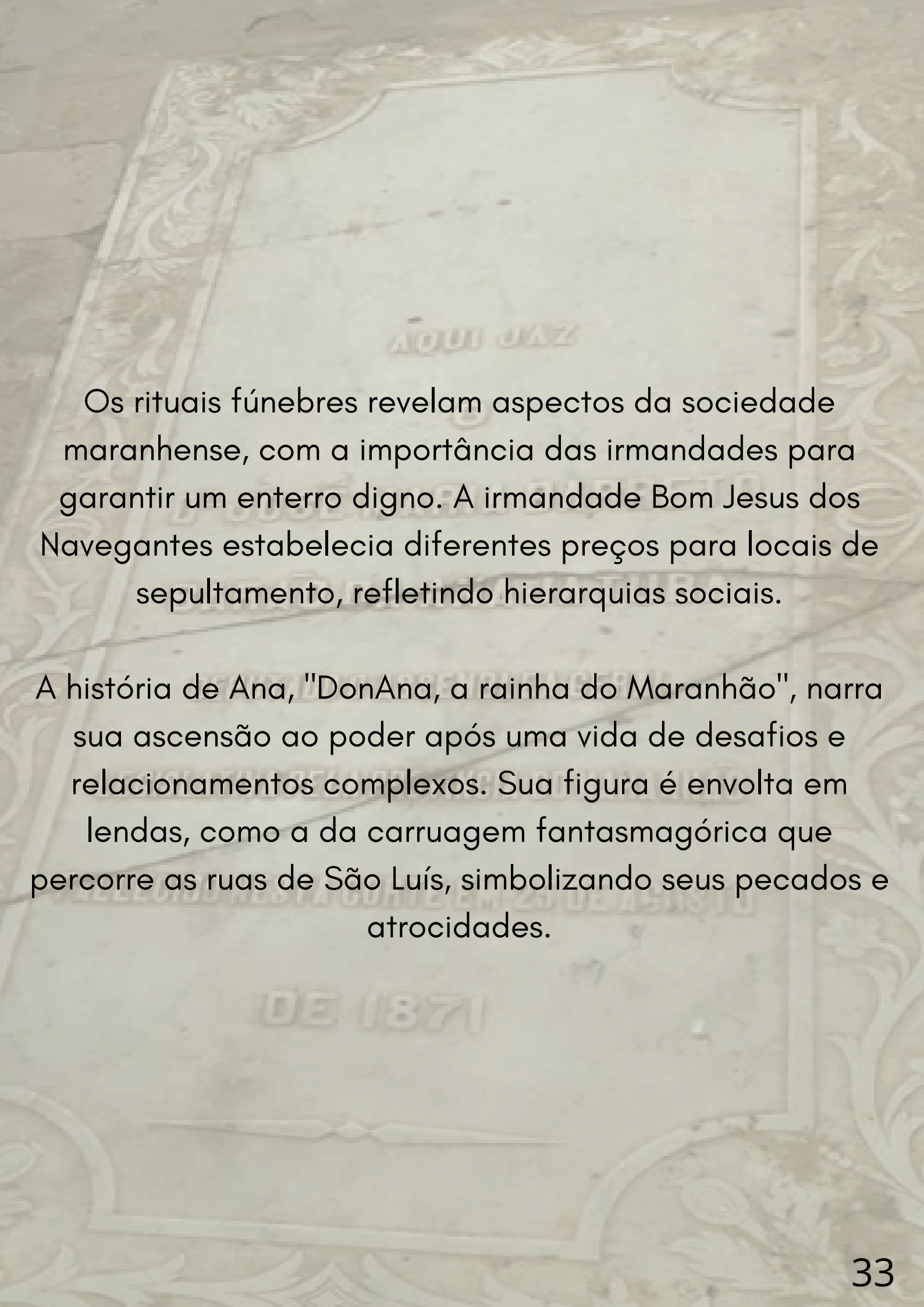
AULA 06

Sociedade maranhense do século XIX: Ana Jansen e Barão de Anajatuba.

Costa (2018) descreve a representação geográfica do Maranhão no século XIX, destacando sua inserção nas "províncias do Norte" em contraste com o Sul do Império.

Economicamente, o Maranhão foi marcado pela "idade de ouro", servindo como entrada para a escravaria e controlando o comércio de algodão. Porém, crises econômicas afetaram sua estabilidade.

A ideologia decadentista caracterizou o Maranhão monárquico como uma região de ausência do passado colonial opulento. A capital, São Luís, limitava-se a dois bairros. A dinâmica da escravidão refletiu as nuances sociais da província, afetando as elites e contribuindo para a instabilidade do Império.



Os rituais fúnebres revelam aspectos da sociedade maranhense, com a importância das irmandades para garantir um enterro digno. A irmandade Bom Jesus dos Navegantes estabelecia diferentes preços para locais de sepultamento, refletindo hierarquias sociais.

A história de Ana, "DonAna, a rainha do Maranhão", narra sua ascensão ao poder após uma vida de desafios e relacionamentos complexos. Sua figura é envolta em lendas, como a da carruagem fantasmagórica que percorre as ruas de São Luís, simbolizando seus pecados e atrocidades.

Conteúdos Históricos: Sociedade Maranhense do século XIX e XX.

Sugestões de uso: Igreja de Santo Antônio e Capela dos Navegantes.

Esta aula é direcionada aos alunos do 2º ano do Ensino Médio.



Figura 13. Jazigo do Barão de Anajatuba.

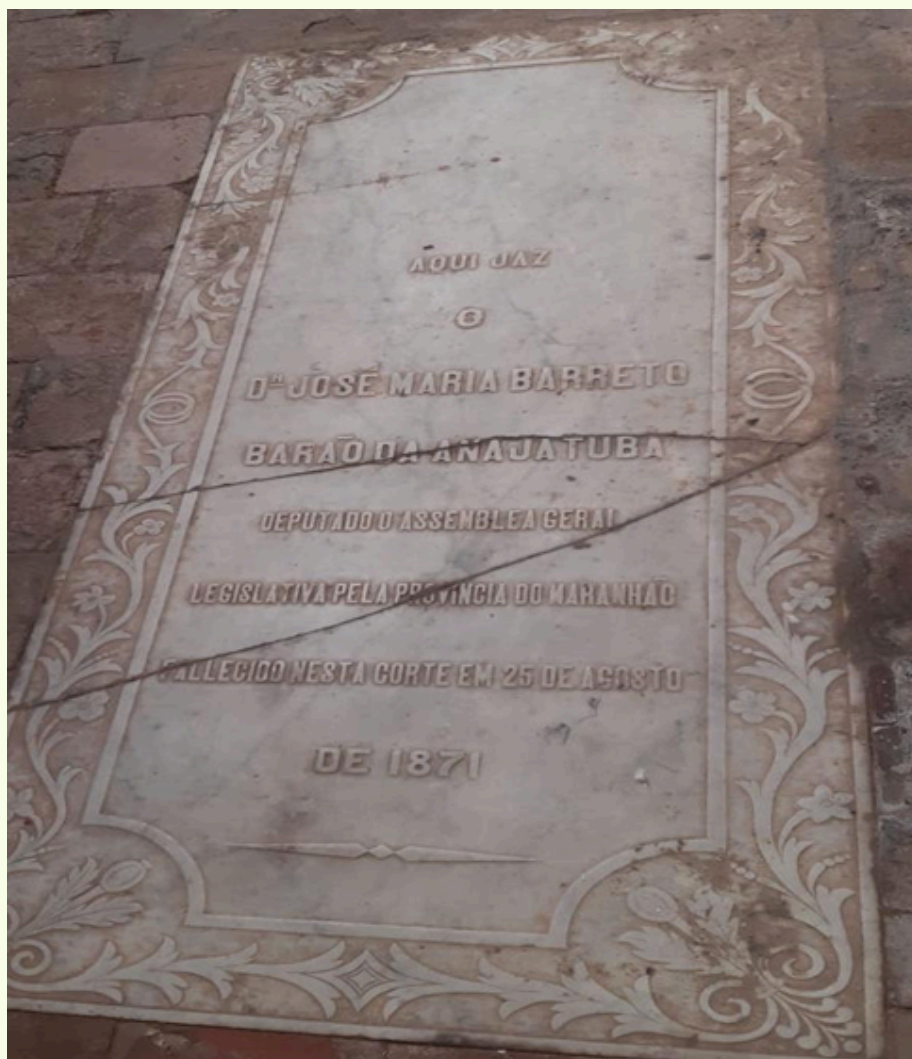


Figura 14. Jazigo de Ana Jansen

Possíveis formas de Uso:

Iniciar a aula apontando as principais características da sociedade maranhense do período proposto, dando destaque à elite, pois esta classe era a que possuía mais privilégios e chance de ter seus restos mortais em locais religiosos. Posteriormente, fazer uma breve explanação sobre o costume de depositar restos mortais em igrejas, destacando os jazigos presentes na Igreja de Santo Antônio e na Capela dos Navegantes, onde estão os restos mortais dos dois personagens que serão destacados nesta aula.

Deve-se problematizar a ausência de escravos, e pessoas de classe baixa no local, fazendo uma comparação aos que hoje são enterrados como indigentes.

É importante que os alunos tenham uma leitura previa sobre a história dos dois nomes da elite maranhense que está sendo abordado nesta aula.

Como sugestão de atividade, a turma será dividida em dois grupos, cada um ficará responsável pela criação da biografia de cada personagem. Após a elaboração, será feita a leitura dos trabalhos para a turma.



AULA 07

Revolta de Beckman

A Rebelião de Beckman, ocorrida em 1684 em São Luís, Maranhão, foi motivada pela insatisfação dos comerciantes, proprietários rurais e população com a Companhia de Comércio do Maranhão, devido ao seu monopólio, baixa qualidade dos produtos e preços altos.

A falta de mão de obra escrava também contribuiu. Liderada pelos irmãos Beckman e comerciantes, a revolta visava encerrar as atividades da companhia. Eles saquearam um depósito da empresa, expulsaram os jesuítas e depuseram o governador. Portugal enviou um novo governador para conter a revolta.

Os líderes foram presos e condenados à forca. A revolta destacou os conflitos entre colonos e metrópole, evidenciando problemas de mão de obra e abastecimento na região.



Conteúdos Históricos: Movimentos nativista. Revolta de Beckman.

Sugestões de uso: Convento de Santo Antônio.

Esta aula é direcionada aos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental .

Possíveis formas de Uso:

Primeiramente o professor iniciará levantando alguns questionamentos aos alunos, (qual a função da colônia? e da metrópole? Quais impactos das medidas tomadas pela metrópole para controlar o comércio colonial?), como meio de diagnosticar a turma sobre o conteúdo e iniciar uma problematização sobre os motivos do conflito.

É importante explicar os antecedentes e causas da revolta e de modo sucinto falar sobre os líderes e colaboradores, assim pode-se questionar aos alunos quais os interesses dos participantes na Revolta de Beckman.

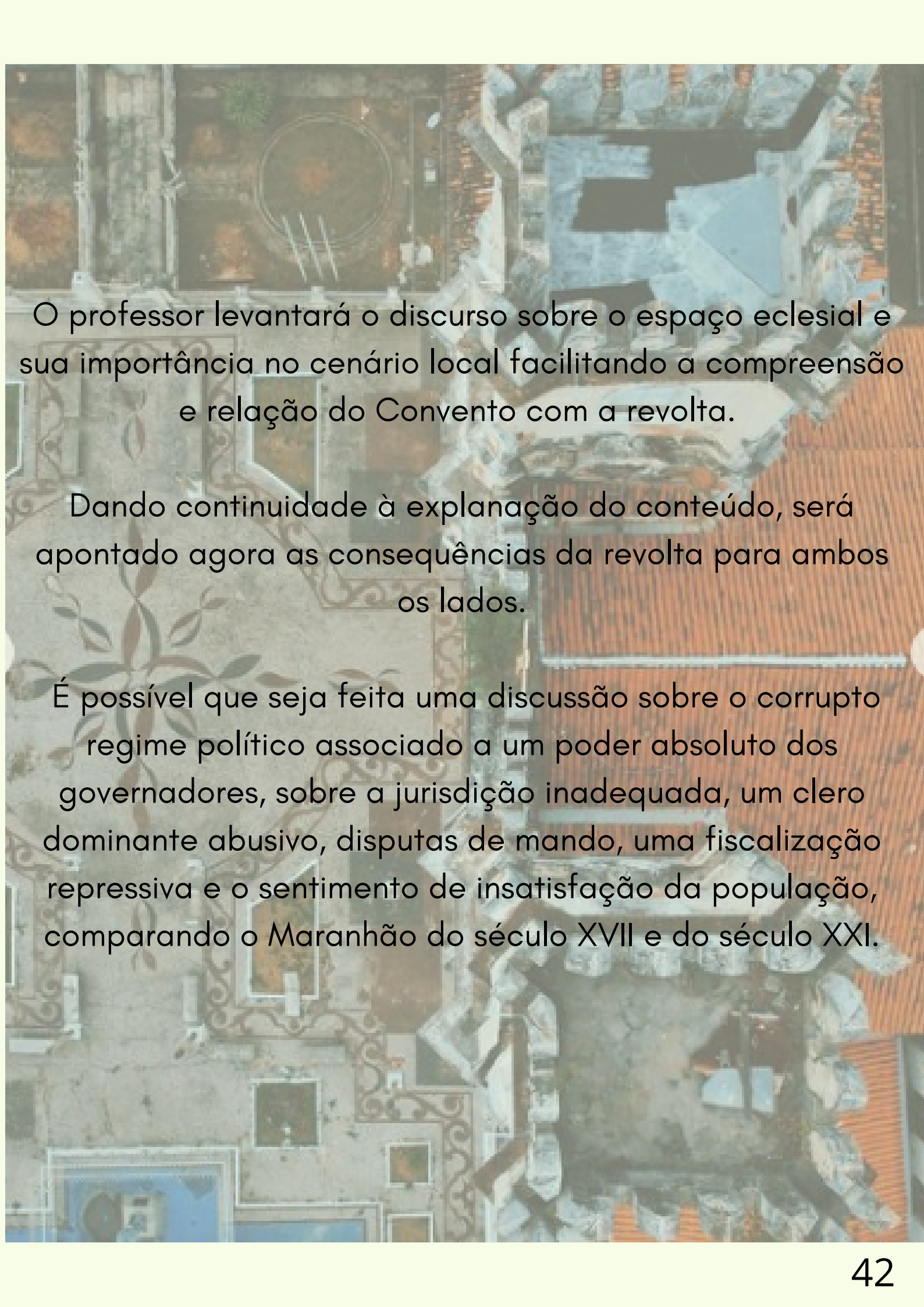
Nessa mesma discussão, levantará questão sobre a organização do motim, aqui o professor usará o espaço do Seminário de Santo Antônio, por ser o lugar onde foi realizada as primeiras reuniões, que de acordo com Moraes (1995) e Lima (2006) partiram os revoltosos.

Esses autores são usados como sugestões de leitura para que o professor utilize como apoio e referência no decorrer da aula.

An aerial photograph of a school campus. In the center is a large, rectangular building with a bright orange facade. To the left of the building is a paved parking lot with several cars parked. To the right of the building is a basketball court with a green and yellow court surface. The background shows more trees and a road with some vehicles.

Como o objetivo desta aula é entender a revolta a partir da Igreja, o professor guiará os alunos ao seminário, deixando claro que a escolha do local é para que os alunos se sintam integrantes das reuniões e organizações dos revoltosos que ali ocorreram.

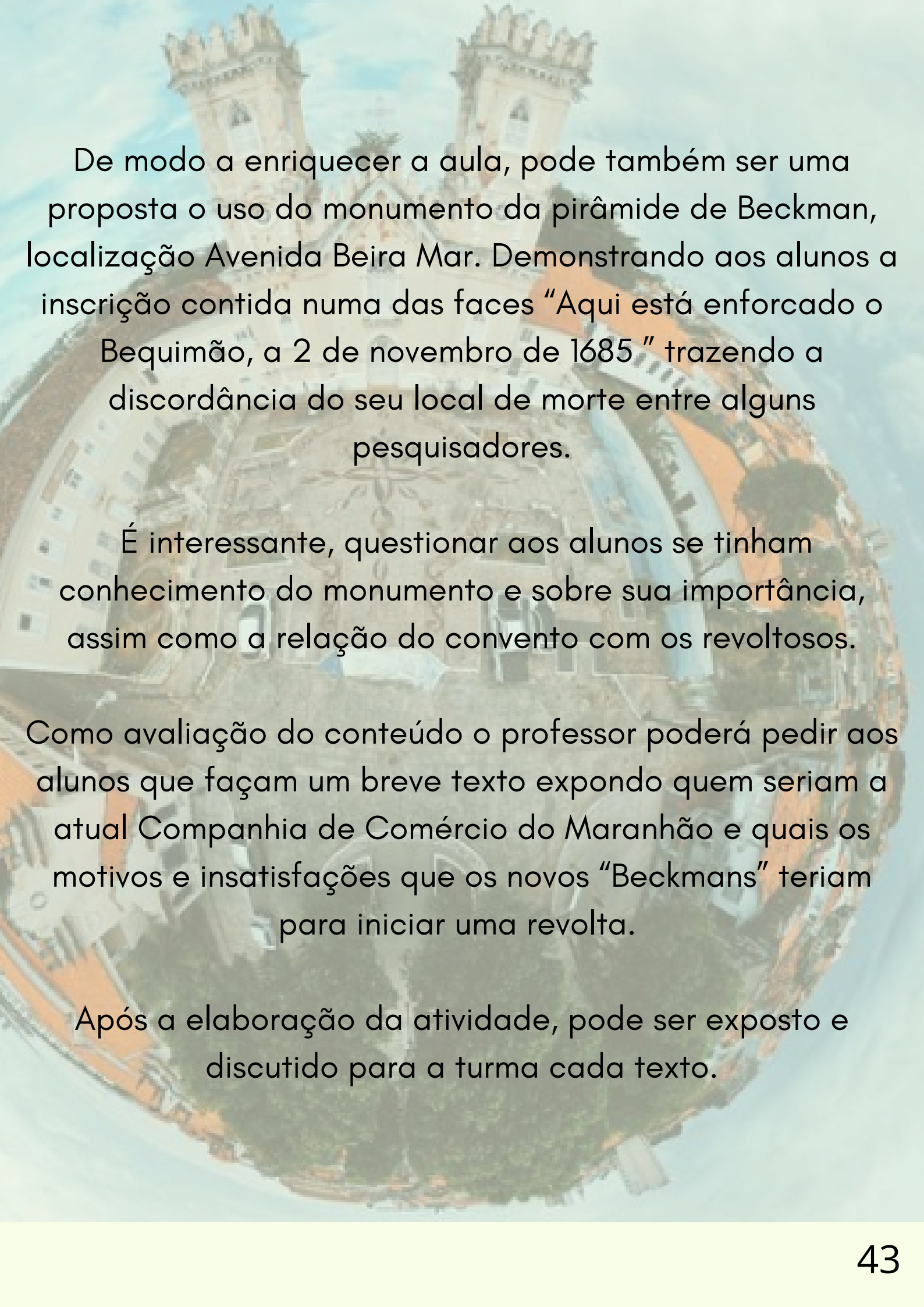
Nesse momento, o professor solicitará à turma que listem os motivos da revolta, pedindo que eles (agora como integrantes) destaquem as causas que os levariam sair das reuniões e partir para o motim.

An aerial photograph of a historical site, likely a convent, showing various ruins and a prominent circular structure in the upper left. The site is surrounded by a wall, and there are several rectangular foundations and walls visible. The text is overlaid on the image.

O professor levantará o discurso sobre o espaço eclesial e sua importância no cenário local facilitando a compreensão e relação do Convento com a revolta.

Dando continuidade à explanação do conteúdo, será apontado agora as consequências da revolta para ambos os lados.

É possível que seja feita uma discussão sobre o corrupto regime político associado a um poder absoluto dos governadores, sobre a jurisdição inadequada, um clero dominante abusivo, disputas de mando, uma fiscalização repressiva e o sentimento de insatisfação da população, comparando o Maranhão do século XVII e do século XXI.



De modo a enriquecer a aula, pode também ser uma proposta o uso do monumento da pirâmide de Beckman, localização Avenida Beira Mar. Demonstrando aos alunos a inscrição contida numa das faces “Aqui está enforcado o Bequimão, a 2 de novembro de 1685 ” trazendo a discordância do seu local de morte entre alguns pesquisadores.

É interessante, questionar aos alunos se tinham conhecimento do monumento e sobre sua importância, assim como a relação do convento com os revoltosos.

Como avaliação do conteúdo o professor poderá pedir aos alunos que façam um breve texto expondo quem seriam a atual Companhia de Comércio do Maranhão e quais os motivos e insatisfações que os novos “Beckmans” teriam para iniciar uma revolta.

Após a elaboração da atividade, pode ser exposto e discutido para a turma cada texto.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, R. R. Restauração e requalificação arquitetônica do conjunto franciscano de São Luís/MA. 177f. (Monografia) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade CEUMA, São Luís, 2015.

COSTA, Y. M. P. Sociedade e escravidão no Maranhão do século XIX. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS, n.20, p. 242- 249, jul. 2018.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. A instituição.

LIMA, C. de. História do Maranhão a Colônia . 2.ed. São Luís: Instituto Geia, 2006. v. 1.

MARTINS, J.R. Antiga e Saudosa São Luís do Maranhão (uma viagem ao passado). São Luís: UniCEUMA, 2010.

MARTINS, S. R.; IMBROISI, M. H. Impressionismo.2018.
Disponível em : <
[https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-
barroca/rococo/](https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-barroca/rococo/) > Acesso em : 23 jun. 2020.

RAMOS,J.E.M. Revolta de Beckman – resumo, causas, o que foi, líderes : Resumo sobre a Revolta de Beckman, causas e consequências, o que foi, objetivo, líderes e o que aconteceu durante a revolta. História do Brasil.net. 12 ago. 2005. Disponível em : Acesso em: 30 jan. 2020.

SOUSA, L. K. P; SILVA, P.C; BEZERRA, M. Língua (portuguesa) e identidade: traços do falar maranhense. USP. São Paulo, n. 2 p. 295-308, jul./dez. 2015.

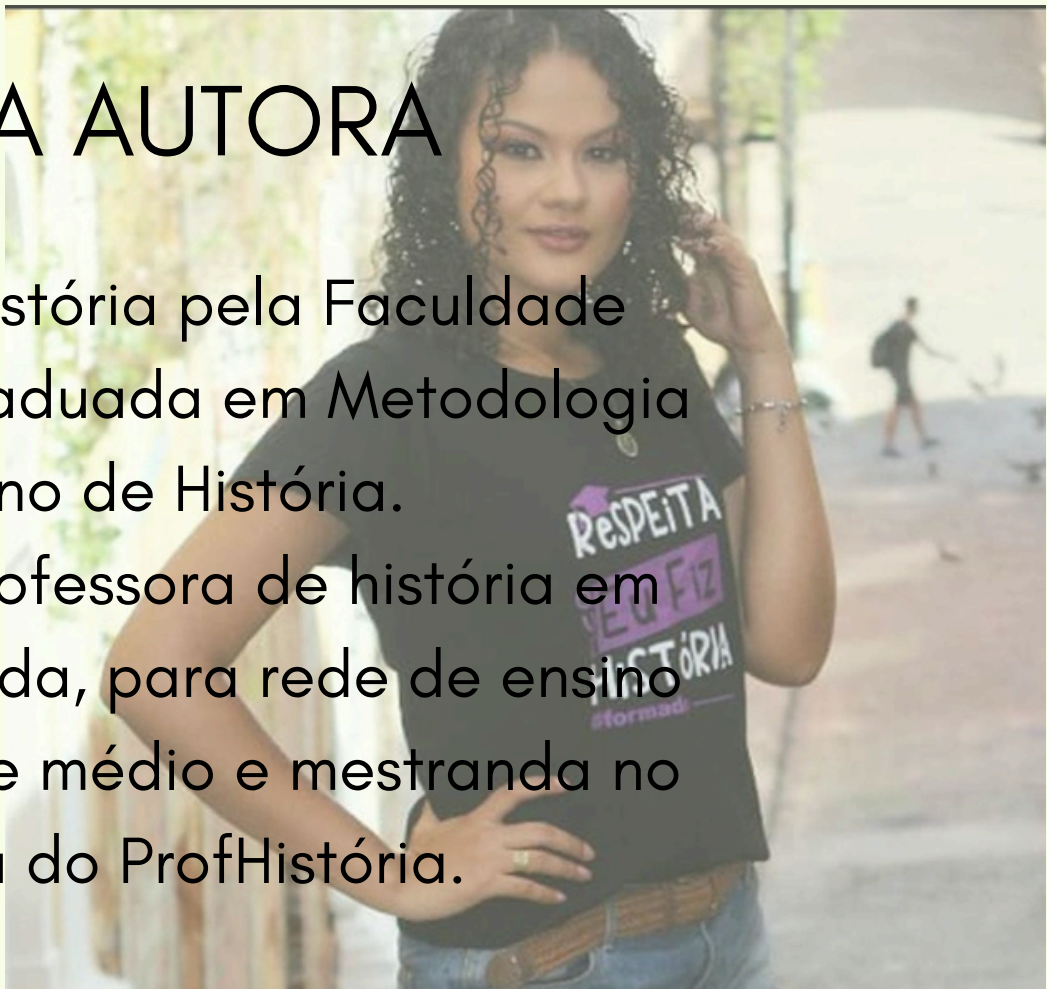
SANTANA, F. de J. S. A tradição discursiva epitáfio em lápides tumulares do século XIX. 100 SOLETRAS. São Gonçalo: UERJ, Ano VIII, N° 15, p. 1- 11, jan./jun.2008.

ZUCCARATTO, J. Cidade de São Luís: uma riqueza quase inesgotável de capelas e igrejas centenárias. Turismoria. São Luís: 2017.

SOBRE A AUTORA

Formada em História pela Faculdade Santa Fé. Pós-graduada em Metodologia do Ensino de História.

Atualmente é professora de história em uma escola privada, para rede de ensino do fundamental e médio e mestranda no programa do ProfHistória.



SOBRE A ORIENTADORA

Graduada em Pedagogia, pela UNEB.

Possui mestrado em Educação pela Federal do Maranhão e doutorado em Educação pela federal do Rio Grande do Norte.

Atuando hoje como professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão.

